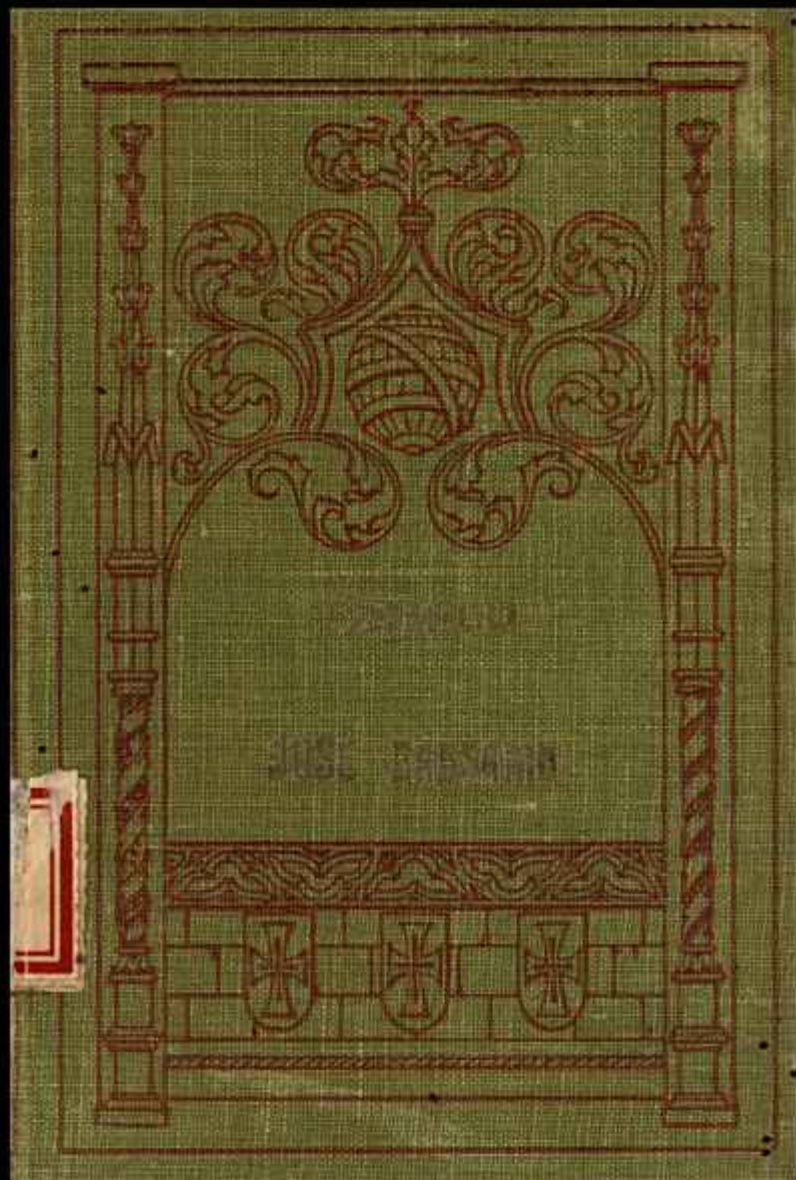




V. 112

O. 112

376

NO MUNDO

A PROCISSÃO

da FESTA





COLECÇÃO LUSITÂNIA

CAMILO CASTELO BRANCO

José Bálamo

Mata-a, ou ela te matará

— EDIÇÃO ILUSTRADA —

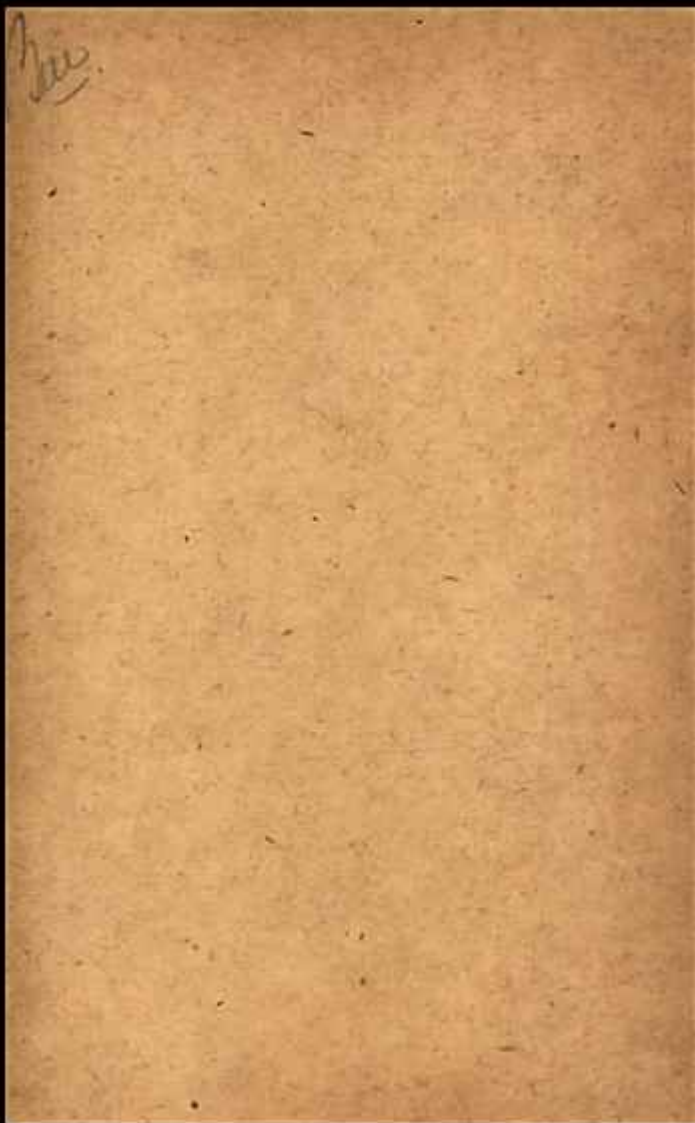


COLECÇÃO LUSITANIA

- 1 — *Amor de Salvagdo*, por C. C. Branco.
- 2 — *Riquezas do Pobre*, por C. C. Branco.
- 3 — *Eusébio Macário*, por C. C. Branco.
- 4 — *Corja*, por C. C. Branco.
- 5 — *Cartas de Amor*, por Róror Mariana.
- 6 e 7 — *Nossa Senhora de Paris*, por V. Hugo.
- 8 — *Amores do Diabo*, por C. C. Branco.
- 9 — *Frei Luis de Sousa*, por A. Garrett.
- 10 — *José Balsamo*, por C. C. Branco.
- 11 e 12 — *Madame Bovary*, por Flaubert.
- 13 — *Menina e Moça*, por Bernardim Ribeiro.
- 14 — *Brasileira de Prazas*, por C. C. Branco.
- 15 — *Camões*, por Almeida Garrett.
- 16 — *Romance dum homem rico*, por C. C. Branco.
- 17 — *Cartas do meu moinho*, por A. Daudet.
- 18 — *Freira no subterrâneo*, por C. C. Branco.
- 19 — *Viagens da minha terra*, por Garrett.
- 20 — *Carrasco de Vitor Hugo José Alves*, por C. C. Branco.
- 21 — *Rasael*, por Lamartine.
- 22 — *O Arco de Sant'Ana*, por A. Garrett.
- 23 — *Mosquito e Silva*, por C. C. Branco.
- 24 e 25 — *Noventa e três*, por Vitor Hugo.
- 26 — *A Religiosa*, por Diderot.
- 27 — *Liuro de Consolação*, por C. C. Branco.
- 28 — *Atala, René, o Ultimo Abencerragem*, por Chateaubriand.
- 29 e 30 — *Ultimos dias de Pompeia*, por Lord Lytton.
- 31 — *Mulheres da Beira*, por Abel Botelho.
- 32 — *O Alfageme de Santarém*, por Garrett.
- 33 — *Fior d'Alsa*, por Lamartine.
- 34 — *Maria da Fonte*, por C. C. Branco.
- 35 — *O Quatre Dr. Mateus*, por E. Chatrian.
- 36 — *Cláudio*, por Lamartine.
- 37 — *Dama das Camélias*, por A. Dumas.
- 38 — *No Bom Jesus do Monte*, por C. C. Branco.
- 39 — *Manon Lescaut*, pelo Abade de Prévost.
- 40 — *Contos escolhidos*, por J. J. Brandão.
- 41 — *Os Sacrificados*, por João Grave.
- 42 — *O Senhor Deputado*, por J. Lourenço Pinto.
- 43 — *Eugénia Grandet*, por Balzac.
- 44 — *Os que amam e os que sofrem*, por J. Grave.
- 45 — *Infância de Frei Quintino*, por U. Loureiro.
- 46 — *Regina e Graciela*, por Lamartine.
- 47 — *D. Branco*, por Garrett.

Em preparação:

- 48 — *Fábulas*, por Lafontaine.





JOSÉ BĀLSAMO

112

CAMILO CASTELO BRANCO

COMPÊNDIO DA VIDA E FEITOS

DE

JOSÉ BÁLSAMO

Mata-a, ou ela te matará



LIVRARIA CHARDRON, DE LÉLO & IRMÃO,
LIM. da, RUA DAS CARMELITAS, 144 - PORTO



COMPANHIA EDITORA

COMPANHIA EDITORA

JOSE BASSANO

Propriedade dos editores

0701002693



PÓRTO — IMPRENSA MODERNA



COMPÊNDIO DA VIDA E FEITOS
DE
JOSÉ BÁLSAMO

CHAMADO
O CONDE DE CAGLIOSTRO

OU

O JUDEU ERRANTE

TIRADO DO PROCESSO
FORMADO CONTRA ELE EM ROMA
NO ANO DE 1790.

E QUE PODE SERVIR DE REGRA PARA SE CONHECER A ÍNDOLE
DOS FRANC-MAÇONS

TRADUÇÃO DO ITALIANO E PREFÁCIO

POB

56970
CAMILO CASTELO BRANCO

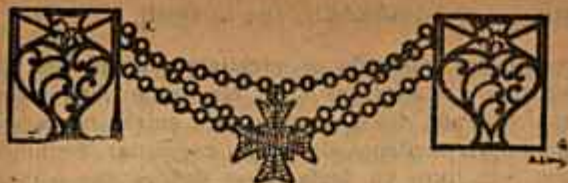
COMPÊNDIO DA VIDA E LETRAS

JOSE BALSAMO

BIBLIOTECA DA F. F. C. L. - ASSIS	
Data	8/6/91
Tombo	8161
2le93	hull

cor. 2
B 4100
v. 2. p.
p. 114





PREFÁCIO DO EDITOR

Torna a gozar a antiga estimação José BÁLSAMO romantizado nas *Memórias de um Médico*, um dos muitíssimos romances sempre novos, sempre admiráveis de Alexandre Dumas.

Publicando a verdadeira vida de José Bálsamo, ou conde de Cagliostro, antepomos-lhe uma notícia que Camilo Castelo Branco escreveu em um periódico literário acerca d'este mesmo livro publicado em espanhol no princípio d'este século. As reflexões escritas a respeito da tradução espanhola, tem aplicação à versão portuguesa que hoje publicamos. José Bálsamo, o cavalheiro industrial que tanto moveu o espanto dos povos e a curiosidade dos sábios, acha-se neste livro reduzido às suas naturais e legítimas dimensões. Al está o homem despidido dos artifícios da fantasia



romanesca, apagado do prestígio com que os novelistas o mascararam. E ele, tal e qual, como safu apurado dos processos para entrar na cadeia a cumprir sentença de prisão perpétua. Sentimos que este livro vá desfazer as ilusões que o imaginoso romancista francês incutiu no espírito dos leitores das *Memórias de um médico*, que a imprensa portuguesa está reeditando; não é desacerto, porém, que ao passo que os romancistas nos mimoseiam com os seus carapetões, os historiadores nos vão ensinando a verdadeira estatura dos homens vulgares que a fantasia doutros aumentam em estaturas fabulosas.

Transcrevemos o aludido artigo que Camilo Castelo Branco intitulou:

JOSÉ BÁLSAMO EM LISBOA

Os leitores das *Memórias de um médico*, por Dumas, conhecem José Bálamo; saibam, porém, que o homem prodigioso inventado pelo esplêndido romancista é uma inocente burla. O conde de Cagliostro não merecia as honras de excitar a fenomenal fantasia de tam ardente cabeça. Se A. Dumas lêsse de espaço o processo de José Bálamo, preso no castelo de S.^{to} Angelo, correr-se-ia de cooperar para a imortalidade dum sujeito que descafu em misérrimo alarve desde que a desfortuna lhe desfilou a máscara de velhacaria, cujo requinte parecia medir-se pelo da sandice dos seus admiradores.

No princípio deste século publicou-se em Barcelona um livro com este título: *Compendio de la*



vida y hechos de Joseph Balsamo, llamado el conde Cagliostro. Que se ha sacado del Proceso formado contra el en Roma el año de 1790, y que puede servir de regla para conocer la indole de la secta de los frances-masones. Traducida del Italiano.

São 313 pag. em-8.º, cheias da vida sordidíssima do aventureiro de Palermo, e de modo escritas que se insinuam como verdadeiras por serem o texto das revelações que de si fez José Balsamo na inquisição, corroboradas pelo depoimento de Lourença Filisiani, sua mulher.

Esta Lourença seguiu-o a Espanha em trajes de peregrina de S. Tiago; mas não consta que o santo se possa gabar de tal visita, por que os romeiros quedaram-se em Madrid, ôle, a propagar que fazia ouro, e ela a ganhá-lo da maneira mais aviltadora.

São histórias ruins de contar num país em que certas desmoralizações se figuram impossíveis como o parricídio para o legislador grego, que lhe não estatuiu castigo.

Não obstante, seja-nos concedido referir o que está escrito da honestidade da snr.ª Lourença, ou condessa de Cagliostro, como ao depois ela a si se agradeceu.

Foragidos por certos motivos vieram dar a Lisboa. Agora que conte o anónimo biógrafo de José Balsamo. Verlemos do espanhol que o traduziu: «Chegados ali, (a Lisboa) o primeiro pensamento de Balsamo foi informar-se, como soia fazer, das pessoas ricas e desenfreadas, e soube que ali havia um negociante, homem de carácter, como lhe convinha. Enviou-lhe logo a mulher a pedir-lhe



uma esmola, e o socorro que obteve foi uma moeda acompanhada de uma torpe pergunta, citando-a para tal efeito em um seu jardim campestre. Por espaço de três meses amudaram-se as idas àquele sítio de..... (1) O medo, porém, de algum desagrado com a família do negociante, furiosa por tais amórios, fez que Bálamo deixasse Lisboa e passasse a Londres..... onde uma criada lhe roubou porção de topácios que tinha ajuntado em Lisboa.»

O negociante que teve a fortuna de hospedar entre as suas flores a esposa do maravilhoso José Bálamo, era o opulento Anselmo José da Cruz Sobral, ascendente do actual conde daquelle último apelido.

Quem quiser saber pormenores desta família predilecta do ministro de D. José 1. leia-os nas *Recordações* de Jácome Raton desde pag. 341 a 350.

Acêrca de Anselmo, ditoso mercador da consorta dum herói de Alexandre Dumas, transladaremos algumas passagens do seu contemporâneo Jácome Raton: «...O irmão mais moço da família, Anselmo José da Cruz Sobral, foi mandado... a Génova para aprender a língua italiana e o comércio, donde voltou casado com uma senhora chamada Maria Madalena Croca... Anselmo José da

(1) O historiador adalgua tanto o fado da história que não se esquece de designar a quantia estipulada no tal convênio burocrático do negociante e da romântica amadora das flores. De Lourença diz um escritor francês: *Sees charmes fournirent plus d'or a son mari que le croquet d'Hermès.*



Cruz tinha viveza e sabia comércio; porém o que ele sabia melhor era distribuir dinheiro com liberalidade em tôdas as ocasiões que se ofereciam de promover o seu interêsse... Em tôdas as ocasiões de regosijo público dava funções que mais pareciam de um príncipe que de um particular... Nada disto admira em um homem que soube grangear com a sua liberalidade tantas fontes de riqueza.»

Anselmo da Cruz não se pejava de apresentar José Bálamo nas salas das mais gradas famílias. Vê-se que o marido de Lourença Felisiani lhe merecera em deferência o que a esposa lhe ganhára do coração. Como prova disto, vem o snr. marquês de Resende com um estimável opúsculo há pouco publicado com este título: *Pintura de um outeiro nocturno e um sarau musical às portas de Lisboa no fim do século passado*. S. exc.^a descreve as pessoas que confluíram ao velho solar das Picóas, residência da família Freires de Andrade, cujo varão depois houve o título de conde de Camarido. Na série das damas e cavalheiros reúnidos para o sarau poético, estavam, escreve o snr. marquês: «...o cavalheiro Pinetti, grande prestigiador; o famoso impostor italiano José Bálamo, que depois de viajar pela Europa, com os nomes supostos de marquês Pellegrini, de conde de Harat, de conde de Phaniz, de marquês de Annas, e por fim de Cagliostro, que tomou em França, onde, na opinião de muita gente que, sem ter fé em Deus, cria em feitiços, passou por evocador das sombras dos mortos, foi depois a Londres, donde veio a Lisboa, com cartas de recomendação para Anselmo José da Cruz



Sobral, por meio das quais se introduziu em várias casas, onde, com a impudência da raça charlatã, se inculcou a algumas pessoas por fazedor de ouro. Do lado oposto estava com os olhos pregados nêle e apontando para êle o perspicaz intendente Diogo Inácio de Pinna Manique, dizendo ao seu particular amigo marquês de Lavradio...: *não me cheira bem aquela cara...*» (1)

Esta notícia do snr. marquês de Resende desdiz da relação biográfica já citada. Propendemos a desconfiar dos apontamentos do esmerado escritor, por que o livro coevo e traçado em face do processo do grão-Copta ou venerável da maçonaria nos faz maior força.

José Bálamo, quando estanceou por Lisboa, chegára de Madrid e não de Londres. É possível e até provável que Anselmo da Cruz Sobral, a fim de conestar a apresentação do forasteiro, se inculcasse autorizado a isso por cartas recomendativas de boa procedência. O que êle não ousava, de-certo, era contar a pessoas tam fidalgas e pelo conseguinte honestas, a origem das suas relações com tal família, consoante as denuncia a história, conformando-se com as declarações da própria consorta do réu processado. O embusteiro, quando esteve em Lisboa, ainda se não tinha agraciado com os vários títulos lembrados pelo snr. marquês. As corôas nobiliárias inventou-as depois, à proporção que ia mudando de terra, perseguido pela justiça. O que êle fazia vislumbrar em Lisboa era

(1) Pag. 13 e 14



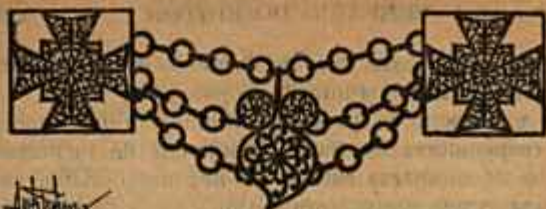
que suspeitava ser filho do Grão-mestre da Ordem de Malta, Manuel Pinto da Fonseca. (1)

A auréola do prestígio alumiaram-lha depois os resplendores de Paris, irradiados de formosos olhos de mulheres calvas do seu magnetismo satânico. Ainda assim, tam assinalado patrocínio não impediu que o conde Cagliostro se amofinasse por cárceres e tribunais, até que, levado a Roma em cata dalgum repouso, a inquisição lho deu maior do que êle quisera, condenando-o a perpétua prisão, em 1789. Seis annos depois, José Balsamo, o *iluminado*, teve a ventura de fechar os olhos à luz dêste mundo. Lourença, a delatora das miudezas mais abomináveis na vida do marido, foi também condenada a prisão perpétua em um convento.

Quando passardes em frente do palacete das Picóas, e vos acudir à lembrança que ali esteve José Balsamo, o profeta da guilhotina de Maria Antoinette e da destruição da Bastilha, rezai-lhe por alma, visto que êle morreu contrito, e se habilitou, por isso, a entrar no reino da glória, que eu a todos vos desejo.

(1) Manuel Pinto da Fonseca alguns filhos teve naturais. De uma senhora chamada Illumineta Paulsche houve uma filha, ascendente de uma família nobre do Porto, apellidada os *Melos da rua Chã*.





PREFÁCIO

A vida de um homem que, por espaço de quarenta e sete anos, quâse sempre esteve em uma espécie de enigma ou mistério, olhada por muitos como um modelo de heroísmo, de religião e de doutrina, e considerada por outros como parto da incredulidade, da impostura e da impiedade, tem feito suspender o juízo da maior parte dos homens, porque nas suas diversas e grandes mutações encheu todo o mundo de sua fama, e porque na sua crise empenha a especiação do universo: podemos bem dizer que esta vida pode ser a causa de uma séria e útil meditação. Agora, que a divina Providência foi servida conduzi-lo a um ponto no qual, pode julgar-se sem argumento de equivocação, haverá motivo o incrédulo para conhecer seu próprio erro, o católico para estar sempre vigilante, e o



ignorante para conservar-se na sua humildade, sem atrever-se a mais, que ao que alcança a debilidade de suas forças, o erudito afirma-se só naquelas coisas que tem por base e fundamento a religião, o homem para tremer da própria miséria, e o mundo todo para conhecer o triunfo da fé e da verdade.

Vamos falar da *Vida de José Balsamo*, conhecido no mundo pelo *Conde Alexandre Cagliostro*, que, para dizê-lo em uma palavra, foi um famoso impostor. Alguns zombam e desprezam aqueles tempos passados, nos quais se tem conhecido homens semelhantes a este, acreditados, aplaudidos, e cridos como semi-deuses. Isto é assim; porém no século décimo-oitavo, aquele que sabe arrogar a si o título de iluminado, excede todos os outros, e deve bem cobrir duma saudável confusão a seus fanáticos elogiadores.

Como pois (perguntará alguém), pôde um impostor adquirir tanta celebridade, e encontrar tanto aplauso, em países científicos, entre pessoas de talento? A irreligião foi seu fundamento, seu guia, e seu tudo. A cada instante se encontram homens, a quem a falta de regulares estudos e sólidos conhecimentos, fomenta uma certa simplicidade, ou, para melhor dizer, um desvanecimento, que facilmente os transporta a seguir qualquer movimento novo, e os faz abraçar os mais incoerentes e ridículos sistemas, por que se levam do raro e do prodigioso; agora vamos descobrir uma inundação de néscios, que atropelando os justos confines do saber, pensam fazer-se superiores a si mesmos: irrompendo qualquer obstáculo, julgam ser bastantes suas forças, e seu poder, para objectar



às verdadeiras leis da natureza, para atrever-se às do santuário, para subir até ao céu, para disputar àquele, *Nec oculos vidit, nec aurie audivit; nec in cor hominis ascendit*; e para poder talvez, blasfemar: *Non est Deus*. Com grande razão tem affirmado autores, que foi menos perniciosa a ignorância dos antigos, do que tem sido útil a sciência dos modernos.

Quando esteve mais inundada de fastos a Europa, que na nossa idade, pelos sedutores de Londres, os Vámpiros, Zifos, Rosacroces, Convulsionários, Magnéticos e Cabalistas? Os Franc-maçonos furiosamente multiplicados, e os já ditos iluminados? Que há em suas conspirações de segredos, evocações, e ridículos ritos? E daqui, que com investigar a *pedra filosofal*, e a *materia primeira*, querem desmentir o irrevogável decreto: *In sudore, vultus tui vesceris pane morte morieris*; daqui nasce, que animados da própria soberba, quebrantam o preceito: *De ligno scientiae boni mali ne comedas*; e se fatigam por possuir o conhecimento das coisas ocultas e futuras. Daqui é que recebem gosto com a voz do tentador inimigo: *Cur praecepit vobis Deus ut non comederetis de omni ligno?* E tranquillamente se abandonam nos braços da gula e da lascívia. Daqui finalmente é que, seguros naquella *Britis sicut Dei*, sacodem o jugo da subordinação e da obediência, e, por igualar-se às mais sublimes potestades, tudo põem em sedução e tumulto.

Estes são os autores dos vantajosos progressos da razão, em cujas bocas não ouvimos outra coisa mais, que humanidade, economia, liberdade



sociável, igualdade, felicidade pública, religião, e moral depurada. Porém, enquanto com estes sedutores nomes pensam justificar todo o delicto, atropelam o sangue dos cidadãos, roubam de mão salva, supondo ter o direito da propriedade, destroem a graduação das ordens, que é o vínculo mais forte da sociedade; tudo respira confusão e revolução, o mau costume forma um capital de glória, e o vício vai em triunfo aos ombros dos seus professores. Não vimos uma multidão de homens, que renunciando àquella verdadeira religião, que os faria felizes nesta vida, e ainda mais na eterna, abandonam as suas almas, e se sujeitam à mais estranha superstição, e prestam uma cega fé a todo o sagaz impostor, que com suas palavras persuade qualquer absurdo e ridículo sistema, porque lhes lisonjeia suas inclinações, e porque enfim lhes faz esperar o complemento de seus desejos?

É desta constante observação que os *Vagamundos* adquirem aplauso, fama, e riquezas, em que se acha menos religião, e mais filosofia à moda. Roma não é boa para eles, porque no centro e capital da verdadeira crença, os erros não podem tomar raízes: A *vida do Conde de Cagliostro* é um testemunho evidente desta verdade. Pelo que, se intentou fazer o presente compêndio, tirado fielmente dos verdadeiros depoimentos do processo instaurado em Roma contra o mesmo conde. A este efeito, a Soberana Pontifical autoridade dignou-se dispensar nas leis do inviolável *decreto*, que com grande fundamento de justiça e de prudência acompanha sempre os procederes da Santa Inquisição.

Geralmente, o povo estima mais os compên-



dios, porque achá nêles as partes essenciaes da história; e a vê seguida sem o incômodo de uma longa leitura, e para não sofrer um de dois defeitos, ao que o autor diga de mais, faltando às leis dum compêndio, ou de menos por brevidade, e em tal caso desfigurar a história. O editor dêste compêndio, mais duma vez se tem visto exposto a ambos os perigos. Por uma parte o acúmulo dos factos era demasiadamente abundante, pelas extravagâncias da vida dêste homem, pois metade, que se quisesse referir, necessitava um grandíssimo volume; no escolher e preferir tem havido bastante difficuldade, temendo que qualquer coisa que se omitisse, pudesse talvez inspirar a curiosidade do publico, ou lesar a integridade da história; por outra parte nem tôdas, nem algumas das especialidades, ainda que interessantes, se podem mencionar; e ainda nas muitas, que se expõem, a justiça, a caridade e a prudência pedem que se suprimam os nomes das pessoas, a indicação dos logares, e na épocas em que ocorreram.

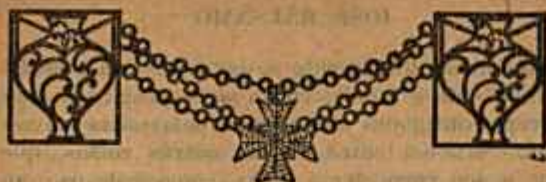
Não obstante isto, no que se tem podido expôr, encontrarão os leitores quanto basta para reconhecer cumprido o objectivo da publicação dêste compêndio. Cagliostro deve olhar-se de duas formas: a primeira por homem de má índole, e perniciosíssimo à sociedade; a segunda por malicioso incrédulo, que desprezou a religião católica, especialmente por seguir seu depravado interêsse. Para ajuntar provas relativas a um e outro respeito, pareceu oportuno tomar algumas noções das más propriedades dos *Franc-mações*, e como investigando sobre a pessoa dêste, antes da sua prisão,



se chegou a descobrir a *Academia* daqueles. Portanto o compêndio será dividido em quatro capítulos; o primeiro se referirá à vida de *Cagliostro* desde o seu nascimento, até à sua prisão em Roma; no segundo se dará uma breve idéa da *Maçonaria in genere*, e um plano *in specie* de *Maçonaria Egípciana*, da qual elle foi o restaurador e propagador; no terceiro se contará tudo quanto elle fez, para restaurar e propagar a tal *Maçonaria*; e no último, finalmente, se exporá o estado da citada *Academia dos Franc-mações*, descoberta, como disse, em *Roma*.

O estilo será aquelle que convém a uma história; referiremos os factos na sua simplicidade, e daremos aquelles indícios, que são necessáros, para apresentar a verdadeira intelligência, e formar a justa critica; mas deixaremos ao leitor a reflexão, a consequência, e o juízo, quanto às fontes das provas sobre as quaes os mesmos factos foram fundados. Querendo dar ao público um bom compêndio histórico, não se pode tecer uma alegação forense, atendendo à indole e à impertinência; não nos pouparemos a fazer, onde seja possível, alguma indicação, e por ella mostraremos com toda a verdade aquellas acções confirmadas por certeza moral.





CAPITULO I

Vida de Cagliostro desde seu nascimento até à sua prisão em Roma

Nasceu *José Bálamo em Palermo, aos 8 de junho de 1743, filho de Pedro Bálamo e de Felícia Bracontero*, ambos de mediana condição. Morto seu pai, que era mercador, e sendo ele menino, tomaram-no a seu cargo uns tios maternos, procurando instruí-lo na ciência da religião e das letras. Ele mostrou-se, desde os primeiros momentos, incapaz de uma e das outras, porque muitas vezes fugiu do seminário de S. Roque de Palermo, para onde tinha entrado aos 13 anos de idade. Foi entregue ao *Padre Geral dos Bons Irmãos*, que o levou consigo ao convento de *Calatagirona* daquela região. Ali, vestiu o hábito de noviço, e, confiado ao cuidado do boticário, aprendeu, *como ele diz*, os princípios da química e da medicina, desistindo, pouco tempo depois, de prosseguir nesses estudos.



Continuando ultimamente a dar sinais da sua depravada vida e indole, viram-se os religiosos muitas vezes obrigados a castigá-lo pelas suas travessuras. Sabe-se, entre muitas outras coisas, que tendo a seu cargo lêr á mesa, como é de uso em tôdas as comunidades religiosas, nunca lia o que estava escrito no livro, mas o que lhe ditava a sua fantasia; especialmente ao proferir os nomes das santas do *Martirologio*, substituíam-os pelos das mais famosas meretrizes. Não querendo sofrer as mortificações e penitências que lhe davam, abandonou o convento e tornou para Palermo.

Por algum tempo applicou-se ao debuxo, porém não se regenerou dos seus defeitos, porque foram muitos e vários os gêneros de excessos a que se entregou. Dedicou-se ao uso das armas e á companhia dos rapazes do país, da vida mais estragada, não havendo pendência em que não tomasse parte, e esmerava-se em resistir aos agentes da policia, tirando-lhes das mãos os réus que iam presos; foi acusado de ter falsificado alguns bilhetes de teatro; roubou a um tio, que o tinha em sua casa, muito dinheiro e alguma roupa; cortejando certa *personagem* a uma sua prima, elle levava reciprocamente os escritos da sua correspondência, e valendo-se desta ocasião, dava a entender ao amante que a menina umas vezes desejava dinheiro, outras um relógio, ou o que mais lhe convinha, as quais coisas pontualmente recebia e furtivamente as apropriava. Mancomunou-se com um escrivão seu parente, e falsificou um testamento a favor de um tal marquês *Mauricio*, do que resultou grande dano a uma obra pia; a falsi-



dade veio a descobrir-se passados alguns anos, e, durante o tempo que elle esteve ausente de Palermo, instaurou-se-lhe processo no qual se provou o seu crime. Tambem se lhe attribuiu o assassinio de um cônego; e igualmente se disse que, tendo-lhe pedido um religioso que lhe alcançasse uma licença do seu superior para ausentar-se do convento, elle a falsificou, extorquindo-lhe por isto algum dinheiro.

Sofreu, por estas e outras proezas, algumas prisões, das quaes saiu livre, ou por falta de provas, ou pela natureza dos delitos, ou pela influencia dos seus parentes. Ultimamente viu-se obrigado a fugir da pátria, dando causa a isto outra ladroeira de *sete centos mil réis ou mais*, da qual foi vítima um ourives, a quem capacitou de que em uma cova no campo havia um grande tesouro, e que elle podia fazer com que o descobrisse. Sob este pretexto, conseguiu haver as mãos a dita quantia, e depois de várias e supersticiosas operações levadas a effecto no dito lugar, arrastou o ourives a uma emboscada, em que lhe appareceram uns poucos de *diabos*, que rijamente o tosaram; na realidade, porém, eram amigos de Balsano, que, de acôrdo com elle, tinham tomado tal disfarce. O ourives, desesperado em extremo, não se contentou em denunciá-lo á justiça, mas jurou vingar-se e matá-lo, o que levou Balsano a tomar o partido de ausentar-se de Palermo.

Uma *carta de noticias*, remetida da dita cidade ao tempo em que nela residia, fornece elementos para se suspellar que este homem se exercitou tambem em *sortilegio*. Dois são os factos,



que no-lo levam a crêr: o primeiro é que, com o pretexto de aplicar um oportuno remédio a uma sua irmã obsessa, pediu ao cura duma freguesia e lugar chamado Bagaria uma porção de algodão molhado em *óleo santo*, que este com efeito lhe deu; sendo falso, no entanto, que elle tivesse tal irmã obsessa; o segundo consiste na aparição de uma dama. Diz-se que, achando-se um dia em companhia de diversos amigos, estes lhe manifestaram o grande desejo que tinham de saber a acção em que estaria occupada naquele momento certa senhora; Bálsamo quis prontamente contentá-los; formou sobre a terra um quadro, passou sobre elle as mãos, e no mesmo tempo appareceu ali delineada a figura da dama, que estava jogando a uma mesa os três seles com três parceiros; foi-se no mesmo instante ao palácio da senhora e achou-se que com efeito era verdade. Do restante, que se referirá na vida d'este homem, poderá cada um comprehender, que fé, e que crédito podem prestar a tais factos.

Fugiu finalmente Bálsamo de Palermo e girou por várias partes do mundo. Quem pôde saber seus verdadeiros feitos, até que veio a Roma, falando as noticias de suas pisadas? Valendo-se do dinheiro que furtou, como acima se refere, passou-se a Mesina, tomando ali amizade com um chamado Altotas, que não se sabe se era grego se espanhol, o qual falava diversas línguas, tinha vários escritos arábicos, e era um grande químico. Embarcaram-se juntos, viajaram pelo Archipelago, e tomaram terra em Alexandria do Egipto, onde, por espaço de quarenta dias, fez o companheiro muitas operações químicas, entre as quais a de formar de



algodão e linho peças como se fôsem de sêda, com o que ganharam muito dinheiro. De Alexandria passaram a Sôdas e ali ganharam também bastante com outras operações químicas. Propuseram-se depois passar dali para o Grão-Cairo, mas, devido aos ventos contrários, foram conduzidos à Ilha de Malta, onde se estabeleceram, trabalhando no laboratório do *Grão-Mestre* Pinto. Depois de algum tempo morreu Allolas, e Bâlsamo tentou passar a Nápoles, valendo-se para este fim da companhia de um cavalheiro a quem o recomendou o mesmo *Grão-Mestre*.

Com o dinheiro que tinha, e o que o citado cavalheiro foi gastando, fez a viagem e sustentou-se algum tempo em Nápoles. Adquiriu ali amizade com um príncipe muito afeiçoado à química, o qual o levou consigo a uma de suas fazendas na Sicília, e daqui veio a ocasião de voltar à Mesina, por se ter encontrado com um sacerdote seu patrício e amigo, que disse ser Bâlsamo um *homem violento e mau*, tanto assim que seus parentes o não queriam, pelas suas más qualidades; que convivera com êle quando estivera em Palermo: e ajuntou que êle fôra um dos *diabos* que ajudaram a sovar o ourives de Palermo. Contudo, quis acompanhar com êle, e despedindo-se do príncipe, seguiram juntos para Nápoles; no caminho foram presos em uma estalagem de um lugar chamado o *Pirro*, por suporem serem êles os roubadores de uma mulher, mas, não lha encontrando, soltaram-os. Depois de estarem algum tempo em Nápoles, resolveram ir a Roma, como fizeram.

Estando em Roma, tomou diversos trajes, umas



vezes de abade, outras de estudante. Por meio de várias cartas de recomendação, que trouxe de Nápoles, relacionou-se com algumas pessoas distintas; tomou conhecimento com o barão de Bretlevil e com outros religiosos seus patricios, e tanto dos subaldios que dêles recebia como de sua indústria se foi sustentando. Adoptou o método de fazer debuxos em papel como se fôsem de estampa, e adornando-os com o pincel e tinta da China, vendia-os como se fôsem feitos à pena. Foi preso por uma pendência que teve com um rapaz, sendo solto no fim de três dias, mas neste pequeno espaço teve ocasião de ver uma senhora chamada Lourença Feliciani, que vivia junto à Trindade dos Peregrinos, namorou-se dela e pediu-a para mulher a seus pais, os quais convieram nisto, dando-lhe um pequeno dote proporcionado à sua condição. Efectuou-se o casamento na paróquia de S. Salvador do Campo, justificando Bâlsamo ser solteiro; por alguns meses habitaram na casa do respectivo sogro, e pai.

O ensino, que Bâlsamo logo entrou de ministrar à mulher, que era ainda muito rapariga, como ella mesmo confessou, foi o de agradar aos homens, e sabê-los atrair: o porte, o geito, o olhar, o vestir todo lascivo e escandaloso; formaram os rudimentos da educação que elle lhe deu. A mãe de Lourença, scandalizada dêste modo de proceder, frequentemente ralhava com o genro, pelo que este se mudou para outra casa, e assim ficou mais desembaraçado para corromper o ânimo e costumes da mulher; apresentou-a logo a dois sujeitos qualificados, instruindo-a do que devia fazer; nenhum



proveito tirou de um, porém com o outro foi mais feliz, porque, levando-a a um determinado lugar, a deixou a sós com elle; passando, entretanto, a outra sala. A entrevista não surtiu o efeito que Balsamo desejava; a mulher resistiu naquella primeira ocasião, saindo intacta, e tendo contado isto ao marido, recebeu d'ele os maiores impropérios e as mais fortes ameaças. Desde esse momento começou a insinuar-lhe a seguinte máxima, que frequentemente lhe repetia: *Que o adultério não era pecado em uma mulher que se entregava por interesse, não por amor, a outro homem.*

Ela enfim acedeu, e o marido tornou-a a levar, por duas ou três vezes, ao mesmo sítio e sujeito, do qual recebeu algumas jóias e bastante dinheiro. Certo dia Balsamo escreveu à mesma pessoa em nome de sua mulher, pedindo-lhe algum dinheiro, que prontamente lhe foi remetido, oferecendo em troca ir no dia seguinte vê-lo, como de facto foi.

Habitaram vários sítios e casas; no entretanto, Balsamo adquiriu dinheiro e relações; principalmente com o muito conhecido Octávio Nicastro, que acabou a vida em um patíbulo como réu de um homicídio aleivoso, e também com outro individuo, que se fazia passar por *Marquês Agliata*, ambos sicilianos. O carácter do marquês não era em nada inferior ao do nosso conde. No meio da grande amizade que os unia, viram-os encerrarem-se frequentemente em uma casa, onde estavam largo tempo, não se sabendo precisamente o que lá faziam; mas sabe-se por certa pessoa, que os observou, que conversando elles um dia, o *marquês* tinha na mão duas *letras*, e confrontando uma com



a outra, disse alvoroçado a Bálamo que não se podiam fazer melhor; indicando por este modo o trabalho da falsificação de uma delas. Adiante veremos o resultado desta obra. O mesmo Bálamo em nada desmerecia da excelência do seu amigo na arte de falsificar firmas e selos. Ele afirmou depois que fez a favor de si mesmo uma *Patente de official de el-rei da Prússia*, no serviço do qual dizia haver estado na qualidade de coronel; a patente era assinada com o nome de *el-rei Frederico*, por cujo motivo Bálamo vestiu o uniforme de um dos regimentos prussianos.

Por fim resolveram-se ambos a abandonar Roma; qual fôsse o impulso preciso desta partida, pode-se julgar da declaração do sogro de Bálamo, e é, que o sogro desgostoso, se apresentou ao governo, accusando-o de falsificador de letras e oferecendo-se para o fazer prender em flagrante delito; donde se pode deduzir que vindo isto ao conhecimento de Bálamo e de Agliata, determinaram ausentar-se de Roma, o que fizeram sem perda de tempo.

Com o marquês Agliata ia a mulher de Bálamo em uma caleça, e em outra ia Bálamo, com o secretário de Agliata, que foi quem pagou todas as despesas. Bálamo deu a entender que isto em nada o affectava, pois não tinha na minima conta a fé conjugal.

Tomando o caminho de Veneza pela via de Lourelo, chegaram a Bérgamo, cometendo pelo caminho algumas proezas. Por muitas vezes viram-os encerrarem-se sós em uma sala, desconhecendo, no entanto, o motivo porque o faziam; o resultado



foi que, trazendo cartas de recomendação dirigidas a várias pessoas, imitaram e falsificaram outras, com as quais apanharam bastantes somas de dinheiro.

Deliveram-se alguns dias em Bérghamo em recrutar e enganar, mas, descobertos pelo govêrno, Balsamo, sua mulher, e a família de Agliata (porque este tinha fugido poucas horas antes) foram presos e, depois de terem sofrido rigorosos interrogatórios, desterraram-os daquela cidade. No acto da prisão deu o marido à mulher um *muço de cédulas*, dizendo-lhe que as rasgasse para salvar a vida; ela tomou o partido de guardá-las no peito, e, no momento propício, reduziu-as a pequenos fragmentos. De nada lhe valeu esta lição, porque logo em seguida, falsificou uma letra de 25 escudos. Mas voltemos a Bérghamo.

Desterrados como dissemos, acharam-se em uma extrema miséria, porquanto tudo tinha levado o marquês Agliata. Balsamo queria retroceder e voltar a Roma, mas o temor das cartas de recomendação que tinha falsificado o impedião. Emfim, determinou com sua mulher fazer uma peregrinação a S. Tiago de Galiza. Quis capacitar os seus conhecidos que isto era um impulso de piedade em penitência dos seus pecados, e dos de sua mulher, mas, na realidade, não foram àquele santuário: elle mesmo declarou aos ditos amigos, que tendo achado melhor modo de vida, que já veremos qual seja, pôs logo de parte aquele projecto, e todas as acções que agora se vão expôr demonstrarão bem qual era a sua intenção. Tendo ambos tomado o *hábito de peregrinos*, atravessaram os



estados da Sardenha e Génova, e foram ao de Antivo, vivendo de esmolas que juntavam em abundância, e dizendo que faziam esta peregrinação por penitência que se impuseram em virtude de terem contraído um matrimónio clandestino. Além das esmolas que obtinham, o marido incitava a mulher a que as tornasse mais abundantes com a torpe indústria de si mesma, e no meio das ameaças que lhe fazia para êsse efeito, juntava estas reflexões de impiedade: *De que te serve a tua virtude? Ajuda-te Deus por ela? Não vês a miséria com que te oprime?*

Em Antivo, alguns officiais de milícia experimentaram os efeitos destas reflexões: com o dinheiro que êles deram, e com as esmolas que adquiriram, continuaram seu caminho até chegar a Barcelona, onde se demoraram seis meses. Faltando-lhe depois o dinheiro para sustentar-se, induziu a mulher a que fôsse confessar-se a uma igreja vizinha à sua casa, pertencente a uns religiosos; que dissesse ao confessor que eram ambos de illustre *família romana*, que tinham contraído um casamento clandestino, e que por falta de oportunas remessas de fundos, se achavam em extrema necessidade. Lourença seguiu estas instruções, e o confessor, julgando ser verdade, deu-lhe algum dinheiro, ainda que pouco; no dia seguinte enviou-lhe alguns comestíveis, e, passando depois a visitá-los, deu-lhes o título de excelência. Esta ficção a declararam ambos, mas o marido attribuiu à mulher sua invenção e êxito.

O zêlo do pároco daquela freguesia consternou-os, porque, não suspeitando bem dêles, pediu-



-lhes a certidão do casamento, a qual não traziam consigo. Para livrar-se de algum desgosto, pediu Balsamo em recorrer à protecção de um *grande*, e, a fim de a obter, não achou melhor meio que a pessoa de sua mulher. Ela era uma rapariga de pouca idade e de mediana estatura, de tez branca, cara redonda, muito bem feita, olhos brilhantes, airoza, e de um porte e fisionomia doce, agradável e lisonjeira, capaz de aprazar a quem a visse: com efeito assim succedeu, nesta, e em outras muitas ocasiões. Apresentaram-se ambos à personagem, e manifestaram-lhe seu estado. Ele mandou retirar o marido e, ficando só com a mulher, perguntou-lhe se na verdade eram casados. Dando-lhe a resposta afirmativa, tomou a seu cargo escrever para Roma pedindo a certidão autêntica; mas o todo atraente da mulher fez-lhe esquecer seu próprio decoro; ela reusou, mas ele deu-lhe tempo para reflectir e despediu-a. Contando, ao depois, tudo ao marido, recebeu d'ele as maiores repreensões; passados alguns dias tornou a conduzi-la à mesma pessoa, a qual, vendo-a chegar, logo lhe perguntou se ao que lhe tinha proposto dizia *sim*, ou *não*. O marido, tomando a palavra, respondeu pela mulher, que *sim*, e se foi logo. A sua resposta produziu efectivamente *quatro ou cinco modas*. Esta soma recebeu a mulher todas as vezes, de *oito em oito dias*, que o marido a conduzia aqúelle lugar.

Quando chegou a certidão de Roma, tinha Balsamo travado amizade, na dita cidade de Barcelona, com um viajante nobre; também este se namorou de Lourença, que o marido igualmente lhe ofere-



ceu. Balsamo bem via que o tempo, como costuma succeder, faria cessar a generosidade do cavalheiro que todos os oito dias dava as quatro moedas, e assim suggeriu à mulher para corresponder e entreter o *viajante*, mas que não passasse daqui, para d'este modo poderem fazer à sua custa a viagem de Madrid, onde queriam ir. A idéa teve bom êxito. Caminhando todos juntos para Madrid e dormindo pelo caminho em duas casas contíguas, o viajante só, e a mulher com o marido; o primeiro, que via que a despesa corria tôda à sua custa, e temendo no fim ser enganado, ameaçou-os de separar-se: então Balsamo, receoso, insinuou à mulher que o atendesse, como tinha de costume, e quâse tôdas as madrugadas êle a despertava, advertindo-a de que era a hora de ir acabar o seu sono na cama vizinha; e de facto ella assim fazia.

Em Madrid, envolvendo-se Balsamo em um pleito, disse à mulher que recorresse a uma pessoa poderosa daquela cidade, solicitando-lhe auxilio. Ella assim fez, e a citada pessoa informou-se, muito por miúdo, da sua vida, inclusivè da amizade que mantinha com o viajante, propondo-lhe que o despedisse, ficando êle em seu lugar. Recusando a proposta, replicou-lhe que quando ella necessitasse da sua protecção não a encontraria, como efectivamente succeden, por que o viajante, não podendo tolerar as excessivas exigências de Balsamo, que ora queria dinheiro, ora vestidos, abandonou-os. Então Balsamo, que de tudo tinha sido instruido pela mulher, mandou-a novamente ao tal poderoso senhor, mas êste, preferindo seu decoro às tentações, repeliu-a.



Vendo-se sem nenhum protector, passaram a Lisboa. Apenas chegaram ali, o primeiro pensamento de Balsamo foi informar-se, como sóia fazer, das pessoas ricas e desenfreadas, e soube que havia um mercador, homem de carácter, como lhe convinha. Enviou-lhe logo a mulher a pedir-lhe uma esmola, e o socorro que obteve foi uma moeda acompanhada de uma torpe pergunta, convidando-a para ir a uma sua quinta. Por espaço de três meses foram frequentes as idas ao sítio indicado, recebendo ela como prémio, de cada vez, vinte moedas. O temor, porém, de algum desaguiçado com a família do mercador, que bramava com tais amórios, fez com que Balsamo deixasse Lisboa e passasse a Londres, não sem que primeiro mandasse sua mulher aprender a lingua inglesa, que lhe ensinou uma rapariga da mesma nação, à qual elle, entretanto, ensinava maus costumes.

Passou a Londres, e ali montou, com todo o descaro, casa de alcouce. Aqui referiremos a trama que urdiu a um homem bastante sério pela sua categoria. Prevêem as leis de Inglaterra, que se um marido surpreender sua mulher em adultério, pode, tendo uma testemunha, ou acusar o adultério aos tribunais, onde é punido com grande rigor, ou calar-se, recebendo em troca a soma de dinheiro que se combinar. Vivendo pois naquela cidade, tomaram amizade com o tal homem e também com um siliciano, que dizia ser o marquês Vivona; o primeiro namorou-se da mulher, e, renunciando a toda a sua seriedade, requestou-a; esta, sem corresponder-lhe, deu parte ao marido, combinando os três, Balsamo, a mulher, e o Vivona



que ela cedesse, mas debaixo de muito segredo, e que lhe aprazasse uma hora certa, pois elles occultar-se-iam em uma sala immediata, e quando ella visse que era occasião de apparecerem lhes faria um sinal, e então surgiriam Balsamo como marido, Vivona como testemunha, e aos gritos, insultos, e ameaças que lhe fariam, elle seria obrigado a largar o dinheiro que trouxesse. Tudo correu segundo os seus desejos. O pobre homem acedeu ao convite da mulher no dia e hora assinalada; começou a comprimentá-la, ao uso da Pensilvânia, dizendo-lhe «ô madama, eu nunca julguei que vos merecesse tanto!» A conversação inflamou-se e chegou tanto ao vivo, que a mulher deu o sinal; entraram de repente Balsamo e Vivona; o homem perturbou-se e, não podendo negar, por muito favor lhe aceitaram cem libras esterlinas, que foram divididas entre os três.

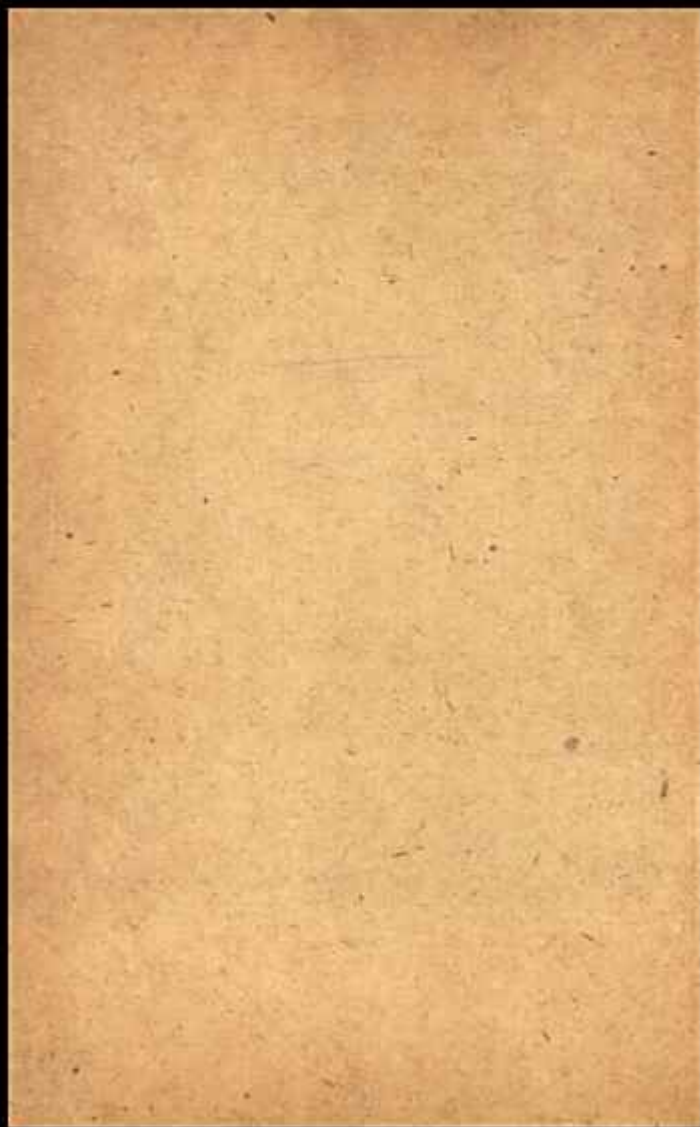
Balsamo e Vivona depressa se desgostaram, e se separaram; Balsamo tinha em seu poder uma porção de topázios que tinha juntado em Lisboa no tempo que ali esteve, e querendo desfazer-se d'elles, encarregou a venda a Vivona, que assentou ser melhor ficar com elles e fugir de Londres. Pouco tempo depois foi Balsamo preso por divida de aluguel. Parecerá bem estranho que este homem, que tanto cabedal adquiriu, se veja muitas vezes, como para diante se verá, reduzido a extrema necessidade: mas acabará toda a duvida, sabendo-se que a natural propriedade do dinheiro mal adquirido, se junta o caracter vão e soberbo de Balsamo, que querendo deslumbrar o mundo, desperdiçava sem medida. É certo que não contando as ofertas





Entraram de repente Bálsamo e Vivona

J. B.



que lhe fizeram e a mulher no largo tempo de suas viagens, em joias, ouro, e prata, elle lucrara seguramente o melhor de cem mil cruzados; mas com todo isto, nos últimos tempos, viu-se mais de uma vez na necessidade de empenhar trastes para comer.

A generosidade de um inglês tirou Balsamo da prisão. Frequentando sua mulher a capela católica de Baviera, teve occasião de falar com um honesto homem, ao qual referiu o estado de seu marido, socorrendo-a elle com quanto foi preciso para pagar a divida; além disso o inglês, por acto de caridade, levou-os ambos para sua casa. Pelas conversas que teve com Balsamo, julgou que elle seria capaz de lhe pintar umas salas na sua casa de campo, e fazendo-lhe essa proposta, Balsamo aceitou com toda a franqueza o emprêgo, ainda que incapaz de tal faculdade. Passaram todos á quinta do inglês, que também levou consigo uma filha que tinha, ainda muito rapariga, a qual se namorou do pintor, não se sabe se por própria inclinação deia se por sedução d'elle; fôsse como fôsse, o que é certo é que, por confissão d'elle mesmo, esta paixão lhe rendeu muito dinheiro.

Causará a admiração de todos ver como este homem soube insinuar-se felizmente no ânimo das mulheres; quem o viu e tratou pode assegurar, com toda a verdade, que o seu aspecto não tinha nada de agradável. Um homem de baixa estatura, de uma cor verde-negra, bastante grosso, olhos carregados, de uma fala siciliana misturada com algumas palavras arcaicas, que o faziam falar uma linguagem quâse hebraica, sem algum daqueles adornos que são comuns no mundo polido, sem



notícias, sem ciência, privado de tôdas aquelas particularidades que excitam o amor nas mulheres: um homem desta qualidade, perguntarão muitos, como teve aceitação do belo sexo, e como, alheado dos sentimentos da virtude, dêle recebeu, não só correspondência, mas até dâdivas? Uma só solução dêste fenómeno nos apresenta o processo; e é, que a dita rapariga inglesa era de uma figura *brutissima e indigesta*: e as outras mulheres que êle soube atrair a si, eram tam avançadas em idade, que não teriam achado correspondência senão em um indivíduo tal como Bâlsamo.

O ânimo do inglês, já indisposto por se ver enganado no trabalho das pinturas, porque Bâlsamo, em vez de adornar as salas, sujou-as, indignou-se em extremo, e muito mais, quando entendeu que lhe tinha seduzido a filha; portanto empregou tôda a sua cólera em os lançar fóra de casa. Esta primeira viagem a Londres foi entre os anos de 1771 e 1772 — segundo declaração circunstanciada feita pela mulher no presente processo; êle, porém, negou com todo o desaforo, na *Carta* que posteriormente publicou, dirigida ao *Povo Inglês* (há um exemplar nos autos exhibido por êle), com ela pretendendo desmentir o que lhe tinha assacado o autor da gazeta intitulada o *Correio da Europa*.

Abandonou Londres, e tomou o caminho de França; em Dovers, contrahiu amizade com um tal Monsieur Duplessis, o qual ofereceu aos dois conduzi-los a Paris, convite que Bâlsamo aceitou, declarando que a jornada se fez pela posta, indo Duplessis em um côche com a mulher, e êle a cavalo.



Não será difficiloso antever o resultado da jornada: a mulher veio por este motivo a chamar-se Madame Duplessis, e Monsieur Duplessis continuou por muito tempo em Paris sustentando tudo a sua custa. A sede com que Balsamo queria vender tão caro a sua mercancia, desgostou o amante que, não sendo muito largo de mãos, entrou a aconselhá-la a que, querendo ella continuar em tal modo de vida, era melhor que o fizesse por sua conta, e não pela de seu marido, ou que ao menos tornasse para Itália e se restituísse a seus pais. Assegura elle que se propôs seguir o segundo conselho. É verdade que um dia abandonou a casa do marido, passando a outra; e, prevenida pelo mesmo Duplessis, levou consigo o pouco que lhe era preciso para vestir-se. Furiosamente desesperado, o marido recorreu á autoridade de Luis XV, e obteve um decreto para que a mulher fôsse presa e metida na casa de Santa Pelágia, onde esteve encerrada alguns meses. Entretanto elle foi viver com uma mulher velha; explicou-lhe o modo de fazer uma certa água efficaz para renovar no semblante o verniz da mocidade, que com effeito lhe deu bastante lucro; mas muito maior o teve da generosidade da madama, que nas suas muitas mutações sempre se mostrou agradada d'elle. Continuou vivendo com ella por algum tempo, mesmo depois da mulher ter saído de Santa Pelágia, e tomou casa por sua conta no sítio da Barreira. É interessante saber, que pelo motivo da prisão de Lourença se formaram autos no tribunal da policia, que lá figuram com o título: *A minha correspondência com o Conde Cagliostro*. Ali está, entre outros, o depoi-



mento de Duplessis, o qual referiu que ainda que Bálamo e sua mulher viveram por espaço de três meses à sua custa, aquelle tinha contraído uma dívida de duzentos mil réis pouco mais ou menos, em modas, cabeleireiro e mestre de dança. Monsieur Lyon era o mestre e, querendo dar um baile a seus discípulos, no dia 21 de dezembro de 1772, Bálamo com prontidão tirou de seus haás ricos vestidos e com sua mulher fez um magnifico par.

Na *Carta ao Povo Inglês* Bálamo impugnou energicamente este facto passado em Paris, sustentando que os casos de Duplessis, e de Santa Pelágia, eram calúnia de seus inimigos; mas como pode elle desmentir os autos judiciais, e as próprias pessoas? Pertinazmente assegurou na dita carta (já então se tinha elle transformado em *Conde Cagliostro*) que José Bálamo, ao qual naquele tempo era prohibido fazer de médico, e Lourença Feliciani presa em Santa Pelágia, nada tinham que ver com o *Conde Cagliostro* e com a *Condessa Serafina Feliciani*, desafiando a policia de Paris a provar o contrário se quisesse.

Deixamos Bálamo na sua casa da Barreira. Aqui succedeu que, tendo já tomado amizade com duas pessoas distintas, se jactou perante elas de possuir as sciências químicas, tam portentosas, pelas quais elle tinha uma fanática afeição. Fez-lhes crêr que sabia a arte de *fazer ouro*, como também o segredo de *prolongar a vida*; engano diabólico para um dêles, porque se achava muito velho. A fim de os confirmar mais no embuste, tomou-lhes das mãos alguns dobrões de ouro da Espanha, e derretendo-os com outra matéria em um





Fez-lhe parecer que tinha crescido a massa
do ouro.

J. B.





cadinho, fez-lhes acreditar que tinha crescido a massa do ouro. Com astes e outros estratagemas sacou-lhes a soma de quinhentos luises; na realidade, porém, ignorante como era em tudo, não lhes revelou nem a áurea ciência, nem o segredo de entreter a morte. Passado o tempo de se cumprirem as promessas, começaram a suspeitar d'ele. Balsamo, conhecendo o perigo em que estava, e sabendo que elles, indignados pelo ludibrio, pensavam em o fazer prender, tomou um passaporte de baixo de outro nome e fugindo com pressa da Barreira, tomou o rumo de Bruxelas, atravessou a Alemanha e Itália e voltou a Palermo.

Mui poucos dias gozou aqui de sossego e liberdade, porque Morano, o ourives que tinha sido por ele roubado como já se referiu, não se esqueceu da injúria e o mandou prender; também por este motivo se quis agregar ao processo a falsificação do testamento do marquês Maurício, mas um empenho dum grande senhor, de quem, passando por Nápoles, tinha logrado várias e eficazes recomendações, o livrou do perigo de uma galera, e foi posto em liberdade com a condição de sair imediatamente daquela cidade. De uma viagem seguida foi com a mulher a Malta, onde, diz elle, que realizou bastantes lucros com o segredo da pomada, ou água para conservar fresca a cutis da cara das mulheres, ou talvez melhor pelo seu modo de proceder a respeito da espôsa.

Passados três meses deixou aquella ilha. Permite-se aqui uma breve digressão necessária para esclarecer as dúvidas, que poderão oferecer-se aos leitores sobre alguma inverossimilhança da história.



Como não achou este homem jamais um lugar onde se estabelecesse firme, e como se anda transportando com tanta facilidade de um a outro polo? Toda a presunção e todo o raciocínio cedem ao facto. Suas viagens são certas, e sua perpétua vagância inegável, sendo fácil encontrar a razão. A um espírito inquieto e ambulativo, unia um modo de vida que em toda a parte necessariamente havia de encontrar, ou mais tarde ou mais cedo, censores, inimigos e perseguidores. A história o irá mostrando.

Da ilha de Malta passou a Nápoles, aonde se demorou muitos meses; aqui obteve vantagens na sua profissão química e cabalística. Entre outros amigos e conhecimentos, tomou o de um mercador e de um religioso embebidos ambos naquelas sciências; o mercador era rico, e o frade servia-lhe de mestre. Pensou logo em separar um do outro, o que conseguiu, para melhor dominar o Animo do primeiro. Esta mina durou pouco, porque sob a promessa illusória de o fazer possuir conhecimentos, que ele chamava sublimes, sacou-lhe boa soma de dinheiro. Entretanto, para dar gosto a sua mulher, fez vir a Nápoles seu sogro e um cunhado. Propôs ao último se o queria acompanhar, no que conveio. A este moço, que era muito bem parecido, bem feito e acomodado aos seus desígnios, determinou procurar-lhe uma mulher de igual génio, ensinar-lhe a mesma norma que tinha ensinado à sua, e fazê-la seguir a mesma carreira, persuadido que com duas mulheres assim amestradas, faria melhor seus negócios. Partiram todos três de Nápoles para França; chegados a Marselha passaram



all algum tempo, durante o qual teve Bálamo ocasião de tomar amizade com uma madama, que, ainda que velha, não tinha perdido a idéa de ser cortejada. Ele agiu de pronto, não deixando perder a ocasião; ou fôsse que a velha se namorasse d'ele, ou seja que ele mostrasse namorar-se dela, concertaram entre si uma ilícita correspondência. Ele mesmo o confessou sem reboço. Foram muitos os presentes que, em dinheiro e em roupa, recebeu da mesma por este título; porém não se fartou com tudo isto. Na sua mocidade fôra esta senhora namorada por certo cavalheiro, que então se achava na mesma idade e muito falto de forças, mas que contudo não tinha desamparado a praça, e portanto mostrava zelos pela pessoa de Bálamo. A velha, que não queria perder nem um nem outro, aquele por muito rico, e este por muito moço e robusto, sugeriu ao segundo que buscasse modo de alentar o primeiro, o que lhe foi fácil por dois motivos, porque, como já ficou dito, o velho sentia algum calor no pé da madama, mas sempre era velho. Bálamo, com sua costumada opinião de segredos químicos, prometeu restituir-lhe uma robustez de moço, e como ele, por sua antiguidade, conservava alguma idéa sobre a sciência da *pedra filosofal*, não pôde Bálamo agir mais a propósito para o embair. Fez-lhe ver diversas operações de lambique, e manteve-o na esperança de vir a fazer ouro, apanhando-lhe boas somas de dinheiro para a compra, que ele dizia ser necessária, dos ingredientes para tal fim.

Contentes assim a madama, o velho e Bálamo, não abandonou este a idéa que tinha urdido sobre a



pessoa do cunhado. Tinha-lhes feito crer que era um cavalheiro romano dos mais principais, e para dar corpo a esta impostura, fô-lo vestir do modo o mais ostentoso. Ele mesmo havia manifestado ser bastante distinto com ter tomado a este fim aquella divisa militar da Prússia, da qual já se fez menção, tudo no intuito de dar por mulher ao cunhado uma das filhas herdeiras da madama, que então estava na fresca idade de catorze anos. Balsamo fez a proposta à mãe, a qual recebeu o maior prazer pelo gosto de aparentar-se com elle.

O casamento não chegou a effectuar-se pela constante repugnância do cunhado e da mulher. Não é possível mencionar aqui os desafôros e maus tratos que ambos receberam de Balsamo por este motivo: suas declarações testemunham, nesta parte, os naturais transportes de um homem do seu carácter, que via escapar-lhe das mãos uma ocasião tam propícia.

Estava chegando o tempo prefixo das esperanças do velho, e Balsamo precisava tomar uma decisão. Deu-lhe a entender que necessitava fazer uma breve viagem para adquirir umas ervas, a fim de poder concluir a grande obra de *pedra filosofal*. Disse à madama ter-lhe chegado nesse momento a noticia do perigo de vida em que se achava seu sogro, o qual o chamava urgentemente a Roma. O velho fez-lhe presente de um belo côche de viagem, e ambos de uma boa soma de dinheiro, e parte outra vez para Espanha. Vende o côche em Barcelona e passam todos três a Valência e depois a Alicante. Um escrito do senhor Sachy, cirurgião, impresso em Strasburgo no anno de 1872, e



citado na resposta de Madame La Motte, no ano de 1786, dá deles bastante notícia no que toca à partida desta cidade, e o contexto demonstrado por Balsamo na referida *Carta ao Povo Inglês*, desmentindo-a, o justifica. Afirmou Sachy ter tratado e medicado em Valência de Espanha a Cagliostro, sua mulher e seu cunhado, viajando o primeiro debaixo do nome de *D. Thiseio Napolitano*, e na qualidade de *tenente com seu uniforme*; ajuntou também, que tendo saído dali, passaram para Alicante, onde Thiseio sofreu os desastres mais desprezíveis que por honestidade e respeito ao público devem calar-se. Com este capital de méritos partiram para Cadiz, onde Balsamo encontrou outro fanático pela química. Relacionando-se com ele, sacou-lhe cerca de oitenta mil réis, debaixo do costumado pretexto de se prover de ervas e de outros ingredientes para compôr a *pedra filosofal*. Também recebeu mais um precioso relógio de repetição, de ouro, e furtou-lhe outro de igual valor, com admirável ligeireza. Pretendeu nas suas declarações negar uma parte destes factos, dizendo ter recebido do dito individuo o referido relógio de ouro e algum dinheiro, e um bom tratamento durante a sua estada em Cadiz, por sua mera generosidade, junta com os scientificos discursos da química.

Naquella cidade separou-se do cunhado, porque presumia lhe tinha tirado alguns de seus haveres e diversas jóias. De Cadiz passou com sua mulher a Londres, para livrar-se da indignação do cunhado, se viesse a descobrir o dolo, como depois succedeu. Nesta segunda residência em Londres tomou conhecimento com certa Madame Fry



e com um tal Mr. Scott, ambos alucinados com os números da lotaria. Deu-lhes a entender que possuía esta sciência, e tanto carregou a fantasia de Scott, de que sabia fazer oiro, que lhe extorquiu grandes somas de dinheiro; mas como nenhum viu o fim de seus desejos, conhecendo o lôgro, denunciaram-o ao tribunal competente. Foi Balsamo por isto mesmo prêso muitas vezes, e por fim tomou o partido de perjurar para libertar-se das seguitas desventuras. Tornaram a dar-lhe o dinheiro que lhe encontraram, porque não se pôde justificar a acusação dos burlados em vista da desculpa do acusado. Jurou, finalmente, nos autos, que nada recebera dêles e a mulher jurou o mesmo; só no presente processo é que ambos fizeram esta declaração.

Os autos sôbre a tal causa formados em Londres e reproduzidos por cópia no opúsculo, *A minha correspondência*, etc., subministram alguma outra circunstância, que merece ser aqui referida. Confessou o dito réu, diante daqueles juizes, que sabia a Cabala, e que, por ter feito certos cálculos astrológicos, adivinhava os números da lotaria; que por este meio tinha feito ganhar a Madame Fry duas mil libras esterlinas; que esta, em agradecimento, tinha dado a sua mulher um colar de brilhantes e uma caixa de oiro, e concluiu desafiando todos a que apostassem em como êle adivinhava o primeiro número que devia sair no ano seguinte. Madame Fry, ao contrário, sustentou que êle, além de lhe ter tirado bastante dinheiro com a burla da lotaria, a persuadir a comprar e dar-lhe um colar de setenta e dois pequenos brilhantes, e uma



caixa de ouro, dizendo-lhe, em segredo, que tinha a arte de engrossar os diamantes e fazer crescer o ouro. Em resumo, tinha-lhe feito crer que tendo aqueles pequenos brilhantes sepultados por algum tempo debaixo da terra, se amoleceriam e inchariam, e que também com certos pós corados, que lhe mostrou, e ele chamava *consolidários*, os faria de novo duros e cem vezes mais grossos.

Muitas testemunhas declararam também ter-lhe ouvido repetidas vezes expender a decantada ciência de converter o azougue em prata, e de fazer crescer a massa do ouro com diversas operações químicas, entrando em todas elas os *pós cor de ouro*. Ele fazia-se chamar a si mesmo umas vezes *Capitão*, outras o *Coronel Cagliostro de El-Rei da Prússia*, de quem mostrava a patente. Depois, na sua terceira residência em Londres, onde correu o impresso da *Carta ao Povo Inglês*, acima citada, não podendo encobrir-se, sofreu ali sete ou oito prisões pela dita causa, e tudo desvanecia com dizer que tinha sido traído pelos advogados e juizes.

Por este tempo começou ele a representar a grande comédia, com que figurou no teatro do mundo. Foi nesta cidade e ocasião que ele se uniu à *maçonaria ordinária*, e que se lhe ofereceu a oportunidade de fundar uma nova seita, ou reforma da maçonaria, de que falaremos no segundo capítulo. Neste referiremos somente as circunstâncias que são necessárias para a intelligência da história, que continuamos. Querendo Balsamo apropriar-se um novo aspecto de impostura, adoptou o da maçonaria, e para o tornar mais útil deu-lhe uma idéa de no-



vidade, com regras, prática e instruções inventadas de antemão. Não é fácil imaginar a multidão que esta novidade levou atrás de si: bastia dizer que êle criou uma quantidade assombrosa de sequazes, que o reconheceram por cabeça e mestre. Veja-se aqui aquele apiauso, e sua origem principal, debaixo da qual o mundo o conheceu, e por muitos anos se falou dêle.

Outras muitas suas combinações conduzem ao mesmo objectivo. Deixemos por agora o facto tão notório do *colar de Paris* e da sua prisão na Bastilha, de que se falará adiante. A sua gravidade, o seu modo de viver e os seus discursos, concorreram para animar a sua maldade. Com o advento da sua maçonaria, abandonou o apelido de *Bálsamo* e tomou o de *Cagliostro*, acompanhando-o com o especioso título de *conde*, e respectivamente de *condessa* a sua mulher. Este foi o mais frequente, mas não foi só o de que usou. Algumas vezes se chamou o *Marquês Pellegrini*, outras o *Marquês de Anna*, outras o *Marquês Bálsamo*, e outras o *Conde Finiz*. Calou sempre a sua verdadeira origem, condição e idade. A alguns dizia que era *ante-diluviano*, a outros, que tinha estado nas *bodas de Canaan*. Uma vez supunha ter nascido em Malla, outras, que reconhecia por seus pais a pessoa do *Grão-Mestre* e da *princesa de Uravisonda*. Falava das suas viagens, de seus estudos, e de suas noções de uma maneira portentosa e sublime. O ter visitado Meca, o Egipto, e outras remotas partes do mundo, adquirido a sciência das *Pirâmides* e penetrado os arcanos da natureza, eram os seus familiares discursos. Muitas vezes usou



também de um misterioso silêncio; mas a alguns que lhe perguntavam por seu nome, ou por sua condição, tomava o partido de responder: *Ego sum qui sum*; e quando apertavam muito com elle sobre esta matéria, o mais em que condescendia era pôr por escrito a sua cifra figurada em uma serpente, que tinha na bôca uma maça trespassada com uma seta.

Não nos devemos esquecer agora daquelas noções químico-médicas de que blazonava, e que contribuíram muito para engrandecer o seu nome e a sua pessoa. Os fanáticos, especialmente na primeira parte, não faltam no mundo, porque o desejo de virem a ser ricos com a sciência de fazer ouro, ou de prolongar a vida, possuindo a *pedra filosofal*, engana com effeito a debilidade de muitos. Quanto à segunda, algumas vezes foi-lhe favorável, mediante as curas de diversos enfermos, que por acaso lhe saíram felizes. Na realidade, elle não era mais que um charlatão. Por fim de tudo, jámais alguém foi rico por elle, e elle o foi algum tempo, à força de enganos e do que mais se tem dito. Um licor que elle denominava *vinho egipciano*, e uns pós a que chamava *pós refrescantes do conde Cagliostro*, foram os principais segredos de que usou. Já vimos que o licor consistia em um vinho ordinário adoçado com coisas cheirosas e próprias para excitar a sensualidade. Os pós eram compostos de ervas usuais, como *chicória*, *chicarola*, *alface* e outras semelhantes; cada papelinho dêles, que não lhe custaria mais de *trinta réis*, vendia-o por um cruzado; porém a *pomada*, ou *agua* para alisar a cútis da cara das mulheres, foi em que esmerou



o seu trabalho; ele bem via que este era um grande meio para adquirir fama, e o crédito de uma metade do mundo enganado naturalmente pela paixão de querer ser môça.

O tratamento, que sempre teve, correspondeu ao resto; raras foram as vezes que não viajou em posta com muitos criados e côches, séquito de cocheiros, laçaios, criados graves, enfim, toda a casta de família ricamente vestida, o que autorizava bastante a suposta nobreza da sua pessoa; algumas librês que mandou confeccionar em Paris, custaram cada uma mais de vinte luises. Salas com móveis da última moda; uma magnífica mesa franca para todos, um rico e soberbo vestuário para si e para sua mulher, acabaram de completar esta grande representação. Sua simulada generosidade adquiriu-lhe maior fama. Por muito tempo curou os pobres de graça, e várias vezes fez-lhes esmolas. Muitos dos seus adoradores e sequeiros maçônicos ofereciam-lhe presentes de valor, tanto em jóias como em dinheiro, que ele pessoalmente recusava; porém, estava de acôrdo com a mulher para lhes sair ao encontro e dizer-lhes que ele se achava possuído de uma misteriosa melancolia, de que naturalmente lhe não perguntariam o motivo, devendo ela, no entanto, manifestar-lhes a angústia em que Balsamo se achava por tardarem as remessas de fundos; e que, não obstante isto, por sua natural vergonha e desejo de fazer bem à humanidade sem prêmio, recusava aceitar as ofertas. Tecendo desta forma o elogio das virtudes de Cagliostro, os presentes duplicavam e, passando-lhe para a mão, ela protestava que seu marido jámais



o saberia. Com este e outros subterfúgios, que adiante se referirão, conseguiu ajuntar as riquezas que desejava.

Preparada assim a maçonaria e todas as outras expostas circunstâncias, apropriou-se este homem aquella celebridade que não tem semelhante na história dos charlatães. Duas coisas há necessidade de advertir aqui aos leitores: a primeira é que, ainda que o estrépito de sua pessoa não se manifestasse todo de uma vez, antes fizesse seus progressos gradualmente depois da época de sua maçonaria, temos forcejado por apresentá-lo debaixo de um só ponto de vista, a fim de melhor fazer crer seu estado e para evitar as frequentes interrupções da história e as molestas repetições dos mesmos accidentes; a segunda é que, nesta reduzida exposição, nada se aumenta nem se altera à verdade. Tudo temos extrahido da sua própria confissão, e dos mais verdadeiros documentos que se acham apensos no processo. Parecerá acaso impossível que isto chegasse a tanto, porém é assim. Quem poderá crer que um homem de tal carácter fôsse recebido na cidade mais culta como um profeta! Que quâse chegasse aos degraus do trono! Que fôsse cortejado dos grandes, e que recebesse de todo o género de pessoas não só actos de benevolência, estima e respeito, senão de homenagem, submissão e veneração! É certamente inegável que tudo isto se verificou na sua pessoa. O fanatismo chegou a tal ponto, que não só nos leques, nos anéis e nos medalhas postas no peito se viu em França estampada a sua effigie e a de sua mulher, tendo-se distribuído grande quantidade de



retratos de suas pessoas, mas até foram esculpidos e fundidos diversos bustos em mármore e em bronze, e se collocaram nos palácios mais illustres. Não chegou aqui só: debaixo de um destes bustos lia-se a inscrição: *Divo Cagliostro*.

Já é tempo de tornar ao fim da interrompida história. No decurso dela se verão as rápidas passagens de uns a outros logares, ainda que em alguns residisse bastante tempo o Conde Cagliostro (assim lhe chamaremos desde o tempo que elle assim se apelidou). Deu-se então a propagar o método mais proveitoso de falar expressamente da sua maçonaria, que enche a maior parte da sua vida ulterior. Divulgada, como dissemos, a maçonaria em Londres, passou a Haya, fazendo ali propaganda da sua sciência cabalística; espoliou a um holandês, louco pelos números da lotaria, a soma de quatrocentos a quinhentos mil réis, dando-lhe alguns números que sabia francos. O holandês partiu para Bruxelas a jogá-los, e no entanto Cagliostro ausentou-se prontamente daquela cidade. Foi a Itália, passou a Veneza, onde tomou o nome de *Marquês Pelegrini*. Publicando seus segredos químicos, apoderou-se do ânimo de um commerciante, no qual, com o fraudulento pretexto de ensinar-lhe o modo de fazer oiro, e de reduzir o algodão a sêda, e de endurecer o azougue, lhe surripiou bastante dinheiro. Por este motivo abandonou repentinamente Veneza e a Itália; voltando à Alemanha, depois de ter estado em várias cidades, fez alto em Mitau da Curlândia. Muitas e singulares atenções recebeu das principais pessoas, que, pela fama de que vinha precedido, o re-



putavam por um homem extraordinário. *Eu não detrei* (disse elle mesmo nas suas declarações), *de sustentar a presença da personagem que me fulgavam, e procedi como os grandes cortesãos.* Foi de todos os grandes visitado, e retribuiu essas visitas. Um d'elles apaixonou-se pela Condessa Cagliostro e manifestou-lhe seus desejos. A principio a mulher recusou-se, e ainda que o marido, depois de ter fundado a maçonaria, tornou a recolhê-la, não obstante isto, com o sentido nas riquezas do amante, persuadiu a mulher a que o contentasse.

Por meio da maçonaria fez-se senhor do ânimo de uma grande parte daquela cidade e nobreza, e não deixou de ir-lhe inspirando aversão ao próprio soberano. Subiu a tanto a cegueira, que lhe chegaram a oferecer o trono, arrojando d'elle seu legítimo possuidor. Elle disse ter resistido a esta tentação pelo respeito devido aos soberanos; porém, a mulher assegura que a resistência foi motivada pela consideração de que tarde ou cedo se descobririam suas imposturas. Seja como fór, o certo é que elle não perdeu tempo nem occasião de recolher muitos presentes que lhe fizeram, em brilhantes, prata e dinheiro, com os quais saiu de Mitau e passou a Petersburgo.

Nesta cidade exercitou-se muito na química e medicina, e, passando a Varsovia, a sua maior proeza foi levar a um estado de perfeita alucinação um rico Príncipe, o qual, fascinado pelas operações de Cagliostro, relativas à sua maçonaria, que tinham muita afinidade com a Magia, lhe mostrou vontade de adquirir essa sciência, e preten-



deu, entre outras coisas, que elle pusesse um *diabo* ás suas ordens. Cagliostro manteve-o por largo tempo nesta esperança e desta maneira apanhou-lhe valiosas jóias e somas de dinheiro. Vendo que não viria a possuir o *diabo*, determinou requestrar a condessa, mas esta não lhe deu ouvidos. Desiludido de uma e de outra coisa, ameaçou-os fortemente, vendo-se áles obrigados a restituir-lhe todos os presentes e a abandonar aquele país.

Tomaram em seguida o caminho de Francfort, onde se delivaram alguns dias, e passaram a Strasburgo. É difficil descrever a receção e o aplauso que Cagliostro teve naquella cidade, de tal forma se divulgára a sua fama. Foi visitado com grande cerimónia por uma illustre pessoa com quem se ligou em estreita amizade, e breve se tornou, especialmente com as obras de maçonaria, senhor despótico, ou, para melhor dizer, tirano do seu ensino. Chegado ao fim de seus projectos, disse então a sua mulher: *eu tenho-lhe virado a cabeça, faz tu o resto*. No meio destes dois fogos, caiu essa pessoa em lhe dar grandes somas de dinheiro, ricas jóias, e muitas prafas. Algumas destas existem e mostram bem a generosidade de quem as deu. Para complemento da obra propôs-lhe o Conde Cagliostro que devia construir-se uma casa para a sua *regeneração física* (que, como veremos, é a impostura fundamental do seu sistema maçónico), e assim lhe extorquiu quantias avultadas. Entre muitos dos seus sequazes, esteve alli certa senhora que tinha vindo doutra cidade a jornadas forçadas para adorar mais de perto a este novo idolo. Tanto naquella occasião como em outras em



que ela leve o gosto de o tratar mais de perto, experimentou os efeitos da sua virtude, e amadureceram os frutos. Partiu, enfim, de Strasburgo, sobrecarregado com o espólio dos outros. Em um seu memorial apresentado depois ao parlamento de Paris, disse ter saído precipitadamente dali para Nápoles, por lhe mandarem dizer que um cavalleiro seu amigo se encontrava moribundo, e que, com efeito, elle estava na última agonia. Nas declarações d'este processo afirmou que se viu precisado a abandonar aquella residência pelas perseguições que lhe moveu a faculdade medica.

Seja como for, é certo que de Strasburgo voltou à Itália, e foi a Nápoles, onde só se demorou tres meses. Pretendeu fazer acreditar, nas suas declarações, que partira tam depressa daquella cidade a rôgo do Conde de Vergennes para tornar a França. Seria uma injúria à memoria doquele illustre ministro dar-lhe crédito. Na representação que enviou ao parlamento francez, diz que partiu de Nápoles perseguido pelos médicos, e ter-se acolhido a Bordéus com o desígnio de voltar a Inglaterra. Sua mulher desmentiu ambas as coisas, declarando que o motivo por que saiu dali foi não ter sido bem acolhida a sua maçonaria.

Tendo tomado o caminho de França, parou em Bordéus, aonde, fazendo muitas curas medicas e operações maçônicas, não esqueceu a arte de roubar e enganar. Adoecendo gravemente de uma moléstia de cólera, por ter sido expulso de uma casa pelo marido de certa madama, pela qual sentia grande paixão, em um dia que seus sequazes maçônicos lhe rodeavam a cama, fingiu cair num



profundo letargo; e contou-lhes depois que tinha tido uma visão celestial. Vamos ver a descrição que dela fez no processo. Viu que duas pessoas o tomavam nos braços e arrebatadamente o transportavam a um profundo subterrâneo. Aberta ali uma porta, foi introduzido em um lugar delicioso, uma espécie de *salão régio todo iluminado*, no qual se celebrava uma grande festa, a que assistiam muitas pessoas todas vestidas de hábitos talaes, reconhecendo entre elas grande número de seus *filhos maçônicos já mortos*. Julgou então ter acabado os trabalhos d'este mundo, e achar-se no *Paraiso*. Deram-lhe um *hábito talar* todo branco, e uma *espada*, como aquella que costuma ter na mão o *anjo exterminador*. Passou adiante e, ofuscado de uma grande luz, prostrou-se e deu graças ao *Ente Supremo* pelo ter feito chegar á felicidade eterna, mas neste meio tempo ouviu uma voz desconhecida responder-lhe: *este é o prêmio que terás, mas ainda necessitas trabalhar muito*. Termina aqui a visão. Ver-se há agora o fruto que dela tirou: se o acreditarmos a ele mesmo, serviu-lhe para poder propagar, onde bem quisesse, a sua *maçonaria*. Se acreditarmos na mulher, isto não foi mais que um conto fabuloso para confirmar na cegueira e no engano os indivíduos que o escutavam. Vejamos agora uma das conseqüências daquela visão celestial: certa *nobre viúva*, seduzida pelas suas charlatanices, deu-lhe grande soma de dinheiro, sob a condição de a fazer possuir um tesouro, que elle disse estar escondido e guardado pelos espíritos em uma casa de campo...

De Bordéus passou a Leão, e a fundação do



conventículo, ou Loja Madre de seu rito egipcião, erecta naquella cidade, foi a grande obra em que empregou o melhor de três meses que alli esteve. Ao patrão, com o pretexto de comunicar a seus sequazes alguns segredos químicos, pediu-lhes quinhentos lúses; os segredos consistiram em fabricar seus célebres *pós refrescativos*, *transformar os metais*, e *fazer ouro*; algumas experiências com o azougue foram tôdas as provas que lhes deu desta última sciência; porém, concluída a obra, acharam-se todos burlados. Para desculpar-se destes maus sucessos, apresentava ora um, ora outro pretexto; sendo o mais freqüente dizer a seus filhos maçônicos que a falta de efeito de suas promessas provinha, ou de algum pecado dêles, ou de alguma murmuração ou incredulidade sobre a sua pessoa e suas sublimes acções. Embriagados como estavam aqueles infelizes na magia de seu sistema maçônico, acatavam, como partindo de um oráculo, as repreensões de seu grande mestre, entrando-se mais na sua cegueira.

Vamos agora finalmente vê-lo chegar a Paris, onde, passados alguns meses, veio a ser alvo de tôdas as palestras, dos receios e da expectação de toda a gente. Tratemos aqui, tão somente, do célebre enredo do colar. Sobre o muito que temido as gazetas e as histórias, no juízo que pelos escritos públicos todos tem podido formar, nos limitaremos a dizer o pouco em que estejamos seguros de não pôr o pé em falso. Não podemos garantir que estivesse em inteira intelligência e acôrdo na execução dos planos de Madame La Motte, porém, podemos afirmar com segurança que



Cagliostro conheceu bem o intuito daquela mulher, que tinha fixos seus pensamentos no precioso colar; mais ainda, previu — e expressamente o declarou nos interrogatórios a que foi sujeito — a iníqua falsificação de firmas, letras e pessoas de que ela usou para levar a bom fim seu malvado intento.

Não obstante isto, foram muitos os artifícios que pôs em prática para que a vítima não desistisse e auferir os resultados que apegava. Ora lhe inspirava amor e ambição, instruindo-a sobre o exercício destas paixões; ora tomava um ar de autoridade, prometendo que, com o poder que o Altíssimo lhe tinha comunicado, obraria de modo a que os negócios surtissem bom êxito; ora usava dos agiões da sua maçonaria, dispondo as operações segundo o desejo dos outros. Neste meio tempo, foi esplendidamente mantido e bem tratado, recebendo magníficos presentes.

Chegou enfim o momento de descobrir-se o enredo; êle pressentiu-o, tentando evitar as consequências, mas já não era tempo. Foi encarcerado com os outros na Bastilha. Não desanimou por isso: leve artes de corromper, a força de dinheiro, os guardas, e abrindo uma janela, comunicou com os companheiros, combinando com êles o modo de haver-se em suas declarações. O próprio Cagliostro, que contou claramente estas circunstâncias, ajuntou também que negara, com descaro, tudo aos juizes, e que sua constância neste particular foi tal que, acareado com Madame La Motte, esta, não podendo sofrer tam pouca vergonha, lhe atirára com um candeeiro à cara. Por tais processos obteve uma sentença de inocência.



Não será desagradável aos leitores ouvir aqui, como em suas declarações na Bastilha, expôs as primeiras acções de sua vida. Converteu o grego ou espanhol Altotas em um mentor incomparável, e seus princípios em um extravagante romance. Supôs ignorar sua pátria e seus pais, mas dando a entender que vinha de uma grande casa, e suspeitando ter nascido em Malta. Sustentou também que, quando pôde reflexionar sobre sua própria existência, se encontrava na cidade de Medina, onde lhe chamavam Acharat, e estava alojado com o Mufli Salaagym, servido por três eunucos e tido em muita consideração. Altotas era seu alo, seu mestre e seu tudo. Ensinou-lhe a religião cristã, dizendo-lhe que seus pais eram nobres e lementes a Deus; instruiu-o na botânica, na química medicinal, na maior parte das línguas orientais e na sciência das pirâmides do Egipto, depositária dos conhecimentos humanos mais preciosos.

Entre lágrimas do Mufli, na idade de dôze anos partiu com Altotas em uma caravana para Meca, onde foi alojado em casa do Xerife. O encontro dêste príncipe com o pequeno Acharat é um lance teatral. Carícias, lágrimas, arrebalamentos, enfim, as mais ternas comoções, indicam aquele grande mistério sobre sua origem, que Balsamo tem sempre querido fazer acreditar. Viveu entre os braços do Xerife por três anos, e partiu depois com Altotas para o Egipto, não havendo coisa mais palpável que a condescendência do Xerife, que entre abraços e prantos, lhe dirigiu estas últimas palavras: *Adeus, desgraçado filho da natureza!* No



Egipto, Acharat penetrou nos arcanos dos Templos, tratando confidencialmente com os seus ministros, e depois, durante três anos, correu os principais impérios da Africa e da Asia. De Rodas passou a Malta, onde, sendo dispensado das leis da saúde, foi recebido no palácio do *grão-mestre Pinto*, e do *cavalheiro de Aquino*, da illustre familia da *Carumânica*. Deixando então os hábitos mussulmanos, Allotas manifestou ser católico e cavaleiro de Malta, no mesmo tempo que o moço Acharat era declarado Conde de Cagliostro. Tomou muitas amizades e teve a honra de comer diversas vezes com as pessoas mais illustres. Morreu enfim Allotas, deixando a seu discipulo os mais úteis conselhos. Como o eunuco negro lhe tinha dito muitas vezes que evitasse ir a Trebisonda, por isso o grão-mestre Pinto aludia amiúde a esta cidade e ao Xarife de Meca. Finalmente Cagliostro passou com um cavalleiro para a Sicilia e depois para Nápoles, de onde, tendo deixado o companheiro, foi a Roma.

Seus defensores expuseram os mesmos traços. A célebre memória apresentada em seu favor no tribunal que o julgou, levava magnificamente estampado na frente o seu retrato, com as seguintes epígrafes:

«Reconhecei o semblante do Amigo dos homens.»

«Todos os seus dias são assinalados de novos benefícios.»

«Ele prolonga a vida e socorre a necessidade.»

«E sua recompensa é o prazer de ser útil.»

Outras diversas legendas adornavam esta es-



tampa, relativas ao fabuloso conto de sua vida. Os advogados de Madame La Motte investiram-o ferozmente, e esforçaram-se em tirar-lhe a máscara, pintando-o como um *ignorante*, um *impostor*, um *incrédulo*, em substância um *herói dos malvados*. Citaram-se os factos, chamaram-se testemunhas, concluindo o julgamento por um paralelo entre elle e o famoso impostor José Borri, que depois de ter seguido os mesmos princípios, e com formais heresias enganado a Europa e feito figura em Strasburgo, foi processado em Roma pela sagrada Inquisição, onde publicamente expiou seus erros e morreu desterrado no ano de 1695.

Atacando assim por todos os lados Cagliostro, seus julgadores, que deviam tornar públicos os factos, limitaram-se a dizer que tudo tinha sido um puro e mero jôgo de sociedade. Nas declarações dêsse processo não pôde negar a abundância de mentiras que disse nas declarações da Bastilha, e nas respectivas defesas, a respeito de seu nascimento, condição e viagens, parecendo-lhe, affirmava elle, que isto tinha alguma similitude com a série de sua vida, e que era sua intenção levar esta comédia até ao fim. Encontrou-se-lhe, entre muitas cartas, um livrinho por elle escrito, que continha as peripécias da sua vida, representada debaixo do mesmo embuste e sistema. Disse que fizera esta resenha, para publicar depois uma história completa. Não deixou de mostrar também nas suas mesmas declarações a constância de seu génio, dizendo coisas fabulosas; ainda que a evidência das provas que o affligiam não lhe permitiu ampliar-se, como diante dos juizes da Bastilha, ao menos pen-



sou expôr uma novidade, trazendo sua descendência de Carlos Mariel da linha *carolina*. É raro que não falasse de tal em França, onde, muito mais que as outras invenções, isto lhe podia abrir uma brecha em seu favor. Os ministros de Roma contentaram-se em que elle dissesse a genealogia desta descendência: porém, ao fazê-la, desmaiou na empresa, como succede quâse sempre aos embusteiros.

Apesar de tudo, nem a fábula exposta sobre o colar, nem a vigorosa contradição de seus adversários impediram, como dissemos, que não obtivesse uma declaração de inocência. Sólto da prisão, sua liberdade foi recebida por seus sequazes, e por uma imensa multidão, com um júbilo extraordinário; públicos, singulares, e significativos, foram os sinais que elles deram com os vivas, iluminações, músicas e outras festas semelhantes; porém o contentamento acabou muito de-prêssa, porque no dia seguinte veio uma *ordem real* para que Balsamo saísse de Paris no prefixo termo de vinte e quatro horas, e de todo o reino dentro de três semanas. Juntaram-se em sua casa grande número de pessoas, que se declararam prontas a tomar armas para opôr-se à *autoridade real*, e defendê-lo: elle, temendo ser vítima de tal revolução, aplacou-os, agradeceu-lhes, e persuadiu-os dizendo-lhes: que *para o futuro faria ouvir a sua voz*. Foi-se a um logar chamado Passy, longe de Paris uma légua, e ali se declarou mais que em parte nenhuma o fanatismo a respeito de sua pessoa. Seguiram-no personagens da côrte, e muitos dos seus sectários, os quais, como um acto importante e de absoluta veneração, lhe fizeram, dois a dois,



a guarda das suas salas, sem que ninguém dêsse um passo para aquele sítio; ignora-se se o fizeram com motivo de maçonaria *algumas mulheres cortesãs*, de uma das quais obteve a paga da patente, mas não em dinheiro; era uma *americana*. Finalmente abandonou a França, e dirigiu-se a Londres.

Chegado ali, conservou a sua palavra, dizendo, textualmente, a seus correligionários: *que de futuro faria ouvir a sua voz contra os ministros, e a corte de França*. Seu primeiro movimento foi queixar-se a El-Rei contra os dois primeiros oficiais da Bastilha, Chevrer e Lounay, imputando-lhes terem-no roubado, no tempo da sua prisão, em uma parte das suas jóias de maior valor. Os muitos memoriais escritos sobre esta proposição, provam cada vez mais a ousadia de Cagliostro. Mentira sobre mentira, eis no que assentavam as suas defesas. Ofereceu-se com toda a prontidão ao juramento supletório, e por último negou a letra de sua mulher, sustentando que ela não sabia escrever, e alegando por prova que, *para evitar as intrigas de amor, as damas Romanas não ensinavam as filhas a escrever*.

O caso foi levado a juízo do conselho de El-Rei, onde se desvendou a calúnia do delator. Não fornecendo a menor prova da sua queixa, ficou desmentido por uma só leve declaração, dada por sua mulher, de que não lhe tinham furtado jóias nenhuma. Não podia levantar um igual testemunho nesta segunda prisão feita em Roma, porque houve o cuidado de, na primeira sala ao entrar para a cadeia, se lhe mandar que escrevesse com minú-



cia uma lista de todas as coisas que tinha em seu poder e em casa. Esta lista elle mesmo a entregou aos ministros que o prenderam, e achia-se trasladada no processo, ficando tudo depositado no Monte de Piedade.

Com o ódio mais infernal, quis arrojarse sobre a corte de França, para o que deu a um seu sequaz a cópia de uma carta sediciosissima que dirigia ao *Povo Francês*, contra a autoridade e sistema de governo; a mesma carta, mais extensa, enviou para Londres. Estava concebida com tais côres de sedução e revolta, que o impressor inglês teve dúvidas em imprimi-la; porém Cagliostro o induziu a isso, e sendo depois traduzida em várias línguas, distribuiu-se profusamente. Buscou todos os meios de apadrinhar o sujeito que a levou a Londres, a fim de que fizesse esforços para a França sacudir o jugo do *real domínio*; enviou-o a dizer, que assim como os Templários tinham vingado a morte do seu grão-mestre, igualmente pertencia aos seus sócios tirar vingança do que elle tinha soffrido em França; as mesmas insinuações fez com força e autoridade a muitos de seus sectários, que repetidamente o iam visitar, e para os tornar mais fervorosos, representou-lhes os encantamentos e agoiros das operações maçónicas, pretendendo também elevá-los a um grau sobrenatural, com um sópro que lhes dera na cara.

Que conseqüências tenham resultado realmente destas e semelhantes disposições tomadas por elle para o mesmo fim, não o sabemos; porém, podemos dizer, que na sua carta dirigida ao *Povo Francês*, fala claro da futura próxima revolução;



que a Bastilha será destruída e virá a ser um largo passeio; e anuncia que reinará na França um príncipe que abolirá os privilégios, convocará os estados gerais e restabelecerá a verdadeira religião. Isto escrevia Cagliostro de Londres para Paris em 20 de junho de 1786. A *Carta ao Povo Inglês*, reconhecia-a por sua, classificando-a de escrita com uma liberdade *um pouco republicana*. No tempo em que viveu em Roma antes da sua prisão, remeteu aos Estados Gerais uma representação em seu favor, para obter a permissão de tornar ali, alegando, entre outras coisas, ser ele o que mais se tinha interessado pela liberdade dêles.

Nesta sua terceira estada em Londres, fez-lhe uma grande guerra, sem lhe dar jamais quartel. Monsieur Morand, director do *Correio da Europa*. Vejamos agora, entre muitos despropósitos médico-químicos que Cagliostro publicava, qual foi o do porco. Confessa ele mesmo na sua *Carta ao Povo Inglês*, que fez imprimir e publicar, ter dito em uma conversação que em Medina os habitantes se livravam dos severos tigres e leopardos, com engordar os porcos à força de *argénico* e depois lançá-los nas selvas onde, despedaçados pelas feras, morressem esus. O gazeteiro contou o caso segundo o seu merecimento, porém Cagliostro descaradamente mandou-lhe um desafio muito novo. Aos 3 de setembro de 1786, afixou um edital em que o convidava a comerem juntos, no dia 9 de novembro, um leitão engordado à maneira de Medina, e apostava 58 guinéus em como Morand morreria, e ele não teria perigo. O gazeteiro não aceitou (e teve juízo), mas Cagliostro em outro edital



insultou-o vilmente, e depois reproduziu estes dois anúncios na sua *Carta ao Povo Inglês*. Morand perdeu a paciência, e fê-lo conhecer ao público com seu verdadeiro semblante, sendo então que uma grande multidão de crédores e de roubados o perseguiram vivamente nos tribunais, o que o obrigou a fugir de Londres, não sem primeiro ter tirado um bom subsidio em dinheiro dos londrinos.

Deixando a mulher naquela cidade, foi estabelecer-se em Basileia. A mulher, ficando em liberdade, e ouvindo as vozes da consciência que a cada momento a repreendiam do teor da sua vida, confiou-se de algumas pessoas, fazendo-lhes confissão de suas acções e mau porte de seu marido; este, sabendo-o, prontamente a foi buscar e obrigou-a a fazer, diante do magistrado de Bienne, uma declaração em que negava todos os delittos que lhe tinha attribuido, assegurando em substância que seu marido sempre tinha sido um homem honrado e muito bom católico. Em Bienne estacionou por muitos meses, e passou a Aix na Sabóia, e depois a Torino. Apenas pôs os pés nesta cidade, foi-lhe logo intimada uma ordem para sair no mesmo instante, e passou a Soveredo. Não teve ali melhor sorte, porque o imperador José II, passado algum tempo, lhe proibiu o exercício da medicina, á qual se tinha applicado. Conveio-lhe enfim sair dali, e partiu para Trento. Publicou depois um livro impresso intitulado: *Liber moralis de Cagliostro dum esset Soborati*. Nêle manifesta suas ridicularias, suas imposturas, e as burletas que cometeu naquela cidade; esta obra mereceria ser lida, se o autor na ex-



lensão latina não tivesse tomado e abusado do estilo dos nossos *Santos Evangelhos*, pelo qual foi de muitos chamado o *Evangelho do conde Cagliostro*; porém é necessário que saiba, quem o tem lido, que o mesmo Cagliostro nas suas declarações confessou a realidade dos factos nêle especificados, vituperando sómente o *estilo satirico e mordaz*.

Julgou aproveitar muito em Trento com a mactonaria, mas enganou-se, em virtude da religião ali existente, que estava sob a guarda dum príncipe-bispo que se não deixou ludibriar pela sua sciência medico-química. Foi obrigado a procurar outro país em que melhor pudesse assegurar seus ganhos por meio da impostura. Estava tam falho de dinheiro, que em Vicenza viu-se obrigado a empenhar, para comer, uma jóia de valor. Mas qual seria o país que o consentiria? Já todo o mundo, ou por sua pessoa ou por noticias, o tinha definido e conhecido como quem era; de Palermo, de França, e dos estados de El-Rei de Sardenha fora expulso por ordem soberana; em toda a parte estava permanente a fama das suas ladroeiras, que o tinham obrigado a fugir. Todo aquelle que por êle fôra enganado (e eram muitos, e em muitas partes do mundo) se o pilhasse ás mãos, tó-lo-ia despeçado. Tinha resolvido voltar a Alemanha, mas entretanto succedeu que o bispo príncipe de Trento recebeu uma carta de pessoa autorizada, em que se lhe porticipava que o imperador José estranhava muito que êle tivesse recebido em seus domínios a um homem de tal condição; isto bastou para que abandonasse o pensamento em que estava de lá voltar. Qual será então o país onde êste des-



graçado há-de ir estabelecer a sua morada? Naturalmente fixou suas primeiras vistas sobre Roma; mas não estava longe de temer as conseqüências dos antigos delitos, apesar de que, no decurso de tantos anos, deviam estar desvanecidos, contribuindo muito para isso a sua transformação de Balsamo em Cagliostro. Ao mesmo tempo preocupava-o a vigilância do príncipe que então governava, circunstância esta que lhe servia de alicação e terror.

No meio desta perplexidade, a mulher, que ardentemente desejava ver e tornar a pátria e ao abrigo dos seus, para resgatar-se de semelhante modo de vida, e à qual as luzes da religião, ainda não de todo apagadas, freqüentemente causavam horror, juntamente com a bem fundada apreensão de um infausto fim, fez quanto pôde para induzir o marido a passar a Roma. Em tantos anos de casada, sempre se tinha visto em um estado infeliz, isto é, ou imersa no pecado, ou vítima dos mais cruéis tratamentos de seu marido, tôdas as vezes que mostrava repugnância em submeter-se às suas malvadas inclinações. Ela assim o declarou; e o *Correio da Europa*, bem informado de todos os sucessos da sua vida, em um de seus números pinta a mulher como a mais *degraçada do mundo*, e o marido como um homem *bestial que cambiava as aparentes ternuras de que a cumulava em público, com a crueldade mais desumana com que a tratava em particular*.

Finalmente ela pintou-lhe as grandes vantagens que poderia auferir de ir a Roma, e tratou este negócio occultamente com um dos cortesãos do príncipe-bispo, e alguns amigos do marido. Os



conselhos destes persuadiram-o; determinou munir-se de cartas de recomendação das pessoas mais distintas, e para alcançá-las do próprio bispo usou do meio da seriedade e da circunspecção, mostrando-se arrependido e pesaroso de continuar exercendo a maçonaria, indo lançar-se aos pés de um confessor ao qual mostrou o mais ardente desejo de tornar ao grêmio da Santa Igreja, e para esse fim voltar a Roma. O confessor capacitou-se facilmente. Referiu ao bispo o arrependimento de Cagliostro, levando-o a dar-lhe as cartas de recomendação que elle desejava. Mas eram muito diversos os sentimentos do seu ânimo, daqueles de piedade e religião, que manifestava. Apenas tornou a casa, depois que acabou a confissão, disse logo a sua mulher: *ô que parvo de clérigo!* Ela assum o declarou; e as cartas a respeito dele, cotejadas com o resto da sua vida, certificam que ella disse a verdade. Não só conservou no coração a veneração á maçonaria, mas naquele mesmo tempo estava prossequindo a correspondência com seus sócios, a respeito de matéria e estilos maçónicos, executando, pelo tempo adiante e sem interrupção, suas funções.

Vindo a Roma com a mulher no fim de maio de 1789, habitou por algum tempo em uma estalagem e depois tomou casa junto á Praça Farnesi. Mostrou em todo este tempo viver occulto, porém a incredulidade e o uso da impostura vinham-lhe por natureza, e o fizeram conhecido. Depois falaremos nos diversos actos maçónicos exercitados em Roma; neste logar referiremos sómente, que a muitas e diferentes pessoas impingiu de novo a

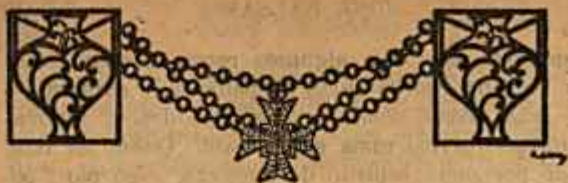


piramidal história do seu nascimento, viagens e conhecimentos, e também de novo empreendeu algumas curas médicas, mas com infeliz êxito. Tendo-se empenhado em curar uma *senhora forasteira* de algumas chagas nas pernas, pôs-lhas quâse gangrenadas. A outra *senhora* de distinção, casada, deu-lhe alguns remédios químicos para conceber, mas ainda hoje é estéril. A outra, muito doente pelos extravios de seu marido, deu-lhe umas pílulas tam inefficazes, que ficou sempre na mesma. Solicitou o amor de certa *senhora* e esta atendeu-o; sua reciproca correspondência mostra as rendidas ternuras que se trocavam, pois chegaram ao ponto de darem um ao outro aneis em fé de matrimónio. Do mesmo modo requestou muitas vezes e da forma mais vergonhosa uma criada de sua mulher, da qual sempre recebeu constantes repulsas.

Mas como isto não rendia nada e se achava exausto de dinheiro, teve que empregar diversos objectos no *Monte Sacro de Piedade*. Reconheceu que havia no país muitos habitantes capazes de calcular seu verdadeiro carácter e pouco decididos a dar ouvidos aos seus embustes, e nenhum disposto a recompensá-lo de forma alguma. A lembrança das suas maldades, especialmente em matérias de fé, a cada momento o affligia e o trazia em uma continua agitação, circunstâncias estas que o levavam a pensar em mudar de terra. Julgou achar uma boa ocasião nas então actuaes circunstancias da França, e portanto fez e enviou á *Assembleia dos estados gerais* uma representação para obter licença de voltar áquele reino, acom-



panhando esta com algumas recomendações. Entretanto não faltou quem suspeitasse, e avisaram-o de que estava sendo processado; depois renovaram-lhe o aviso mais sôriamente. Quem fez isto, fê-lo por mero espírito de ligeireza, e só para poder gloriar-se de ter sido espia de um malvado. Não obstante, Cagliostro não se move, não foge, não despedaça nem oculta as muitas cartas e lembranças que tem escrito, depois de não poder negar suas maldades e delitos. E finalmente preso na tarde de 27 de dezembro do ano de 1789, e, depois de uma rigorosa busca de quanto podia servir ao processo que se formava contra ele, foi encerrado na *Fortaleza do Castelo de Santo Angelo*.



CAPITULO II

Em que se dá uma breve idéa da maçonaria em geral, e uma descrição em particular da maçonaria egipciana.

Até aqui expusemos a *vida civil de Cagliostro*. Vamos agora considerá-lo sob o aspecto de *incrédulo*. Assim como no precedente capítulo demos a descrição das suas operações maçônicas, é preciso agora dar a saber que coisa seja a *maçonaria em geral*, e o que seja, em particular, a *maçonaria egipciana*, por elle adoptada.

A maçonaria é um agregado de pessoas vulgares e de costumes soltos, que se juntam em sociedade, ou, para melhor dizer, em sítio determinado. No anno de 1723, foi pela primeira vez impresso em Londres o livro de suas constituições por Guilherme Hunteer: ali se lê, que naquela cidade e seus arredores se contavam já vinte casas particulares destes sectários, cada uma das quais



linha seu Dêcano, e mandava todos os anos um deputado a uma *assembleia* para a eleição de um superior a quem todos estavam sujeitos.

A maior preocupação dos seus dirigentes foi ocultar a verdadeira origem ou *modelo* que se prepuzeram seguir, para melhor dissimular seu objectivo e fim, que no referido livro impresso em Londres, se diz ser o de fazer florescer a *arquitectura*. Depois, inicia-se a história por Adão, criado à imagem de Deus, que é o grande architecto do universo: no decurso do tempo Moisés e Salomão recebem o nome de grandes mestres e assim continúa percorrendo, idade por idade, por tôdas as nações do mundo e primeiros monarcas, especialmente aqueles que tem sido amantes e protectores da *arquitectura*.

Em outros livros, impressos, em particular, por aqueles que quiseram defender esta seita, intentou-se trazer sua origem; ou de alguns Templários que ficaram refugiados na Escócia, os quais, por motivo das cruzadas, achando-se muitas vezes misturados com os infieis, se viram obrigados a convir em certos sinais para reconhecerem-se, ou de Tomás Cranmer, que se fez chamar *Flagellum Principum* e que no ano de 1558 foi bispo apóstata favorecido de Ana Bolena e depois queimado, ou de *Oliveiro Cromwel*, a quem chamavam o famoso libertador dos reinos, ou do antigo rei Artur.

As casas de reunião denominam-se *lojas*. Seguindo sempre a alegoria da arte mecânica, tem diversas classes e graduações: uns são *moços*, outros *trabalhadores*, outros *mestres*; e assim se dis-



tinguem os moços, que por outro nome são *aprendizes*, *companheiros* e *mestres*. Em muitas lojas há maiores graus, e são: *arquitecto*, *mestre* e outros semelhantes. Dos veteranos, isto é, dos graus mais elevados, escolhem-se os oficiais, que tem diversos títulos, como de *secretário*, *irmão terrível*, *venerável* e outros. As lojas pertencentes a um mesmo rito todas se comunicam entre si, e correspondem-se com uma *loja madre*, cujo caporal, ou presidente, se chama *grande oriente*, e este envia e recebe a todas as suas instruções e oportunos regulamentos.

Os membros de uma classe celebram suas reuniões e realizam as suas funções separadamente das outras; daqui vem que os *aprendizes* não sabem, nem devem saber o que fazem os *companheiros*, nem estes o que pertence aos *mestres*. Para conservar um tal sistema, os indivíduos da seita reconhecem-se entre si por alguns *sinais* recíprocos, e toques de mãos, e também por algumas *palavras* proferidas alternadamente, sílaba por sílaba: e assim cada uma das classes tem distintos sinais, toques, e palavras. Umas e outras mudam também segundo a variedade dos ritos das lojas.

De um grau sobe-se a outro, com intervalo de tempo. Muitas e complicadas são as cerimônias que se fazem para o recebimento, e respectivo acesso aos graus, que sempre tem lugar na loja. Em diversos livros impressos encontra-se o plano; e mais adiante teremos motivo, especialmente no capítulo quarto, de expor diversas particularidades. Ah! há muito de ridículo, mas muito mais de su-

perstição, de profanação, e de abuso das coisas sagradas. Três circunstâncias são aqui assinaladas principalmente. A *primeira*: a obrigação que contraem os indivíduos, de profundo e inviolável segredo, debaixo de um terrível juramento. A *segunda*: a cega obediência que prometem a qualquer ordem de seu superior. A *terceira*: uma incorporação e reunião entre elles, que superando ainda os vínculos de uma natural fraternidade, um ocorre prontamente às necessidades do outro, em qualquer lugar, tempo, e circunstâncias.

Qual deva ser o resultado destas combinações, cada um de per si mesmo pode prevê-lo. Alguém que fez suas observações sobre o carácter dos seus componentes, e especialmente dos seus caporais, julga-os a todos ou ineptos em sciências, ou depravados nos costumes, ou incrédulos da verdadeira fé. Quem tiver conhecimento de algum, facilmente avaliará a importância desta reflexão. Nós, deixando de parte todas as especulações, falaremos de puro facto, e sem mistério. Por muitas denúncias voluntárias, de prisões, de testemunhas e outras apuradas notícias, que com os respectivos documentos se conservam em nossos arquivos, vê-se claramente que os seus officios de sociedade são mentirosos, suas especulações falsas; alguns professam uma descarada irreligião, e outros tratam de sacudir o jugo da subordinação e destruir as monarquias. Este é, indubitavelmente, o fim a que todas obedecem, porém nem a todas, nem a todos, nem a um mesmo tempo se comunica o grande segredo, sem que primeiro os caporais e directores tenham esquadrinhado bem o coração e



regulado as inclinações de cada indivíduo. Antes procuram cultivar-lhes os ânimos com a lisonja de descobertas portentosas que podem remir o homem das suas misérias, concedendo-lhes o uso daquelas paixões, que permitem dar relêvo a todo o infame prazer. Isto não pode causar admiração, sabendo-se que ali domina o partido democrático, que tem por fim atacar e destruir as monarquias.

É portanto bem recomendável a vigilância e zelo dos Romanos e Pontífices em ter condenado e proscrito esta sociedade. A santa memória de Clemente XII na sua *Constituição*, que começa *In Eminenti*, publicada aos seis de abril de 1738, fulminou sobre ela e seus respectivos adeptos *excommunicatio ipso facto incurrenda*, sem alguma declaração e reservada ao mesmo Pontífice, *Preter quam in mortis articulo...* A pena espiritual juntou também a *Constituição* o terror das penas temporais, mandando a todos os ordinários, superiores eclesiásticos e inquisidores da fé velar sobre tais secários e castigá-los condignamente: *Tam quam de heresi vehementer suspectos*.

Clamem a todo o gritar os *incrédulos* que isto foi um fanatismo da Religião. O amor e a observância dela, foi uma das causas que animou aquele sábio Pontífice a pensar de tal modo, vendo os gravíssimos danos que adviriam especialmente de uma reunião de pessoas de todas as seitas, e a importância de um *juramento* de profundo segredo, que só entre elles é conhecido; e viu com Cecilio Natel sobre Minucio Felix, que, *honestas semper publico audent scelera secreta sunt*. Reflectiu que os *conventículos* sempre foram interditados



por tôdas as leis, assim canônicas como civis, e que em qualquer domínio ou govêrno os reconhe-
cem perniciosíssimos à tranqüilidade pública e à
segurança do estado.

Desta forma procurou Clemente XII cuidar no
bem universal de todo o mundo. Porém nos seus
estados fez ainda mais: quis que se publicasse,
como se publicou, um édito com data de 14 de
janeiro de 1739 no qual, debaixo do *irremissivel
pena de morte*, proibiu reúnir-se, escrever-se ou
falar-se da *sociedade dos livres Muratores*, como
perniciosa, suspeita de heresia e sedição, sujeitan-
do à mesma pena o que solicitasse ou inten-
tasse ser nela admitido, ou lhe prestasse aju-
da, favor, conselho ou casa; impõe finalmente a
todos a obrigação de revelá-lo, sob pena de incor-
rer nas penas corporais e pecuniárias a arbitrio,
em caso de transgressão.

O imortal Benedito XIV, animado do mesmo
zêlo, na ocasião do *concílio universal*, nó ano de
1750, compreendeu quanto se tinha propagado a
desordem e o dano produzido pelos chamados *pe-
dreiros livres*, e soube-o com aquella certeza que
lhe subministraram as sinceras confissões de mu-
ltos estrangeiros, os quais, passando a Roma para
conseguir as indulgências, recorreram a êle para
obterem a absolvição da *excomunhão* fulminada
na bula de seu predecessor. Este confirmou-a tam-
bém e publicou-a de novo *per extensum*, com sua
Constituição, que começa: *Providas Romanorum
Pontificum* de 18 de maio de 1751.

As potestades seculares, antes e depois, teem
pensado do mesmo modo. Deixemos, pois, as ri-



gorosas proibições feitas no ano de 1737 em Mannheim, pelo sereníssimo Eleitor Palatino, em Viena, em 1743, em Espanha e Nápoles em 1751, em Milão em 1757, em Mônaco em 1784 e 1785, e também em outros tempos na Sabóia, Génova, Veneza, Ragusa, e outras. Não nos limitaremos só aos países apostólicos, mas também trataremos dos outros.

Por um irrefragável documento conservado nas actas do *Santo Officio*, consta que a *Porta otomana*, no ano de 1748, foi informada de que um francês criara, em Constantinopla, lojas de *pédreiros livres*, isto em casa de um mercador inglês, tendo também convidado os turcos para nelas ingressarem. O capitão Baxá deu ordens terminantes para que a sociedade fôsse encerrada, presos os seus adeptos e incendiada a casa. Tomada a tempo esta disposição, foi tal o terror dos sectários, que desbarataram imediatamente o mobiliário e nenhum deles falou mais em tal. Juntamente, foi intimado o inglês dono da casa para que não os tornasse a admitir, se a não queria ver reduzida a cinzas. A *Porta otomana* informou do facto os embaixadores das côrtes estrangeiras que estavam contentes com a tolerância das igrejas para o uso da religião católica; foi também intimado o francês, que era superior ou cabeça, para que saísse imediatamente da cidade, e de facto logo embarcou, sem mais se ouvir novas d'ele.

Parece que o que até aqui se tem dito é bastante para descobrir o disfarce debaixo do qual se quiere esconder esta sociedade, e para todos se resolverem sèriamente a livrar-se d'este contágio,



Se acaso alguém fica na incerteza do que até agora se tem exposto, ouvirá brevemente as coisas que, no presente processo, disse Cagliostro, ao qual não se pode negar um pleno conhecimento da mileria, como quem por tantos anos viveu entre os maçônicos e é considerado por eles como um gênio sobrenatural.

Ele disse que são muitas as seitas em que está dividida a maçonaria, mas duas são as mais frequentes: a primeira chama-se da *estreita observância*, e pertence aos *iluminados*; a segunda da *alta observância*. Aquella professa uma absoluta incredulidade, obra magicamente, debaixo do especioso título de vindicar a morte do grão-mestre dos templários, tendo principalmente por objecto a destruição total da religião católica e das monarquias. A outra, aparentemente, emprega-se em indagar os arcanos da natureza para aperfeiçoar a arte hermética, especialmente na pedra filosofal; porém, a absoluta subordinação a seu superior e o vínculo do juramento do segredo, indicam que os seus fins são combater o estado e a tranquillidade pública.

Nesta segunda classe, confessou Cagliostro ter-se adscrito em Londres, e igualmente sua mulher, tendo ambos tido suas patentes; Cagliostro pagou a sua com cinco guinéus. Em um mesmo dia foram admitidos aos três graus que compõem a *loja*, que vem a ser, como já se disse: *aprendiz*, *companheiro* e *mestre*, e receberam os arnezes pertencentes ao ministério, isto é, *mandil*, *faixa*, *estola*, *esquadro*, *compasso* e outros mais. A mulher deram uma cinta ou liga, dizendo-lhe que era aque-



la a insígnia da ordem, e nela estavam escritas estas três palavras: *união, silêncio e virtude*, e lhe foi mandado que devia dormir aquela noite com ela, cingindo-a a si. Refere largamente Cagliostro as funções e cerimónias observadas na sua admissão nos dítos graus. Já dissemos que o plano anda impresso em vários idiomas, e que no capítulo iv falaremos disto delidamente. O pouco que aqui diremos dará a idéa do mais. Antes do aceite, exigem-se algumas *provas de valor* do indivíduo que deve ser admitido. Nas que deu Cagliostro, duas foram capazes de mover, não sabemos se o enfado, se o riso. Primeiramente estava na sala uma corda atada de um lado a outro, sendo êle obrigado a dar um salto para, com uma mão, se agarrar a ela, ficando assim por algum espaço de tempo; mas, como era pesado, isto custou-lhe, sentindo alguma dôr e ficando-lhe a mão extensa. Depois taparam-lhe os olhos e deram-lhe uma pistola descarregada, mandando-lha carregar com pólvora e bala, o que êle fez; porém, quando ouviu que a devia disparar contra a testa, como era natural, mostrou tôda a repugnância. Foi-lhe então tirada com desprezo das mãos e levaram-o a ir prestar juramento. Na solenidade e importância dêste, induziram-o a que descarregasse, como já lhe tinham mandado, a dita pistola, que em seguida lhe deram. Com efeito descarregou-a, estando também com os olhos tapados, e sentiu o golpe na cabeça sem lhe fazer a menor lesão; êle observou, em outras admissões, que esta experiência era uma ficção, porque, quando se dá ao iniciando, pela segunda vez, a pistola, esta está descarregada, e



quando vai a dispará-la, outro dispara a carregada, e outro, com um ligeiro instrumento, dá um golpe na cabeça do vendado, que desta forma fica julgando que o tiro lhe acertou, admirando-se por ficar ileso.

A forma do juramento que pronunciou é a seguinte: *Eu, José Cagliostro, em presença do grande architecto do universo, e na de meus superiores, como também da respeitável sociedade em que me acho, obrigo-me a fazer tudo quanto me fôr mandado por elles; e portanto juro, debaixo das penas estabelecidas pelos ditos meus superiores, obedecer-lhes cegamente, sem perguntar o motivo, e de não revelar os segredos, nem por palavra nem por escrita, nem os arcanos que me forem comunicados.*

Admitido assim aos mistérios da seita, não deixou, em todo o tempo que residiu em Londres, de freqüentar aquelas diversas lojas; porém, antes de sair dali, comprou a um livreiro alguns manuscritos que diziam ou pareciam ser de um tal Jorge Coston, por elle inteiramente desconhecido. Viu que tratavam da maçonaria egípciana, mas com um sistema que tinha muito de mágico e supersticioso.

Propôs-se então o nosso Cagliostro criar, debaixo destes traços, um novo rito de maçonaria; tirando-lhe, porém, (disse elle) quanto tinha de mau, que vinha a ser a superstição e a mágica. Com effeito, levou a bom termo o seu desígnio, e o rito por elle fundado e propagado em tantas partes do mundo grandemente contribuiu para a sua celebridade. Disse-se em outra parte qual o impulso desta sua determinação, que foi abrir uma



fonte copiosa de contribuições, já em dinheiro, já em jóias e roupas. Quem já nada cria em matéria de fé, que temor podia ter no meio da multiplicidade das *seitas maçônicas*? Pensou unicamente em realizar, à sombra desta novidade, mais estrondosas extorsões.

Para que se possa compreender tudo o que no decurso de tantos anos e de tantos logares obrou nesta matéria, é necessário expor o plano do sistema, ou rito egípciano, por ele instituído, cotando-o fielmente com o livro que ele compôs, e que apresentou como um código completo. Indo-se buscar a sua casa, solenemente o reconheceu e confessou que por ele sempre se tinha regido no exercício da maçonaria; que este mesmo livro lhe servia de norma às iniciações que fizera em diversas lojas, e que vários exemplares deixara nas *Lojas-Madres* que fundou em diferentes cidades, como veremos.

Os leitores distinguirão bem, sem a ajuda das nossas reflexões, qual e quanta seja a malícia de seu autor, e a fraude que esconde debaixo das mentirosas divisas de piedade, de caridade e de subordinação às leis. Estes são os caracteres da sua impiedade infalivelmente superior e do mais detestável de todos os sistemas maçônicos. O livro, escrito em francês, tem o ressaibo de seu idioma. Cagliostro seria capaz de tanto? Certamente que não. É certo, pelo que consta, que ele inventou e forneceu a matéria, porém para escrever, serviu-se de pessoa de talento, não menos cega que ele em coisas de fé, animada dos encantos de sua vaidade, de seus discursos e operações.



Prometeu ensinar a seus sequazes o sistema de conduzi-los à perfeição por meio da *regeneração física e moral*, e assim fazer-lhes encontrar a *matéria prima* ou a *pedra filosofal*, e a *inocência*, que consolidam no homem as forças da mais sã mocidade, tornando-o imortal; uma vez de posse disto, o homem adquire um *Pentágono* que o restitue ao estado de inocência primitiva, perdido pelo pecado original.

Finge Cagliostro que a *maçonaria egípciana* foi iniciada por Enoch e Elias, que a propagaram por diversas partes do mundo, e que, devido ao giro dos anos, se tinha degradado muito da sua primitiva pureza e esplendor. *Aquela* já tinha sido reduzida pelos homens a uma simples murmuração, e a *outra* pelas mulheres a uma total destruição, por não terem ordinariamente lugar na comum maçonaria. Emfim, o zelo do *grão-Copta* (nome próprio dos *sumos sacerdotes egípcianos*) propunha restituir ao seu primitivo lustre a maçonaria, em um e outro sexo.

Expõem depois os estatutos os requisitos que devem exigir-se aos que querem ser admitidos *aos três distintos graus*, funções e catecismo dos aprendizes, companheiros e mestres, e o número de que se comporá cada classe; os sinais distintivos com que se devem reconhecer entre si; os oficiais a quem cabe presidir e convocar a sociedade; o tempo de suas respectivas reuniões; a criação de um tribunal encarregado de julgar as questões que possam ocorrer entre as *lojas* e as faltas de seus respectivos membros; *aquela estreito vínculo de união* com que são obrigados a proteger-se os irmãos



em particular, e todas as *lojas* em geral, e as muitas cerimônias que se devem observar rigorosamente, assim na admissão dos indivíduos a cada um dos três graus indicados, como nas celebrações das *lojas*.

Em tudo isto há seu tanto ou quanto do sacrilégio, da profanação, da superstição e da idolatria que praticam as outras seitas da maçonaria ordinária: *invocações do santo nome de Deus; prostrações e adorações à venerável cabeça da loja; sopros, aspirações, incensos, perfumes, exorcismos aos candidatos e aos vestidos que hão-de envergare, emblemas da sacrosanta Trindade, da lua, do sol, da pluma, do esquadro, e outras mil semelhantes iniquidades, bem conhecidas de todos. Na maçonaria de que tratamos, há alguma coisa ainda que, pela novidade, apresenta a mais abominável extravagância.*

Já falamos do *grão-Copta*, fundador ou restaurador da maçonaria egípciana, e diremos, a propósito, que Cagliostro não recuou em insinuar que, debaixo d'êste nome, estava a sua pessoa, e, com effeito, todos assim o reconheciam. Neste sistema, o *grão-Copta* é Igual ao *Eterno Deus*; a êle se rendem os actos mais solenes de adoração; a êle se attribue a autoridade de comandar os anjos; êle se invoca em todas as ocorrências; tudo se obra em virtude de seu poder, que se assegura ser-lhe singularmente comunicado por Deus. Porém, ainda há mais: em diversas cerimônias que se realizam nesta maçonaria, está prescrita a reza do *Veni Creator Spiritus*, o *Te-Deum* e alguns *Salmos de David*. Chega a tal extremo a temeridade que no salmo



Memento Domini David, et omnis mansuetudinis ejus, o nome de David é substituído pelo do Grão-Copla!

Nenhuma religião é excluída da sociedade egipciãna: o hebreu, o calvinista, o luterano, o católico, podem indiferentemente ser admitidos, porque acreditam na existência de Deus e na imortalidade da alma, e acham-se já alistados na maçonaria ordinária. Os homens que chegam ao grau de mestres tomam o nome dos antigos profetas, e as mulheres o das sibilas. O juramento que se exige aos primeiros é o seguinte: *Eu prometo, obrigo-me e juro de não revelar jamais os segredos que me forem comunicados neste Templo, e de obedecer cegamente aos meus superiores.* O das mulheres é concebido assim: *Eu, F., juro em presença do grande eterno Deus, de minha mestra, e de todas as pessoas que me ouvem, de não revelar jamais, nem fazer entender, escrever nem fazer escrever, tudo quanto se passa aqui à minha vista, condenando-me a mim mesma, no caso de imprudência, a ser castigada segundo as leis do grande fundador e de todos os meus superiores; prometo igualmente a mais exacta observância dos outros seis mandamentos que me impuseram: o amor de Deus; o respeito a meu soberano; a veneração pela religião e pelas leis; o amor a meus semelhantes; uma reverência sem reserva à nossa ordem, e a mais cega submissão aos regulamentos e leis do nosso rito, que me sejam comunicados por minha mestra.* Ao passar ao terceiro grau de mestre ou mestra renova-se o juramento, porém o livro não refere a forma.



É sabido que na maçonaria ordinária há o costume de dar ao iniciando dois pares de luvas, um para si, e outro para que o dê à senhora que mais estima. O *Grão-Copta*, adoptando semelhante costume, junta a particularidade de se cortarem às mulheres, no acto da entrada, uns poucos de cabelos, que lhes restituem acabada a função, ordenando-lhes que, juntos com as luvas, os dêem ao homem que mais estimam. Particulares e sacrílegas são igualmente as formas com que se admitem os candidatos à posse de seus respectivos graus. Referiremos somente o que respeita à mulher aceita ao grau de *aprendiza*, e outra correspondente ao homem que sobe ao grau de *companheiro*. Na primeira, a *mestra* dá um sopro na cara da candidata, prolongando-o desde a fronte até à barba, e pronunciando estas palavras: *Eu vos dou este sopro para fazer brotar e penetrar em vosso coração a verdade que nós possuímos; eu vo-lo dou para fortificar em vós a parte espiritual; eu vo-lo dou para confirmar-vos na fé de vossos irmãos e irmãs, segundo as obrigações que tendes contraído. Nós vos criamos filha legítima da verdadeira adopção egípciana e da loja, etc.; nós queremos que vós sejais reconhecida nesta qualidade por todos os irmãos e irmãs do rito egípciano, e que vós gozeis das mesmas prerrogativas; nós vos damos o poder para ser desde agora em diante e para sempre mulher franc-maçon e livre. Quanto aos homens que sobem ao grau de *companheiro*, o mestre fala-lhes assim: *Pelo poder que tenho do Grão-Copta, fundador da nossa ordem, e pela graça de Deus, eu vos confiro o grau de companheiro e vos**



constituo custódio de novos conhecimentos, os quaes vos participaremos em os nomes sagrados de Xalio, Melion e Talhagramaton.

No caderno da seita dos iluminados, impresso em Paris no anno de 1789, refere-se que estas ultimas palavras foram sugeridas por Cagliostro, como santas e arábicas, de um certo jogador de pelóaticas, que dizia estar assistido de um *espírito*, que era a alma de um hebreu cabalista, o qual por arte mágica tinha morto o padre antes da vinda de Jesus Cristo.

Os *maçónicos ordinários* tem por protector S. João Baptista, e por isso o homenageiam, ao contrario do rito de Cagliostro, onde é S. João Evangelista (neste dia foi Balsamo prêso em Roma) o festejado, dizendo elle que em virtude da grande afinidade que há entre o *Apocalypse* e as diversas passagens do mesmo rito. Delas convém aqui falar, para plena intelligência da impiedade do sistema e das operações em que continuamente se exercitou, como veremos.

Na passagem dos homens ao grau de *mestres*, prescreve-se a seguinte execranda função: toma-se um menino ou menina que esteja no estado de inocência (a que se dá, respectivamente, o nome de *pupillo* ou *pomba*), a qual recebe, comunicado pelo *veneravel*, o poder de que, antes da queda do homem, estava investida, e em especial o de mandar os *sete espiritos* puros que dizem existentes no trono divino e que regem os sete planetas, assim nomeados no sistema ou livro de que vimos tratando: *Anael*, *Micael*, *Gabriel*, *Uriel*, *Zobiaquel*, *Anaquel*,



Conduzida a *pupila* à presença do *venerável*, esta dirige, juntamente com os membros da *loja*, orações a Deus para que se digne permitir-lhe o exercício do poder que lhe foi comunicado pelo *Grão-Copta*, afim de que possa obrar segundo os mandamentos do *venerável* e servir de mediadora entre *Ele* e os espíritos que se chamam *Intermediadores*. Depois, vestida com um hábito talar branco, adornada de faixa de turquesa e cordão encarnado, e aspirada com um sôpro, encerram-a em um Tabernáculo, que é um lugar apartado do Templo, armado de branco, tendo por lórá uma porta de entrada, uma janela pela qual se há-de ouvir a voz e, no interior, uma pequena mesa onde ardem três velas. Renova o *venerável* as orações, e começa a exercer aquele poder que diz ter recebido do *Grão-Copta*, obrigando os sete anjos a comparecer perante a *pomba*. Quando esta anuncia a sua presença, aquele ordena-lhe, em virtude do poder que Deus conferiu ao *Grão-Copta* e o *Grão-Copta* lhe comunicou a *ele*, que pergunte ao anjo *Anael* se o candidato tem os méritos e os requisitos necessários para se elevar ao grau de *mestre*, e, sendo a resposta afirmativa, passa a outras cerimônias e funções necessárias para a elevação do *iniciando*.

A mesma cerimônia se prescreve para a *elevação das mulheres ao magistério*, mas com alguma diferença; a *pomba*, colocada, como se disse, no Tabernáculo, é-lhe ordenado que faça comparecer um só dos sete anjos e que lhe pergunte se será permitido levantar o véu com que está coberta a *inicianda*. Seguem-se outras supersticio-



sas cerimônias, e depois o venerável diz à pomba que mande comparecer os outros seis anjos, aos quais se dirigirá nos seguintes termos: *Pelo poder que o Grão-Copta conferiu a minha mestra, e pelo que eu dela obtive, ordeno-vos, anjos primitivos, que consagreis estes hábitos, fazendo-os passar por vossas mãos. São estes hábitos os vestidos e insígnias da ordem, e juntamente uma coroa de rosas secas.* Quando a pomba certifica que os anjos realizaram a consagração, ordena-se-lhe que faça comparecer Moisés, a fim de que também abençoe os ditos vestidos, e tenha nas mãos a coroa de rosas durante o resto da cerimônia. Depois lançam-se pela janela do Tabernáculo os vestidos, as insígnias, e, entre elas, as luvas, que levam escrito no meio: *eu sou homem*; e tudo se entrega à candidata. Seguem-se outras perguntas à pomba, especialmente para dizer se sim ou não Moisés teve sempre na mão a coroa, e, respondendo que sim, põe-se-lhe na cabeça. Finalmente e após outras práticas igualmente sacrílegas, faz-se uma outra pergunta à pomba: se a Moisés e aos sete anjos foi grata a promoção? Invocada a vinda do Grão-Copta para que também a abençoe e aprove, fecha-se a loja.

Não será importuna uma breve digressão, que possa servir de desengano àqueles que porventura tenham tido a desgraça de cair nesta cegueira. O Grão-Copta, o restaurador da maçonaria egípciana, o conde Cagliostro, mostra em diversas partes do seu sistema ter em grande conta o patriarca Moisés. No entanto, o próprio Cagliostro declarou espontaneamente ter alimentado sempre em seu Ani-



mo uma insuperável antipatia contra o mesmo Moisés. Em sua opinião, Moisés foi um ladrão, por ter tirado aos egípcianos seus vasos; e, em face dos mais claros argumentos com que o refutaram, procurando convencê-lo do seu erro, pífida e obstinadamente sustentou seu modo de ver, o que faz supôr ter visos de verdade o que foi dito por sua mulher — que a antipatia de seu marido por Moisés procedia de origem mui diversa, qual era a de ôle não comparecer a seus trabalhos maçônicos. No entanto, amára sempre os hebreus como a si mesmo, e costumava dizer que é a gente mais bela do mundo.

Mas voltemos ao nosso intento.

O fim da sua maçonaria, como por mais duma vez temos dito, consiste na *perfeição do homem*, meio pelo qual promete conduzir os sequeços à *regeneração moral e física*, depois que tenham subido ao grau de *mestres*. Para obter uma e outra, prescreve duas distintas quarentenas, que veem a ser, um reiro de quarenta dias pela primeira e uma cura corporal de outro tanto tempo, pela segunda. As práticas impostas para uma e para a outra formam um complexo que é uma demonstração triunfante da iniquidade do sistema. A descrição que vamos fazer justificará a nossa proposição.

O que pretende obter a *regeneração moral*, que significa a *inocência primitiva*, deve subir a uma montanha altíssima, à qual dará o nome de *Sinai*, e no seu cume construirá um pavilhão, dividido em três planos ou estâncias, que se denominará *Sion*. A câmara superior medirá dezoito pés qua-



drados, tendo quatro janelas ovais por cada lado, com uma só porta para entrada. A segunda câmara, situada no meio, será perfeitamente redonda, sem janelas, e capaz de acomodar treze pequenas camas; uma só lâmpada, colocada no meio, alumiará, e não haverá ali móvel algum que não seja necessário. Esta segunda câmara chamar-se há *Ararat*, — nome da montanha sobre a qual se assentou a arca, em sinal do repouso que está reservado só aos *maçons eleitos de Deus*. Finalmente, a terceira câmara terá capacidade conveniente para servir de refeitório e, no redor, três gabinetes; em dois dêles guardar-se hão as provisões e tudo o mais que preciso fôr, e no terceiro os vestidos, as insígnias e os instrumentos maçônicos da arte, segundo Moisés.

Juntas as provisões e os instrumentos necessários, encerram-se treze *mestres* no pavilhão, sem mais poderem sair durante quarenta dias; que é quanto demoram os labores e trabalhos maçônicos, observando em cada dia a mesma distribuição de horas: seis serão empregadas na reflexão e repouso; três na oração e holocausto ao Eterno, que consiste em dedicar-se todo a si mesmo com a maior força do coração, tendo em vista a maior glória de Deus; nove nas sagradas operações, tais como a preparação da *carta virgem* e a consagração dos instrumentos que devem fazer-se todos os dias; as últimas seis na conversação e restabelecimento das forças perdidas, tanto físicas como morais. Passado que seja o dia trigesimo-terceiro destes exercícios, começarão os encerrados *mestres* a gozar do favor de comunicar visivelmente com



os *sete anjos primitivos*, e conhecer o *sêlo* e a *cifra* de cada um dêstes entes *imortais*. Um e outro serão por êles mesmos provados na *carta virgem*, composta, ou da *pele de um cordeirinho recém-nascido*, purificado em pano ou sêda, ou da *secundina* de uma criatura do sexo masculino, nascido de uma *hebreia*, purificada igualmente, ou de *papel ordinário*, *benzido pelo fundador*.

Este favor durará até o dia-quarenta, no qual, concluídos os labores, começará cada um a gozar do fruto dêste retiro, isto é, cada um recebe, de per si, o *Pentágono*, ou a *carta virgem*, sobre a qual os anjos primitivos imprimiram suas *cifras* e *sêlos*.

Fortificado com isto, e feito assim *mestre e cabeça* do exercício, sem socorro de algum mortal, seu espírito encher-se há de fogo divino, e seu corpo ficará puro como o do menino mais inocente; sua penetração não terá limites; seu poder será imenso; não aspirará a outra coisa mais que a um perfeito repouso para chegar à imortalidade e poder dizer de si: *Ego sum qui sum*.

Além do *Pentágono sacro*, terá outros sete diferentes, dos quais poderá dispôr a favor de sete pessoas, homens ou mulheres, que sejam de sua maior estimação. Estes *Pentágonos secundários* só tem impresso o *sêlo* de um dos sete anjos; portanto, quem o possuiue não pode exercer império sobre outro que não seja êste, e fâ-lo há não em nome de Deus, como possuidor do primeiro *Pentágono*, senão em nome do *mestre* de quem o recebeu, obrando por seu poder, do qual pelo outro ignora o principio.



Vejamos agora o seguimento da *regeneração*, ou *perfeição física*, com a qual pode a pessoa chegar, ou à espiritualidade de 1557 anos, ou prolongar a vida sã e tranqüilla até que Deus o queira chamar a si. Quem aspira a tal perfeição, deve, cada *cincoenta* anos, retirar-se, no plenilúnio de maio, com um amigo ao campo e ali encerrado em uma cela ou alcova, sofrer, durante quarenta dias, uma dieta rigorosa, com escassos alimentos, consistindo em sopas ligeiras, ervas tenras, refrigerantes, laxativos, e bebidas da água destilada ou da chuva de maio. No décimo-sétimo dia d'este retiro, feita uma pequena sangria, tomará certas *gotas brancas*, que não explica de que sejam compostas, seis pela manhã e seis de tarde, crescendo mais duas pelo dia adiante, até o dia trinta e dois, em que procede a uma pequena sangria ao nascer do sol; no dia seguinte mete-se na cama até concluir a quarentena, e ali sobe ao primeiro *grau da matéria prima*, aquele mesmo que Deus criou para tornar o homem imortal e que este perdeu pelo pecado, não podendo reavê-lo senão pelo favor do Eterno ou pelos exercícios maçônicos. Tomado este grau, o que houver de ser renovado perde o conhecimento e a fala por três horas e, convulsionado, exsolve-se em uma grande transpiração e evacuação; depois, tornando a si e mudando de cama, há-de ser confortado com uma substância composta de uma libra de carne sem gordura e várias ervas refrigerantes.

Se o confortativo o põe em bom estado, no dia seguinte dá-se-lhe o segundo grau de matéria prima em uma tigela de substância, cujos efeitos, ao



contrário da primeira, lhe ocasionarão uma grande febre com delírio, caíndo-lhe a pele, os cabelos e os dentes. No dia seguinte, trinta e cinco, se o doente tem forças, tomará um banho, nem quente nem frio, que não pode exceder a uma hora. No dia trinta e seis, em um vaso de vinho velho e generoso, tomará o terceiro grau de *matéria prima*, que o porá em um sono doce e muito sossegado. E então que nasce outra vez a pele e começam a aparecer os dentes e o cabelo. Tornando a si, deve entrar em um novo banho aromático, e lavar-se, no dia trinta e oito, em um banho de água ordinária, na qual se deitará nitro. Tomado o banho, vestir-se há e passeará pela sala, tomando, no dia trinta e nove, algumas gotas do bálsamo do *grão-mestre* em duas colheres de vinho tinto. No dia quarenta, finalmente, sairá de casa, já de todo renovado. Para complemento da história, não deixaremos de advertir que um e outro método estão prescritos igualmente para as mulheres, e que, na parte correspondente à *regeneração física* se manda, a cada uma delas, retirar para a montanha ou para o campo com a única companhia de um amigo, o qual deve prestar-lhe todos os officios necessários, em particular aqueles que correspondem à crise da cura corporal.

É esta a trama do seu sistema ou *maçonaria egípciana*, que muito pela rama explanamos, a fim de corresponder à brevidade que prometemos. Da douda análise que sobre o dito sistema se tem feito resulta, iniludivelmente, a sua impiedade, superstição e sacrilégio; porque, além de reunir em si tudo o que há de pior nas comuns maçonarias, tem





CAPITULO III

**Conta-se o que tem obrado «Cagliostro» para
retaurar e propagar sua «maçonaria» egipciana**

Depois do que fica exposto, fácil será compreender tôdas as circunstâncias e accidentes do apostolado de Cagliostro, e a ousadia e temeridade com que caracterizou, em suas declarações, o exercício da *maçonaria egipciana*. No expôr a multiplicidade das acções, não faremos mais que seguir, sem interrupção, o que por ôle foi dito, reservando-nos para explanar, a seu tempo, tudo quanto possa contribuir para o descobrimento da verdade e formar um julzo sólido.

Cagliostro, conhecendo a maçonaria ordinária de Londres, e firmando-se nas idéas dos escritos de Jorge Cofton e no sistema egipciano, passou à Haya, onde os maçônicos o convidaram para uma das suas *lojas* que pertencia ao rito da *estreita observância*. Foi recebido debaixo da chamada



abóbada de aço, isto é, passou entre duas filas de *maçons* que tinham suas espadas ao alto e cruzadas. Presidiu como *venerável e cabeça*, exercendo as funções de *visitador*, cujo poder não tem limites. Pronunciou na junta um discurso relativo ao seu sistema egípciano, que, abalando grandemente os ânimos de muitos ouvintes, estes lhe solicitaram que fundasse ali uma *loja para mulheres*, como efectivamente fundou, nela se inscrevendo muitas senhoras de distinção, e fazendo sua mulher as funções de *grão-mestra*.

Esse discurso, como todos os outros que pronunciou, foram sempre de uma sublimidade, excelência e união singular, durando uma, duas e três horas e abrangendo todas as sciências sagradas e profanas; efeito, diz Cagliostro, de um especial favor de Deus, que continuamente lhe assistiu e o inspirou no exercício da maçonaria, por ele sempre dirigida a este objectivo: propagar e ensinar a essência de Deus, a *imortalidade da alma* e destruir o mágico sistema das outras maçonarias. Alguns ficaram tam surpresos de seus sermões, que se apressaram immediatamente a copiá-los, conservando-os como um compêndio de fé.

De Haya foi à Itália e trasladou-se a Veneza, onde tomou amizade com vários maçônicos; em seguida dirigiu-se à Rússia, e, passando por Norimberg, apresentou-se-lhe um cavalheiro que, pelos sinais que lhe deu, se reconheceram mutuamente por maçônicos. Cagliostro houve-se por maneira que o cavalheiro leve-o por coisa muito grande na maçonaria, nesta opinião se firmando muito mais quando, tendo-lhe pedido o nome por escrito,



Ele lho designou com a *serpente* de que já fizemos menção. Este nome, tão prodigioso e raro, valen-lhe o presente de um bom anel de diamantes, oferta do cavalleiro, o qual, julgando-o o invisível mestre da maçonaria, dizia: é este o que os maçônicos crêem que possui os grandes segredos da Cabala divina, e que anda oculto, para evitar sofrer a mesma sorte do grão-mestre dos Templários. Cagliostro deixou-o nesta ilusão e prosseguiu sua viagem, passando por Berlim, Leipzig e Dantzig.

Na sua breve demora em Berlim, absteve-se de propagar a sua maçonaria, porque soube que as lojas daquela cidade estavam protegidas por mão poderosa. Em Leipzig encontrou muitos maçônicos da *estreita observância*, que se lhe apresentaram. Sustentou com eles o mesmo carácter de importância, pelo que foi também ali considerado como um homem de suma excelência na arte hermética. Cumularam-o de honras e trataram-o esplendidamente na mesa, a qual, segundo o seu rito, estava sempre disposta de três em três garrafas, pratos, copos, e assim sucessivamente, por indicação da *Santíssima Trindade*. Ao partir, além de lhe pagarem lódas as despesas, recebeu de um deles uma boa soma de dinheiro. Antes, porém, pronunciou alguns discursos, fazendo a apologia de seu sistema egipciano e repreendendo a impiedade do rito que eles professavam, predizendo-lhes que, se persistissem nêle, seu superior, chamado Scieffort, dentro do espaço de um mês seria castigado da mão de Deus. Em Dantzig recebeu igualmente grandíssimas distinções maçônicas. Visi-



lou tôdas as lojas da estreita observância, perorando acerca de seu rito egípciano e sendo muito aplaudido. Em Koenisberg foi de igual modo bem sucedido, realizando, como nas outras cidades, farta colheita em dinheiro.

Passou a Milau, e uma circunstância, entre outras, contribuiu para que adquirisse grande fama e o affecto universal de toda a nobreza: foi o verificar-se a veracidade da predição por elle feita na pessoa de Scieffort; porque este, antes de terminado o mês, matou-se com um tiro de pistola. Os maçonicos, em grande numero naquela cidade e de distincção, convidaram-o para intervir em suas lojas, ao que elle acedeu, tendo presidido na qualidade de *cabeça* ou *visitador*, e observando-lhes que, a par dos outros, seus trabalhos eram mágicos, supersticiosos e inerentes aos princípios do já nomeado Scieffort, de Sowdenberg, aulor sueco, e de Mr. Falc, pontífice dos hebreus, os quaes todos são reputados como doutores da lei entre os *iluminados*. Deligenciou desenganá-los, inclinando-os a acreditar em seu sistema egípciano. Para este fim fundou entre elles uma loja de homens e mulheres, em conformidade com as cerimónias prescritas em seu livro. Na junta, elle, como *venerável*, prégou e tornou a prégar egrégiamente com a costumada ajuda da inspiração e assistência de Deus; mas como tudo isto não bastasse para illuminar aqueles individuos, comprometeu-se a dar-lhes uma prova da verdade das suas máximas, isto é, da existência de Deus e da immortalidade da alma.

Cagliostro fez vir a loja (é assim que elle conta) um pequeno ainda innocente, filho de um grande



senhor e, pondo-o de joelhos e prostrado diante de uma mesa, sobre a qual estava uma redoma de vidro com água simples, e detrás dela algumas luzes acesas, fez-lhe alguns exorcismos em volta; depois, colocando-lhe as mãos sobre a cabeça, ambos dirigiram orações a Deus para o feliz êxito da operação. Tendo então insinuado ao menino que observasse e olhasse para dentro do vidro, este começou a gritar, dizendo que via ali um jardim. Conhecendo deste modo que Deus o socorria, tomou autoridade e ordenou-lhe que pedisse a Deus a graça de fazer-lhe ver o anjo *S. Miguel*. O menino respondeu: *vejo uma coisa branca, mas não posso distingui-la*; logo, porém, começou a saltar e a dar voltas como um louco, exclamando: *Ai, que vejo um menino como eu, que me parece ser um anjo!*

Todos, e o próprio Cagliostro, ficaram estupefactos; este, porém, garantia que semelhante successo era uma prova iniludível daquela *graça de Deus* que sempre o tinha assistido e favorecido. O pai do menino mostrou desejos de que seu filho visse, pela mesma redoma de vidro, a atitude em que se achava naquele momento uma sua filha, que estava então em uma casa de campo distante quinze milhas de Milau. Exorcizado novamente o pequeno, pôs-lhe as mãos sobre a cabeça e depois das costumadas orações a Deus, ôle disse que sua irmã descia pela escada da casa de campo e abraçava um seu irmão mais novo. Isto parecia impossível aos presentes, porque o dito irmão achava-se, em tal ocasião, centenas de milhas distante daquele lugar. Cagliostro não se alterou, e disse-



-lhes que mandassem ao campo verificar o caso. Em seguida, todos lhe beijaram a mão com as devidas cerimónias e encerrou-se a loja.

Mandou-se à quinta, de propósito para verificar a veracidade do facto, um dos que mais tinha duvidado, e apurou-se ser tudo verdadeiro. Então, sim; o fanatismo pela pessoa de Cagliostro atingiu as raias do impossível: homenagens, adorações, enfim, quantas coisas semelhantes podem figurar-se, tudo se lhe tributou e a sua mulher. Continuou a celebrar outras reuniões segundo o seu sistema, e a realizar novas experiências com o menino e a redoma. Certa senhora desejou que o *pupilo* visse a um seu irmão já morto na idade juvenil; este de facto o viu, *em situação* (são as próprias palavras de Cagliostro), *que mostrava estar contente e alegre, pelo que pensei e cri que se encontrava no lugar da salvação; mais tarde obtive disto a certeza, porque me informaram que tinha sido ali visto por um bom protestante*. Decidido, finalmente, a deixar aquela cidade, instituiu, antes de a abandonar, uma loja, na qual pôs um superior em seu lugar; criou oficiais, dando-lhes, *in-voce*, as instruções necessárias para a prosperidade da setta, encerrando a reunião com um *encargo* e uma *profecia*. O *encargo* foi do seguinte teor: *crer em Deus e no Papa, não pretendendo nunca imiscuir-se nas demais crenças que porventura professassem os protestantes; quanto à profecia, consistiu em presagiar a uma donzela que dentro de três meses faria um bom casamento, como de facto succedeu*.

Rico de tantos méritos como os que lhe atribuíam e abarrotado de presentes de seus seque-



zes, passou a Petersburgo, onde, mercê do seu célebre nome de Conde Cagliostro, conquistou a amizade de muitas pessoas gradas e de numerosos mágicos.

Visitou as lojas da *alta e estreita observância*, que eram ali em grande número, e entre as notícias que adquiriu, inerentes a tal *maçonaria*, soube que o rito de seus sectários era hostil à França e Roma, estando encarregado de o propagar um espanhol de nome Tomás Nímenes que corria toda a Europa, gastando muito dinheiro proveniente das contribuições das lojas, para chegar ao fim de seus desígnios. Cagliostro disse tê-lo encontrado em muitos povos, mas sempre com diferente nome e disfarce.

Em Petersburgo, Cagliostro deixou grande fama de si, por ter penetrado as coisas ocultas e prognosticado o futuro. Declarou saber que certo personagem tinha abusado de sua própria sobrinha, o que todos ignoravam. Profetizou a um príncipe suas futuras desgraças e a uma senhora sua próxima morte; *predições e descobertas* (disse êle em suas declarações) *que fiz em virtude de uma inspiração própria; se bem que, perante as pessoas que ouviram estes e outros vaticínios em diferentes ocasiões e lugares, sempre mostrasse um semblante diverso, pelo que todos me acreditavam, supondo que eu tivesse comigo alguma arte cabalística e conhecesse as coisas sobrenaturais, credulidade de que nunca tentei afastá-las.*

Não obteve menos sucesso em Varsóvia. Dos que nêle acreditaram recebeu inumeráveis honras e distinções, bem como grandiosos presentes, ofer-



tados por ilustres cortesãos. Foi celebrado com grande pompa o dia do nascimento de sua mulher, à qual todas as pessoas do escol ofereceram, por tal motivo, ricas prendas. Certa princesa declarou na corte tê-lo na conta de impostor e charlatão, porém ele bem de pressa a convenceu e iluminou, profetizando-lhe três sucessos de sua futura vida, que todos três se chegaram a verificar.

Manteve as mais estreitas relações com uma das principais pessoas daquela cidade, da qual, por largo tempo, juntamente com sua mulher, foi tratado de uma maneira verdadeiramente magnífica. Sendo essa pessoa *superior maçônico da estreita obsecrência*, teve com Cagliostro diversos colóquios na matéria, em que este procurou atraí-lo ao seu rito egípciano, realizando em sua casa, como já fizera em Milau, experiências com a *pupila*. Serviu para o efeito uma rapariga que, não obstante estar na idade de casar, e privada, por conseguinte, daquela simplicidade e inocência, sem as quais poder-se-ia duvidar se realmente via na redoma quanto dizia, contudo correspondeu perfeitamente às perguntas e às visões. O personagem, no entanto, persistiu na sua maçonaria.

De Varsóvia transportou-se a Strashurgo, demorando-se, porém, dois dias em Francfort-sobre-o-Meno, onde lhe sucedeu, com duas pessoas, o seguinte caso, que não podemos deixar de referir conforme a sua mesma exposição:

«Fui a Francfort-sobre-o-Meno, e, mal cheguei, «encontrei N. N. e N. N., que são superiores da «maçonaria da *estreita obsecrência*, chamada dos «*iluminados*. Convidando-me eles a ir tomar café,



«meti-me em seu côche, sem a companhia de mi-
«nha mulher nem de *pessoa alguma* de minha fa-
«mília, conforme me pediram, e levaram-me ao
«campo, cêrca de uma légua da cidade. Uma vez
«ali, entramos em uma casa e, depois de tomarmos
«café, passamos ao jardim, onde vi uma gruta ar-
«tificial. Acesa uma luz, descemos juntos a um sub-
«terrâneo por uns catorze ou quinze degraus, e
«entramos em uma sala redonda, no meio da qual
«estava uma mesa, que retirei, vendo debaixo dela
«uma arca de ferro; aberta esta, notei que encer-
«rava uma grande quantidade de escrituras, de
«entre as quais os meus dois companheiros tiraram
«um livro manuscrito em letra bastarda, em cujo
«princípio estava escrito: *Nós os Grão-Mestres*
«*Templários, etc.* Seguiu-se uma fórmula de jura-
«mento, concebido em horríveis expressões de que
«não posso lembrar-me e contendo a cláusula de
«destruir os soberanos despóticos. Essa fórmula
«estava escrita com sangue, e tinha onze firmas,
«entre elas a minha, que era a primeira, igualmente
«escritas com sangue. Não me recordo de todas
«os nomes das ditas firmas, à excepção de estes:
«N. N. N. N. N. N. N. N. N. N. As tais firmas
«significavam os nomes dos dôze grandes mestres
«*iluminados*; quanto à minha, não era feita por
«mim, nem sei explicar como estivesse ali. Pelo
«que elles me disseram sôbre o conteúdo do livro,
«que estava escrito em francês, e pelo que eu li,
«fiquei sabendo que o ponto de vista da seita era
«dirigido, em primeiro logar contra a França e com
«a queda desta, devia dar-se o golpe na Itália, vi-
«usando particularmente Roma; que o Ximenes atrás



«nomeado estava envolvido na trama e era um dos superiores principais; que a sociedade tinha milhões em vários bancos de Amsterdam, Rotterdam, Londres, Génova e Veneza, dinheiro proveniente, segundo me informaram, das contribuições pagas cada ano por oitenta mil maçónicos, a cinco lúises cada um, e que era destinado, em primeiro lugar para o sustento dos superiores, em segundo para o dos emissários que andavam por todas as côrtes, e em terceiro para o abastecimento dos navios; finalmente para todas as outras necessidades da seita e para gratificações áqueles que organizam movimentos contra os soberanos despóticos. Soube também que as lojas existentes na América e na Europa excedem a vinte mil, sendo todas obrigadas cada ano, e no dia de S. João, a enviar ao tesouro público da seita vinte e cinco lúises de ouro. Por último ofereceram-me socorros em dinheiro, recebendo eu seiscentos lúises de contado, e disseram-me que estavam também dispostos a verter seu sangue. Retiramos-nos, em seguida, juntos para Francfort, de onde saí no dia seguinte com minha mulher em direcção a Strasburgo».

Não temos provas bastantes para decidir da verdade deste caso, porque a mulher de Cagliostro, em virtude de não ter acompanhado o marido ao sítio assinalado, nada pôde dizer sobre o facto, e o lapso de tempo, por grande, não deixa também ter presentes as circunstâncias do encontro com os nomeados sujeitos. As pessoas a quem elle prestou suas declarações não deixaram de insistir várias vezes no assunto, porém infructiferamente, vista a



sua grande constância em repetir sempre o mesmo.

Em Strasburgo (é ainda Cagliostro que o refere) dedicou-se cerca de um ano à medicina, realizando curas e operações maravilhosas, de tal modo que a sua casa, em breve tempo, ficou cheia de moletas ali postas pelos estropeados por ele curados; no entanto, a maior parte dos seus lazeres dedicou-os à maçonaria. Visitado pelos maçônicos, pertencentes às várias lojas da *estreita observância* ali erigidas, introduziu-se no ânimo dêles, fazendo-lhes a apologia do seu rito egípciano, que muitos adoptaram, bem como diversas pessoas que não estavam aditas à maçonaria, convencendo-os a alistarem-se antes na *ordindria*, onde havia, indistintamente, homens e mulheres, católicos, luteranos e calvinistas.

- Fundou depois algumas lojas mais, tanto em sua própria casa como em uma casa de recreio, no campo, a qual, por essa razão, tomou daí em diante o nome de *Cagliostroana*.

Inauguradas as lojas, admitiu nelas os indivíduos que tinha catequizado e fez, muitas e repetidas vezes, as costumadas experiências com as *pupilas*, pelo modo que está expresso no livro do seu sistema. Sómente, nesta e noutras ocasiões, suprimiu o uso da redoma, colocando a *pupila* detrás de uma cortina, de modo a dar a idéa de um pequeno templo. As perguntas e os demais actos que realizavam não se reduziam apenas à chamada aparição dos anjos, mas também se applicavam à exploração ou de coisas ocultas ou futuras, ou de matérias curiosas e algumas impudentes. Não perguntava êle só a seu arbítrio, também os outros q



faziam; mas era preciso que Cagliostro lhes comunicasse ou transferisse o poder que, dizia, *tinha obtido de Deus*, pois todos aqueles que tentaram executar as operações sem seu consentimento viam frustrados os efeitos.

Suspeitando alguns de que em semelhantes operações pudesse haver qualquer inteligência entre a *pupila* e Cagliostro, manifestaram-lhe o desejo que tinham de levar consigo uma rapariga nova e incógnita para que com ela trabalhasse. Conveiu nisso, dizendo-lhes que tudo quanto obrava era efeito da graça de Deus. Trazida pois a *pupila*, os trabalhos obtiveram o êxito feliz das demais vezes, e até Cagliostro, a fim de melhor persuadir os circunstantes, convidou um deles para que, pondo a mão na cabeça da *pupila*, trabalhasse com ela algum tempo, fazendo-lhe as perguntas que fôsem do seu agrado; — as quais perguntas visaram a descobrir as amorosas inclinações de alguns dos presentes, nem sempre sendo agradáveis as respostas. Depois disto, Cagliostro recebeu na sua residência de «*Strasburgo multissimas honras, finanças e distinções de toda a classe de pessoas, e também multissimos presentes, assim como dinheiro e jóias, que a mim e a minha mulher nos foram oferecidos*», palavras textuais dele.

Nesta ocasião succedeu que, indo a Paris e a Basileia, descreveu seu sistema a vários sujeitos; depois, transferindo-se novamente a Strasburgo e em seguida a Nápoles, iniciou no seu rito alguns personagens estrangeiros. Soube que naquela cidade existiam lojas pertencentes a uma e outra observância e, ainda que convidado, não quis vi-



sitá-las. De Nápoles passou à França, detendo-se em Bordéus, onde esteve perto de onze meses, empregando grande parte do tempo no exercício da maçonaria. Adquiriu um grande número de sócios para o seu rito egípciano de um e outro sexo, realizou muitas reuniões em sua casa, pronunciou os seus costumados e portentosos discursos e trabalhou com a *pupila*.

Nesta altura juntou aos seus trabalhos uma particularidade digna de referência, fazendo supôr que enquanto a *pupila* estava detrás da cortina, dizia muitas vezes que *tocava com a mão o objecto angelico que via*; com effeito, pela parte de fóra sentia-se um rumor, como se lá dentro estivesse outra pessoa com a *pupila*. Daqui concluiu que as aparições, as visões e os toques (é Cagliostro que fala), que deviam ver e fazer as ditas *pupilas*, eram um resultado da especial condescendência de Deus para com elle. Todos os que perseguiram ou caluniaram aquelle, quem quere que fôsse, que atingisse tal grau, especialmente os juizes dos tribunais que tomaram parte em seus processos, tem sido sempre atingidos pela cólera divina com uma morte rápida ou ignominiosa, ou, então, com outras punições, que os fizeram arrastar uma vida desgraçada.

Referimos no capitulo primeiro uma *visão celestial* que Cagliostro contou ter tido ao tempo da sua residência em Bordéus, e que, segundo elle, concorreu grandemente para a propagação do seu rito egípciano. Tendo passado de Bordéus a Lyon, visitou uma das lojas da alta observância, sendo recebido com tôdas as honras debaixo da *abóbada*.



de ferro. Subindo ao trono do *venerável*, invocou o divino auxílio, e pronunciou um largo discurso acerca da existência de Deus, da immortalidade da alma e do respeito devido aos soberanos. Foi tal a brecha que abriu no ânimo dos que o escutavam, que se mostraram desejosos de conhecer a fundo o seu rito egípciano. Aquiesceu, mandando-lhes preparar a loja e seguir as regras deste rito, elegendo *mestres* e tendo pronta uma rapariga inocente. Convocada a junta para o dia seguinte, começou por um discurso em que demonstrou aos circunstantes que todo o homem deve ser *Apostolo de Deus*, pregando o bem e combatendo o mal, e que, assim como os Apóstolos tinham seguido isto exactamente, assim eles, que eram doze, deviam fazer outro tanto, prometendo e jurando prestar-se a quanto lhes fosse mandado.

Feito o juramento na forma do seu sistema, annunciou-lhes (são as suas mesmas palavras) «que assim como entre os doze Apóstolos houve um que «vendeu Jesus-Cristo, assim entre eles havia um «que venderia a sociedade. Responderam que isto «não podia succeder, porém eu repeti por mais duas «vezes a predição, acrescentando que o traidor seria castigado da mão de Deus.»

Passou em seguida às operações com a *pupila*, tanto com a redoma como por detrás da cortina, verificando-se a costumada e maravilhosa aparição dos anjos, efeito sempre continuado da condescendência de Deus para com sua pessoa. Manteve sempre esta idéa com a maior tenacidade, até mesmo no acto das suas declarações, dizendo aos juizes que, se naquele momento lhe trouxessem cinquenta ra-



parigas, com tôdas mostraria o poder que tinha em semelhantes trabalhos, cujo bom successo aturdiu os lioneses, contribuindo ainda mais para aumen-
tar o seu prestígio a deserção, dada no dia seguinte, de um dos membros da sociedade, pouco persua-
dido do sistema egipciano, o qual, passados alguns
meses, disse Cagliostro, foi castigado da mão de
Deus, porque lhe roubaram quanto tinha e passou
de rico a miserável.

Os outros rogaram-lhe que fundasse ali uma
loja-madre do rito egipciano; êle concordou, cons-
truindo-se, para o effeito, um edificio magnifico,
com oficinas e distintivos próprios para o exerci-
cio dos três graus: *aprendizes*, *companheiros* e
mestres. «Eu institui, e fundei (são as suas pala-
«vras) no dito sítio uma loja do rito egipciano, com
«a denominação de *loja-madre*, porque se erigiu
«como primeira *loja* acima de tôdas as outras,
«das quaes deve ser mãe e mestra». Além disto,
costumam as *lojas-madres* da comum maçonaria
tomar sempre o nome de alguma especiosa atri-
buto de virtude; portanto, deu-lhe o título de *Sa-
piência Triunfante*.

A fundação fez-se com as cerimônias, regras,
instruções, usos, formalidades, armaduras, qua-
dros, estilo, pinturas, vestimentas, juramentos,
invocações, rezas de psalmos e tudo o mais que
consta do sistema descrito em seu livro, «para
«cujo fim lá deixei o original do mesmo livro, as-
«sinado com a minha marca, representando uma
«serpente trespassada de uma flecha.» Reüniu
sucessivamente várias juntas no mesmo lugar,
proferindo eloquentes discursos sobre o rito egip-



ciano e relativos à *Divindade*, aos mistérios da *Iô* e da *Sagrada Escritura*, em suma, a matérias tôdas morais e sublimes. Como fundador da *loja*, foi reconhecido por *grão-mestre* (que na geral maçonaria se chamava *grande oriente*), e como tal criou dois *veneráveis*, os quais, na sua ausência, presidiam à *loja* e realizavam os trabalhos com as *pupilas*, tendo-lhes para isso comunicado seu poder, a fim de obrarem com eficácia. Entregou-lhes o modelo das patentes, de que se reproduziram em estampa muitos exemplares, que se distribuíram aos agregados, firmados não só pelos *veneráveis* e pelo *grão-secretário*, mas também por ele, que lhes pôs sua cifra «por assim lho chaverem rogado, pois queriam ter a honra de «possuir a patente firmada pelo seu fundador.» Depois recebeu dos mesmos, tanto para ele como para a mulher, os hábitos próprios da maçonaria, todos magníficos, bordados a ouro, prata e pedras preciosas. Por último realizou-se a consagração da *loja*, como se se tratasse duma igreja, mas então já Cagliostro tinha partido dali; fez-se, no entanto, representar, enviando, do lugar em que se achava, dois deputados para que presidissem em seu nome, dando-lhes tôdas as instruções necessárias para o complemento da fundação, que não podemos descrever, por nos faltarem os elementos essenciais para isso. Cagliostro apenas disse que entre as cerimônias ali realizadas, uma delas foi uma oração perene de quarenta horas no templo, por meio de dois *filhos* seus — é assim que ele chamava aos adscritos ao seu rito — que alternavam entre si, ora um, ora outro.



A fórmula das patentes a que acima se allude é do seguinte teor:

GLÓRIA

SABEDORIA

UNIÃO

BENEFICÊNCIA. PROSPERIDADE

«Nós o Grão-Copla, fundador e Grão-Mestre da Maçonaria Egípciana em tôdas as partes orientais e occidentais do globo, a todos aquelles, que avirem as presentes, fazemos saber: que durante a nossa residência em Lyon, muitos membros de uma Loja dêste oriente, segundo o rito ordinário, e que tem o título distintivo de *Sapiência*, nos manifestaram o seu ardente desejo de submeter-se ao nosso govêrno, e de receber de nós as luzes e o poder necessário para conhecer e propagar a Maçonaria na sua verdadeira forma e primitiva pureza; estando nós inclinados a satisfazer seus rogos, persuadidos que, dando-lhes este sinal da nossa benevolência e da nossa confiança, teremos a inteira satisfação de haver trabalhado pela glória do grande Deus e pelo bem da humanidade.

«Por este motivo, depois de ter sufficientemente estabelecido e verificado, na presença do venerável e muitos membros da dita Loja, a autoridade que possuímos para este efeito: Nós, com a ajuda dêstes mesmos irmãos, fundamos e criamos perpétuamente, a oriente de Lyon, a presente Loja Egípciana, e a constituímos Loja-Mãe por todo o oriente e occidente, attribuindo-lhe



«desde agora em diante o título distintivo de *Sapiência Triunfante*, e nomeando seus oficiais perpétuos, a saber:

«N. N. Venerável, e N. N. seu substituto. N. N. Orador, e N. N. seu substituto. N. N. guarda-selos, Arquivo e dinheiro, e N. N. grande Inspector e Mestre de Cerimónias e "" seu substituto.

«Nós concedemos, de agora em diante e para sempre, a estes oficiais o direito e o poder para «ter Loja Egipciana com seus respectivos Irmãos, «e de fazer todos os recebimentos de Aprendizes, «Companheiros e Mestres Egipcianos; de expedir «atestados; de manter relações e correspondência «com todos os maçons do nosso rito, e com as lojas de que dependam, em qualquer lugar da «terra que estejam situadas; de adoptar, depois «do exame e formalidades prescritas, as lojas do «rito ordinário que desejarem abraçar o nosso «instituto; em uma palavra, para exercitar geralmente todos os direitos que possam pertencer e «pertencam a uma Loja Egipciana, justa e perfeita, que tem o título, as prerrogativas e a autoridade inerentes a uma Loja-Mestra.

«Nós, portanto, ordenamos ao venerável, aos «oficiais e aos membros da Loja que tenham um «contínuo cuidado e escrupulosa atenção nas operações da Loja, a fim de que os recebimentos e «todas as outras funções se effectuem na conformidade dos regulamentos e estatutos por nós firmados, separadamente, com a nossa firma, nosso



«grande sêlo, e com o sêlo também das nossas
«armas.

«Mandamos igualmente a nossos irmãos que
«caminhem constantemente pelo caminho da vir-
«tude e mostrem, pela regularidade de sua con-
«duta, que amam os preceitos e o fim da nossa
«ordem.

«Para autorizar as presentes, nós as firma-
«mos de nossa mão, pondo-lhe o grande sêlo, con-
«cedido por nós a esta Loja-Mãe, como também
«nosso sêlo maçónico e profano.

«Dada a oriente de Lyon.»

Em seu poder encontraram-se vários destes
exemplares, mas em branco. Vê-se nêles uma
bela estampa, e os emblemas que fecem esculpi-
dos, são: o *septângulo*, o *triângulo*, a *pluma*, o
compasso, o *esquadro*, o *martelo*, a *pedra cúbica*,
a *basta*, a *triangular*, os *andaimes de madeira*, a
escada de Jacob, a *Fénix*, o *globo*, o *templo* e ou-
tros semelhantes, e juntamente vários versos que
dizem: *Lucem meruere labore; odi profanum vul-*
gus, & arceo; petite & accipietis; quzerit & inve-
nietis; pulsati & aperietur vobis; in constanti lu-
bore spes; ou vencer ou morrer. Eufim, tudo nê-
les demonstra que se aproximam dos emblemas
e palavras da comum maçonaria. Merece men-
ção, entre outras, a particularidade de uma cruz
em cujas pontas estão esculpidas estas três le-
tras: L. P. D. Estranha-se que Cagliostro, tão
profundo na arte da maçonaria e que deu, de tô-
das as minudências exaradas nesta sua forma de
patente, uma explicação exactíssima, só destas



três letras constantemente assegurasse ignorar o significado; contudo, sabe-se que as mesmas que-rem dizer: *Libium, pedibus, destrue*.

De Lyon passou a Paris, sendo logo visitado de uma multidão de maçônicos, em especial de seus filhos, que eram aqueles que precedentemente tinham adscrito à maçonaria egípciana, quando residia em Strasburgo. Rogado por eles e por outros para erigir ali uma *loja* de seu rito, condescendeu, instalando-se esta em uma casa particular, com uma magnificência e riqueza sem igual. Presidiu-a como *venerável*, superior e fundador, iniciando muitos indivíduos, a maior parte católicos, com as costumadas cerimônias. Proferiu maravilhosos discursos, e trabalhou com as *pupilas*, obtendo um êxito ruidoso com a aparição dos sete anjos.

Abriu igualmente em sua própria casa uma *loja*, em que iniciou vários personagens também católicos. Muitas e freqüentes foram as assembleias que realizou em um e outro lugar e, não contente com trabalhar ele só, fez, com seu poder, que igualmente trabalhasse a mulher e outros mais. Uma das operações foi efectuada a instância de Madame La Mole, que, querendo saber de que sexo era o feto que certa senhora trazia no ventre, Cagliostro, na sua presença, interrogou a *pupila*, a qual respondeu: *é um varão*.

O que causou a seus corifeus maior espanto, foi o caso sucedido entre ele e uma pessoa de distinção, superior maçônico doutro rito. Eis a narrativa que ele fez: Um dos seus sequazes sugeria-lhe que reânisse a sua *loja* à da pessoa em



questão, pois, reúnidas as duas numa só, esta ficaria sendo a maior do reino. Ele fez comparecer a citada pessoa em sua casa, propondo-lhe a junção das duas *lofas* e, falando de seus sistemas maçônicos, discordaram sobre qual das duas devia unir-se à outra. Ambos figuras de representação na maçonaria, nenhum queria abdicar da sua importância. Cagliostro, para o levar de vencida, comprometeu-se a dar-lhe uma prova da superioridade e divindade de seu rito egípciano, dizendo-lhe que trouxesse a sua casa um pequeno ou pequena inocente, segundo lhe agradasse. Com efeito, dois dias depois apareceu com um menino da idade de nove para dez anos, a fim de que Cagliostro com ele trabalhasse. Este, porém, ao começar a operação, opinou que em seu lugar operasse um dos presentes, para o que lhe transmitiria os poderes necessários. Colocada a criança diante da redoma, feitas as costumadas cerimônias e tendo-lhe posto o operante a mão sobre a cabeça, começou ela a gritar que via dentro da redoma o palácio da tal pessoa, que diante d'ele estacionava um indivíduo, cujo nome referiu, lendo uma carta e que, lida esta, entrou para o palácio e estava em tal sala. Ouvindo isto, o citado personagem foi rapidamente a casa, e verificou ser verdadeiro quanto a criança tinha dito.

O conjunto de tantos acidentes, apresentando aos olhos de todos outros tantos prodígios divinos, transportou-o a uma triste cegueira. Contou Cagliostro que, daí em diante, se acordou em que ele ficasse perpétuo grão-mestre da ordem; que com licença da corte, se podia escrever ao sumo



pontífice e ao sacro-colégio a fim de que expedissem bulas aprovando a ordem egípciana, como tinham aprovado a leutônica e a jerosolimitana e outras semelhantes, impondo-lhe, como quarto voto, a obrigação de atender, com o exercício do sobredito sistema, à conversão dos protestantes, ainda que, para se conseguir isso, fôsse necessário derramar o sangue; e que, para consolidar muito mais a sociedade, se compraria uma casa, erigindo-se nela uma *loja* com habitações para o grão-mestre e para os outros oficiais do rito, ficando como uma espécie de convento no estilo dos templários.

Porém, nem este projecto nem o da reunião das duas *lojas* chegaram a efectivar-se, porque, neste intervalo, sobreveio o processo do *colar* e a respectiva prisão de Cagliostro na Bastilha. Uma vez solto, e intimado a sair de França, dirigiu-se ao lugar de Passy, onde, entre muitas outras visitas, recebeu a de Tomás Ximenes e a de outro grande maçónico, «os quais (diz elle) me fizeram várias perguntas sobre os successos de Paris, declarando-me que, como maçónicos da estreita observância, tramavam a vingança dos templários, dirigindo as suas vistas contra a França e Itália, e em particular contra Roma.» Instituiu uma *loja* do seu rito no mesmo lugar, iniciando várias pessoas, entre as quais três formosas mulheres, e decorridos três dias tomou o caminho de Bolonha, passando a S. Dinís onde, durante as poucas horas que ali se demorou, admitiu a seu rito dous sujeitos. É preciso advertir que na relação da vida maçónica de Cagliostro se encon-



tram descritas, de quando em quando, várias iniciações de sequazes, das quais se deduz que lhe fallou o tempo necessário para serem completas, segundo a formalidade e solenidade prescritas em seu livro. Ele mesmo aclarou esta lacuna, dizendo que, como fundador e superior da ordem, julgava ter a autoridade precisa para dispensar do rigor das cerimónias, sendo por isso que aceitou por vezes, e duma forma sumária, vários indivíduos.

Embarcando em Bolonha para dirigir-se a Inglaterra, foi cortejado por mais de cinco mil pessoas, que, augurando-lhe muitas felicidades, lhe pediram sua bênção, que elle não recusou dar-lhes como era seu costume. Uma vez em Londres, inviaram-o a visitar a *Loja-Mãe* da comum maçonaria, erecta naquela cidade, sendo recebido com tôdas as honras, a ponto de o convidarem a tomar o primeiro logar. Por este motivo vieram vê-lo alguns de seus filhos maçónicos de Lyon e Paris, que lhe pediram para realizar reuniões do rito egípciano, como de facto realizou, por muitas vezes, em sua casa, iniciando alguns indivíduos mais e trabalhando com quatro distintas *pupilas*. Nesta ocasião apresentou uma novidade, da qual protestou não ter podido jámais penetrar a causa. Alguns dos sequazes, homens e mulheres, impetraram-lhe autorização de trabalhar pessoalmente, ao que elle acedeu; não obstante isto, as operações correram de tal forma, que as *pupilas*, em vez de anjos, lhes appareciam *Monax*. Entremettes leve a consolação de receber, de alguns de seus filhos maçónicos, cartas em que lhe relata-



vam diversas operações das *pupilas*, numa das quais lóra *êlé*, Cagliostro, visto no meio das nuvens, entre *Enoch* e *Elias*.

Obrigado finalmente a sair de Londres, deleva-se por duas semanas em uma casa de campo pouco distante dali, onde trabalhou com um rapaz que fazia de *pupilo*. Passando a Basileia, ali lhe pediram para erigir em sua própria casa uma *loja* egipciãna; não pôde recusar-se à instância, pelo que, dando a uma das salas a forma de templo, semelhante, interiormente, à *loja* de Lyon, se bem que menos rica e magnificente, instituiu a *loja*, que denominou *Loja-Mãe dos Países Helvéticos*, iniciando nela, com tôdas as formalidades e cerimônias do rito, muitos dos habitantes da cidade. Trabalhou várias vezes com dois *pupilos*, rapaz e rapariga. Criou dois *mestres*, comunicando-lhes o poder para operarem, o que fizeram com o mais feliz sucesso, e, para dar uma forma regular e tôda a consistência à fundação, nomeou os cinco oficiais, dando-lhes a respectiva patente, mas diferente da que dera aos *lioneses*, porquanto tinha ao redor um pequeno ornato sem emblema algum, o nome de Deus na parte superior do papel e estava firmada com a sua costumada cifra, bem como com as dos cinco oficiais.

Deu-lhes também uma cópia do seu livro, no qual está descrito todo o sistema, que *êles* seguiram com meticulosidade. Além destas memórias de sua pessoa, conservam os habitantes daquela cidade outra mão menos especial.

Quando morava em Strasburgo e fazia suas digressões a Basileia, mandou construir nos ar-



rabaldes desta cidade um pavilhão ou pequena casa ao uso da China, e quê, devendo ser destinada à experiência da regeneração física e moral, serviu-lhe, bem ao contrário disso, para roubar a certa pessoa uma avultada soma de dinheiro. Esta casa ainda existe, e, dando-se crédito ao que elle disse, goza de tal conceito entre os habitantes daquelles sítios, que os lavradores, quando passam por ella, fazem-lhe os mais particulares actos de veneração e respeito, crendo que está ali o mausoléu para a sepultura de Cagliostro.

Em Bienn, para onde seguidamente se dirigiu, trabalhou com as *pupilas*; depois, passando por Aix na Sabóia, Turim, Génova e Verona, conferenciou com numerosos maçónicos. Em Rovaredo, em virtude da retumbância causada pelos seus discursos relativos ao rito egipciano, foi rogado de muitas pessoas que nêle queriam ser admitidas, e para isso instituiu, em uma casa de campo e numa sala preparada com algum magnificência, uma *loja*, onde executou as variadas funções e cerimónias correspondentes ao seu rito, dando-lhes também, como aos seus satélites de Lyon, patentes pelas quais, atendendo à autoridade que tinha como fundador da ordem, os declarou *meztres* sem que fizessem escala pelos outros graus, e lhes recomendou as outras *lojas egipcianas*.

O conteúdo desta patente diverge da atrás transcrita. É assim concebida:



GLÓRIA

SABEDORIA

UNIÃO

BENEFICÊNCIA

PROSPERIDADE

«Nós o Grão-Mestre da R. [] egípciana do oriente de Medina na Arábia Feliz, tendo em «consideração os costumes, zelo, virtude e conhecimento maçónico do nosso caríssimo Irmão e Mestre... damos-lhe pela presente a faculdade de «receber, em todos os graus, aqueles que, pelos seus costumes, méritos particulares e virtudes, sejam dignos de ser admitidos a nossos «sublimes mistérios. Para esse efeito nomeamos «o nosso sobredito e caríssimo Irmão como presidente na qualidade de Mestre a [] aceitação «dita... debaixo da condição de não serem admitidos senão aqueles que, por seus costumes e virtude, possam contribuir para o bem, lustre e esplendor da nossa R. ordem. E assim ordenamos «a todos os Irmãos, que lhe são subordinados, «reconheçam ao caríssimo Irmão na qualidade de «Mestre, em fé do que lhe passamos a presente, «firmada por nós e selada com nossos selos.

«Dada ao oriente de... aos... do ano maçónico «co 5781.»

Duas observações convém fazer aqui para elucidar os leitores: a primeira, que a cifra [] indica no sistema maçónico *loja*; a segunda que, devido ao facto de os maçónicos não contarem o princípio do ano pelo mês de janeiro, a numeração dos anos é muito diferente. Não podemos, só-



bre isto, dar uma mais sufficiente noção, porque a sua norma muda segundo a variedade das seitas a que pertencem.

De Rovaredo passou a Trento e, finalmente, a Roma. Trento não nos fornece, sobre a maçonaria, nada que interesse, porque, como se referiu no capítulo primeiro, a óptima religião do bispo-príncipe que ali reinava intimidou Cagliostro, que, apesar disso, não abandonou a idéa de propagar seu sistema, chegando ainda a iniciar os preparativos para trabalhar com as *pupilas*, do que, por último, desistiu. Manteve por este tempo uma assidua correspondência com as *lojas* que fundou e com muitos de seus sequazes, sendo visitado por quantos maçônicos passaram por aquela cidade.

Em parte nenhuma foi tão inquietado nem envolvido em uma tam singular contradição de sucessos como em Roma. Por uma parte angustiava-o a vigilância do governo, por outra movia-o o seu afêrro à vida maçônica e também a indignância que começava a experimentar. Informado que em Roma havia uma *loja*, relacionou-se com alguns indivíduos que dela faziam parte, recusando-se, porém, a assistir às suas reuniões. Concorreu a um jantar que os mesmos deram em uma casa de campo, pronunciando um discurso relativo à sua maçonaria. Deleitava-se quando, em particular, tinha com elles algumas conferências no meio das quais manifestava o desejo que nutria de os iniciar no seu rito egipciano. Procedeu sempre de maneira a não os desgostar, fazendo-lhes lêr parte do seu livro e explicando-lhes, com mi-



núcia, todos os mistérios. Quando, convencidos, manifestaram querer seguir a sua maçonaria, prometeu atendê-los logo que tivesse saído do estado Pontifício, não sem primeiro ter induzido um deles a iniciar-se na maçonaria ordinária, filiando-se na loja acima indicada. Isto foi o bastante para que todos o chamassem pelo nome de pai e ele pelo de filhos, reconhecendo-o por superior e tributando-lhe respeitos como a seu mestre.

Continuou a corresponder-se, na forma e linguagem maçônicas, com as lojas e seus sequazes estrangeiros. Escreveu também diversas cartas a um seu parente, a fim de que conseguisse que certo personagem lhe remetesse algum dinheiro, prometendo, para que ele tratasse com calor este negócio, constituir-lo, na maçonaria egípciana, seu vigário geral, com uma plenipotência ilimitada. A sociedade crescia de dia para dia, mas o ansiado socorro não vinha, pelo que ofereceu a certo indivíduo instruí-lo na ciência maçônica egípciana e pensou na fundação de uma loja de senhoras em Roma. Do primeiro desígnio pouco ou nada aproveitou, e do segundo igualmente, em virtude de lhe terem dito que em Roma as senhoras ou não têm dinheiro ou o não querem gastar. Voltou-se, então, para os que lhe tinham exorado que os iniciasse na ciência maçônica egípciana, disposto, enfim, a satisfazê-los.

Vejamos como procedeu.

Certa tarde, introduziu-os no seu gabinete, e começou a dizer-lhes que, pelos seus conhecimentos, adquiridos nos arcanos do Egito, estabeleceu um grau supremo na maçonaria, ao qual não se



pode chegar sem ter passado pelos outros graus da maçonaria inferior, e que só ele podia dispensar na formal convocação da loja e nas dolorosas cerimônias que é da praxe fazerem-se quando alguém é iniciado em qualquer loja dos franc-mações. Depois continuou dizendo:

«Eu, como Mestre da Loja Suprema, vos declaro aprendizes, companheiros e mestres da loja ordinária, e desta forma autorizo a vossa admissão à Loja Suprema.»

Pronunciou em seguida um discurso relativo ao seu rito maçônico, findo o qual desembainhou a espada e, mandando prostrá-los por terra e colocar a mão direita sobre a cabeça, nesta atitude lhes fez jurar não revelarem a ninguém quanto tivessem visto e ouvido. Em seguida bateu três vezes com o pé no chão e com a espada no ombro direito de cada iniciado, pôs-lhes os dedos, soprou-lhes na cara e disse-lhes que, por aquele poder que o Eterno lhe tinha transmitido a ele só, lhes infundia a sua sabedoria e a de Salomão, e os declarava maçônicos, herméticos, pitagóricos e egípcianos. Concluída a cerimônia, apresentou-lhes o livro do rito, que não quiseram ler por causa do forte cheiro a almíscar que dele se exalava.

Decorridos dias participou-lhes que, convicto da inutilidade das lojas da maçonaria ordinária, fundára, havia muito tempo, uma loja na qual, como sumo mestre, comunicava aos indivíduos os conhecimentos que adquirira no Egito, sendo os mais importantes o modo de achar a matéria prima e de mudar a natureza dos metais, ciência de que Salomão se servira para acumular a imen-



sa quantidade de ouro de que fala a Sagrada Escritura. Também lhes fez crêr que a base fundamental destas reuniões maçônicas era o *segrêdo dos segredos*, e que, sobre elas, unicamente podia dizer: *Multi sunt vocati, pauci vero electi*, reservando para si, apenas, a noção exacta, que possuía, das artes mecânicas e arcanos. Finalmente, explicou-lhes os sinais, toques, palavras e gestos com que os maçônicos, nos seus respectivos graus, se distinguem entre si.

Até aqui, os dois novos iniciados mostraram-lhe uma dependência e veneração sem limites; porém, quando se chegou ao ponto da entrega das patentes, a scena mudou.

A fórmula era a mesma das que passára aos lioneses, e pediu-lhes que lhe dessem, por escrito, os seus nomes, apelidos e pátrias, para os fazer registrar em França, ao mesmo tempo que exigia por cada uma vinte mil réis, o que não agradou aos novos sequazes, que não só zombaram d'ele como não mais lhe tornaram a falar em maçonaria. Cagliostro, que em tôdas as partes do mundo que percorrera tirára, d'este e de quejandos exercícios, fartos recursos, não conseguira em Roma um único rial.

Temeroso de que algum d'elles o tivesse denunciado, como assegurou em suas declarações, tomou o partido de prostrar-se aos pés dum confessor e relatar-lhe seus delitos. Trazendo aqui à baila a confissão de Trento, convém dizer, porque Cagliostro assim o declarou, mais tarde, a duas pessoas da sua prisão, que ela não passou duma burla atinente a ludibriar o Santo-Officio.



Para coroar seus feitos maçônicos, sabendo que, efectivamente, o haviam denunciado, escreveu, a lódas as lojas da sua e da comum maçonaria, uma carta-circular em que lhes impetrava auxilio no caso de vir a ser preso. Há quem afirme que elle dizia nela que seus irmãos, caso o prendessem, sabiam bem como proceder, e até lhes lembrava que, se tanto fôsse preciso, pegassem fogo ao castello de Santo-Angelo ou ao palácio do Santo-Officio, se em algum destes logares o enclausurassem.

Este é o compêndio das acções maçônicas de Cagliostro, descritas, o mais possível, de acôrdo com a sua confissão, que reduzimos a um certo método e circunscrevemos aos factos essenciaes. Uma mais larga resenha serviria unicamente para enfatizar o leilão e dar importância imerecida às proezas dum charlatão. Resta agora que, para tornar íntegra e intelligivel a história, expunhamos aquellas coisas necessárias à sua boa comprehensão e de molde a aclarar alguns successos que, porventura, torpem inverosímil a série de tantos accidentes.

Como pode ser, perguntar-se há, que Cagliostro, aquelle célebre e excelente embusteiro, que com tanta perícia enganou e seduziu uma boa parte do mundo e que, pertinazmente, no processo que lhe moveram em Paris, quâse negou a luz ao dia, confessasse agora tanto? Porque, não obstante avisado de sua imminente prisão, não occultou, não destruiu, nem o livro que continha o sistema do seu rito egipciano, nem os diversos objectos maçônicos, nem as muitas cartas de corres-



pondência entre êle e seus filhos e que tôdas trabalhavam da maçonaria? Viu, no acto da sua prisão e diante de seus olhos, tudo isto ser recolhido pela justiça, a quem, por consequência, julgou cuidadosamente informada, sendo, portanto, inútil ou impossível negar, atendendo a que o conjunto destes documentos subministrava um inexpugnável corpo de delito e uma prova de seus crimes.

É verdade que o costume de falar muito e fôr de propósito levou-o, no decurso de suas declarações, a revelar muito mais do que aquilo que continham os documentos que lhe foram encontrados, servindo, ao mesmo tempo, para aclarar muitas coisas que, a não ser isso, jamais seria possível decifrar. Quando os juizes que o interrogaram, resumindo os factos por êle contados, lhe evidenciaram as provas que apareciam em justificação da sua malícia, quis retroceder, dando o dito por não dito, mas era tarde. Os juizes, previdentes, fizeram-no assinar, fôlha por fôlha, as suas declarações, obrigando-o a pôr, no fim de cada uma, a ressalva de que tinha entendido e visto quanto se escrevera, e que tudo estava conforme com o que havia dito. Contribuiu muito para a exactidão de suas declarações o zelo e cuidado com que o aferrolharam na prisão. Na Bastilha, êle pudera, mercê da sua constância na mentira, abrir caminho, iludindo o processo e corrompendo os guardas e os juizes à força de dinheiro. Aqui succedeu-lhe o contrário, apesar de ter corrido pela cidade o boato de que a pessoa encarregada da sua segurança o protegia, o que se averiguou não ter fundamento. Os juizes, ain-



da assim, fizeram ao réu diversas perguntas, por cujas respostas se saberia se estava ou não instruído de alguma coisa; o resultado foi tal, porém, que todos ficaram convictos de que o réu ignorou sempre as mais pequenas particularidades do processo.

É, pois, verdadeiro tudo quanto contou acerca da maçonaria! Sua inclinação à maçonaria ordinária; o crédito e a prepotência que adquiriu sobre as lojas da mesma invenção, ou seja a reforma do sistema egípciano; a fundação de muitas lojas de tal rito, para um e outro sexo e para todas as religiões; a propagação, em suma, desta seita em uma grande parte do mundo, são todos factos inegáveis, de que se obteve a plena certeza não só pelos testemunhos da mulher, sua inseparável companheira, como ainda pelos que foram achados em seu poder. Um célebre e distinto viajante, em carta escrita para Roma ao tempo em que corria este processo, assegurava ter visto em Lyon aquele magnífico templo erigido para o exercício da maçonaria egípciana ali instituída por Cagliostro, cujo busto de mármore estava levantado no meio.

Há no processo afirmações a que não devemos dar inteiro crédito, como aquela de que o número dos seus associados excedia um milhão, o que parece exageração importuna. É certo que, compulsando os documentos que lhe foram apreendidos, se verifica que ele tinha um grande número de sequazes, mas não tantos como afirmou. Sabe-se também, que, até aos últimos tempos da sua prisão, estavam ainda em vigor as lojas por ele



fundadas, havendo, porém, muitas deserções, de que ôle pouco ou nada se importava, visto já ter recebido o dinheiro.

Custaria a acreditar que ôle tivesse podido espalhar a cegueira em tantos logares e sobre tantas pessoas, se não soubéssemos que abriu grande brecha nos corações daqueles em quem era muito débil o fundamento da fé católica. Preferiu sempre como seus sequazes os ignorantes e os ricos, procurando cativar e entorpecer os ânimos dos homens seguindo-lhes o génio e as paixões malvadas. Vimos quanto fruto tirou, em muitos logares, da suposta sciência da pedra filosofal. Se alguém o consultava sobre as inclinações pelo belo sexo, responder: *Que para se ser bom maçónico era preciso ser homem perfeito, e que, para viver alegremente, bastava que lhe dêssem crédito e ao seu rito.* Por estes meios e por estas máximas, seus progressos deviam ser rápidos e extensos.

Já dissemos que um dos requisitos indispensáveis para ser-se admitido ao seu rito egipciano, era ter sido aceite na maçonaria ordinária. Esta praxe redundou em grande vantagem para o seu rito, o qual, seguindo um sistema inteiramente novo e tendo, como chamariz, o enganoso objecto da regeneração física e moral, mais facilmente ofuscava aqueles maçónicos ordinários que, ao que parece, eram primeiro maliciosamente instruídos pelos directores e mestres sobre tudo quanto pudesse servir a impugnar as regras da natureza. Perguntado acerca disto, respondeu que assim como o objecto da sua maçonaria visava a ensinar as máximas de Deus e a immortalidade da alma, assim



êle tinha resolvido só aceitar os maçônicos ordinários, por que são os que de propósito o refutam.

É falso que os maçônicos em geral não reconheçam um Deus e a existência da vida futura. Mas dêmos que seja verdade: se o fim de Cagliostro era realmente o que êle afirma, para que, ao apresentarem-se-lhe alguns católicos que não estavam filiados na maçonaria ordinária nem em qualquer outra, exigia dêles que, para serem admitidos na sua, se iniciassem, primeiramente, naquella? Ou não tinha, neste caso, motivo para admiti-los, ou o fim era outro. Demais, se era verdadeiramente levado do zêlo de radicar no ânimo dos incrédulos as indicadas máximas, porque não recebeu em seu rito aqueles que, sem serem maçônicos, também as combatem e negam? A força destas contestações perdeu-o; queixou-se primeiro dos juizes, dizendo que a tudo queriam atribuir delicto, e respondendo que, se tivessem lido as suas *Constituições*, reconheceriam a verdade das suas afirmativas. Replicaram-lhe que não estava em questão a subsistência, mas sim o motivo dela. Ele respondeu: *O que os senhores quiserem é o que há-de ser*. Retrucando-lhe que nada mais queriam dêle que uma resposta categórica, respondeu: *Eu tenho dito a verdade*. Iremos assinalando algumas destas passagens, freqüentíssimas em suas declarações, para que por meio delas se compreenda o carácter dêste homem e a qualidade de suas operações.

Porém, o que, mais que outra qualquer coisa, empenhará seguramente a curiosidade dos leitores, é a explicação daquelles discursos, conferên-



cias e trabalhos com as *pupilas*, tam frequêntes no exercício da sua maçonaria. Pretendeu sempre, em seus discursos, susentar uma excellência que, encantando os ouvintes, denotando a mais vasta doutrina e penetrando nas matérias sagradas e profanas, tirasse os incrêdulos do erro e os conduzisse a ver a luz e abraçar a religião católica. Pela mulher, porém, que assistiu à maior parte dêles, verificou-se que eram tam largos como inconcludentes, e que, antes de os proferir, bebia umas poucas de garrafas de vinho, sendo tam ignorante que lhe estava sempre pedindo que lhe sugerisse algum texto da Sagrada Escritura para tema do sermão. O dialecto italiano, misturado com um francês arrevezado, revolvía o estômago. Admittia toda a casta de religiões, sustentando que cria na existência de Deus e na immortalidade da alma, e era igualmente bom católico, e luterano, e calvinista, e judeu.

Falando dos soberanos, acomodava-se ao génio dos ouvintes, insinuando, algumas vezes, a subordinação, mas, mais frequêntemente, dizia que era preciso sacudir o seu jugo, e tinha por máxima chamar-lhes tiranos. Tratou sempre com desprezo a autoridade e a pessoa do sumo Pontífice, e todas as eclesiásticas gerarquias. Enfin, com seus discursos não fez mais que converter os católicos em incrêdulos, e os ateístas em deístas.

Esta descripção não é exagerada, e nem só a mulher a autenticou; há nos autos mais testemunhas que, tendo-o ouvido em diversas occasiões discorrer maçonicamente, asseguram que falava muito e sem método, sem raciocínio, sem causa,



e com uma mistura de palavras e sentimentos tais que ninguém compreendia o que elle queria dizer.

Os seus julgadores sofreram, por várias vezes, a pena de escutá-lo durante longo tempo sem proveito algum, visto que não havia meio de contê-lo nos limites de uma narração plausível, nem foi jamais possível pôr um dique à torrente da sua incrível verborreia. No meio, pois, de tal labirinto, para obter d'elle alguma confissão ordenada e intelligível, foi preciso conduzi-lo, levá-lo como pela mão na narração das suas proezas, e, afim de que estas pudessem algum dia produzir um testemunho do seu modo de explicar e arrazoar, deu-se-lhe muitas vezes a liberdade de ditar as respostas ás perguntas que lhe eram dirigidas. Certa vez, interrogado sôbre uma temerária proposição que avançava em menospreço da grande obra da Redenção e da morte de Jesus-Cristo, negou-a, e, para justificar a negativa, veja-se o disparate que pronunciou: *Respondo que tudo é falso, porque no meu sistema primitivo, e em todas as minhas operações, sempre tive em grande conta a serpente e a maçã na boca, que é a cifra que adoptei, e donde veio o pecado original e todas as nossas desgraças; e como a redenção de nosso Senhor Jesus-Cristo foi que a trespasssou, nós devemos tê-la sempre diante dos olhos e do coração, e todo o homem deve estar sempre vigilante contra as tentações diabólicas; por consequência, crédulo em tudo isto e na redenção de nosso Senhor Jesus-Cristo, tendo sempre feito observar isto, não é possível que falasse como se diz, porque seria desdizer tudo quanto tenho afirmado.*





José Balsamo perante o tribunal da Inquisição.

J. B.



Um homem, que em todos os termos de sua confissão demonstrou que desde a infância aborreceu os primeiros rudimentos científicos, e que desde a mocidade até o resto da vida não se dedicou a outro estudo que não fôsse o vício da impostura e da ladroeira, seria jamais capaz de proferir aqueles célebres discursos de que sempre se vangloriou?

Mas ainda isto não é tudo. Que deveremos dizer da sua ciência teológica e sagrada, léma dos seus discursos, mercê da qual, segundo se jactava, tantas conversões realizou em benefício da religião? Porventura teria ele tratado proficientemente as matérias da predestinação, da graça e do livre arbitrio? De nenhuma forma. Perguntado para que discesse quais os vícios capitais, respondeu que não sabia o número, e só se lembrava de alguns, isto é, da gula, da inveja, da luxúria e da usura.

Sobre as virtudes teologais disse que, se lhe dissessem a primeira palavra, se lembraria. Instado para que enumerasse as virtudes cardiais, respondeu que eram as mesmas que as teologais: sobre os conselhos da perfeição, respondeu: *fé, esperança e caridade*; obrigado a dizer os aços de *fé, esperança e caridade*, explicou-se assim: *A fé é a igreja; a caridade, o vínculo da perfeição; a esperança, a esperança da glória eterna*. Quanto ao sacramento do crisma, assegurou que era *uma confirmação do baptismo* e, quanto a extrema-unção, *uma confirmação que deixa o homem perfeito para partir para a eternidade*. Interrogado sobre se o homem tinha poder e autoridade



para mandar aos espiritos celestes, respondeu: *Eu creto que o homem, com a permissão de Deus, pode chegar a isso, porque Deus, bemdito antes da sua morte, nos deixou e deu a visão beatífica e divina, e porque o homem foi criado à imagem e semelhança de Deus, e os anjos, ainda que divinamente, não foram criados como o homem.*

Não falaremos aqui da sua ignorância a respeito dos sacramentos, da continua violação dos preceitos eclesiásticos e de tudo quanto forma o complexo de maldades em que esteve submergida sem interrupção sua vida. Os argumentos que ficam exarados são de sobra para arrancar a máscara à sua impostura. Ele pretendeu sustentar que seus discursos, lam excelentes e vantajosos para a religião católica, versavam sempre sobre o sistema da maçonaria egípciana, como está expresso no seu livro. E pois necessária consequência uma de três cousas: ou que o seu sistema era completamente católico; ou que não são verdadeiros os seus supostos discursos; ou que, a serem-no, foram prejudiciais à religião. Se, por uma parte, não podemos adaptá-los à primeira, como repugnantes à evidência, à luz natural e aos sentimentos da razão; se, por outra, são inegáveis seus fastidiosos discursos proferidos nas lojas e em outros lugares, somos obrigados a concluir que, se de seus discursos advieram algumas consequências, estas não poderiam ser outras que volver os católicos em herejes, ou confirmar os herejes em sua incredulidade, ou, o que é mais, levá-los de um a outro erro.

Para desembaraçar-se da força deste raciocí-



nio, tomou, em suas declarações, o partido de calar-se. Aqui vem a propósito uma reflexão: houve, efectivamente, entre os seus sequezes, muitos, quasi a maior parte, que se deixaram deslumbrar pelos seus discursos, e o decantaram como um ser divino. Mas como se chegou a esta obcecção? Juntando-se cegueira a cegueira: sem procurarem comprehender cousa alguma dos discursos de seu mestre, escutavam-no como a um oráculo, e garantiam que elle não falava fisicamente, mas sim moralmente, quere dizer, mysteriosamente, interpretando por si seus sentimentos.

As previsões, que elle attribuia áquella especial assistência com que Deus sempre o favorecera, concorreram para aumentar o fanatismo, e todas, conforme elle affirmou, foram um effeito da inspiração divina. A mulher, interrogada sobre isto, assignalou a proveniência de algumas, referindo-a certo confidente encarregado por elle de angariar informações sobre factos que se conservassem occultos e a origem de alguns casos naturais. Quando em Mitau, por exemplo, profetizou a uma joven que em breve seria espôsa de uma pessoa de consideração, anticipadamente tinha obtido noticia exacta da paixão amorosa que essa pessoa nutria pela aludida donzela. A outros annunciou uma morte próxima, mas estavam tais de saúde, que quem quere que fôsse poderia, sem errar, fazer igual predição.

De tudo quanto, ácerca de suas iníquas acções, aqui temos exposto, e do mais que exporemos, cada um fará o juízo que lhe aprouver. Nós reflexionaremos, unicamente, que os accidentes sobrena-



turais talvez possam ter lugar na humana opinião quando não se apresente para sua solução a possibilidade de outro meio. Cagliostro teve sempre à sua disposição mil maneiras de lundir o próximo. Vamos aos trabalhos das pupilas.

É certo que Cagliostro trabalhava muito a miúdo, e fazia trabalhar os outros com as pupilas do modo já referido, sendo certo, também, que em suas respostas, estas diziam ver o que se lhes perguntava, e em especial os anjos. Como sucedia isto? É o que precisamos esclarecer. O réu, segundo o seu costume, assegurou, com descaramento, que tudo era efeito de uma especial protecção de Deus para com elle, e que, attribuindo-se a graça da visão beatifica, fê-lo no intuito de melhor poder radicar o sistema egípciano e ensinar as máximas da existência de Deus, da immortalidade da alma, da conversão dos incrédulos e da propagação do catolicismo, esforçando-se sempre, em tais occasiões, por avivar a fé em Deus, rogando-o e invocando-o do coração.

Ouçamos agora o que diz a mulher: substancialmente depôs que ainda que as pupilas, na sua quase generalidade, estivessem prevenidas por seu marido do que deviam responder, contudo algumas, escolhidas e trazidas no mesmo instante, não podiam obrar senão por arte diabólica; que, tendo-lhe rogado por diversas vezes que lhe communicasse a origem de tais trabalhos, sempre se recusára a satisfazê-la, aduzindo que não era animosa e forte bastante para arrostar com o mysterio; que somente lhe ensinára a operar com as pupilas, proferindo estas palavras: *pelo poder que*



tenho do Grão-Copta, e batendo três vezes na terra com o pé direito; que semelhantes trabalhos eram sempre dirigidos a fins secundários e de seu próprio interesse; que algumas vezes dizia estarem salvos todos os maçônicos e seus respectivos parentes, e condenados aqueles que, ou não se tinham deixado ludibriar, ou o tinham classificado como infimo impostor; finalmente, que outras vezes dizia ou ordenava a pupila que dissesse que a fisionomia dos anjos se parecia com a dela, sua mulher, afim de que os circunstantes se afeioassem mais à sua pessoa.

O director do *Correio da Europa* também, nesta altura, atacou ferozmente Cagliostro, publicando documentos sensacionais em prova de que tudo quanto elle fazia e dizia era um mero jogo de pelólicas. Nós, que à luz da fé e da razão só vemos, nas afirmações de Cagliostro, uma prova da sua impiedade e impostura, deixamos a outros o decidir se, à indicada opinião da mulher, deve preferir-se a proposição do gazeteiro. Quem fór dotado de bom senso, conhecerá facilmente o que deve pensar em face do que vai lêr-se.

Entre os papeis de Cagliostro, encontraram-se os seguintes, remetidos, sem dúvida, por alguns dos seus sequazes de quem estava ausente, talvez para que elle os explicasse, e que nós, de boa vontade, aqui publicamos por extenso, afim de que o tecido deles seja melhor comprehendido na sua intimidade. O primeiro é assim:

Vigésimo terceiro dia do oitavo mês.
L. M.^o A. trabalhando.



Depois as ordens Esp. El P. diante para ver o A. d.

Eu me acho em um lugar escuro no ar.

Eu vejo uma espada de ouro suspensa.

Eu vejo vir Leuther... g.

Ordem de retirar-se.

R. *Ele ri, e diz que não tenham pena.*

Ele abre o vestido, e mostra-me uma ferida sobre o coração e um punhal.

D. Isto é segundo a vontade do Grão-Copta?

R. Sem dúvida.

Tira uma pistola de dois canos debaixo do vestido e mostra-ma.

D. Socorro!

Eu vejo uma estrela.

Eu vejo duns.

Eu vejo sete.

D. De que se fala?

R. Leuther... g vai-se. O sítio muda.

Eu vejo os sete A. etc., etc.

Os A. dizem que é necessário comunicar esta aparição fisicamente ao Gr. C.

O Gr. C. enfadon-se, dizendo que isto tinha causado terror a M.^{ma} A. e podia ser prejudicial aos seus interesses; porém, que tudo estava em regra.

R. Da M.^{ma} que ela esperava, que isto não seria nada, porém, que tendo conhecido neste homem um poder baixo, tinha medo.

O Gr. C. disse que ali não havia nada a temer, e que estava bem feito.

Em outro sete.



Extrato do faclo, [] sábado, dia d'oze do segundo mês do ano de 5558.

Todos os mestres, excepto o irmão Elias, presentes.

[] As operações dirigidas por elle, bem Saba II.

OPERAÇÕES

Depois das perguntas do costume, os sete anjos com suas citaras, estando diante o pupilo.

D. Dize-lhe que um amigo do Mestre N. N., tendo passado por aqui, e devendo tornar amanhã, instrua a N. companheiro o ven. Alexis II para ver as nossas operações de Lojure que, tendo recebido sobre este assunto as instruções do nosso Mestre, as quaes não estão sufficientemente claras, nós lhe perguntamos se elles podem aclará-las, ou se, por este motivo, devemos rogar ao Gr. C. para que nos favoreça com sua presença.

R. Eu vejo vir a nuvem do Gr. C., o qual desce, vem junto a mim, beijo-lhe a mão e traz sua citra sobre o peito.

D. Que a Mestra chegue ao trono e o saúde em seu nome e no de toda a [] dando-lhe graças pelo favor que se serve de fazer-lhe.

R. Faz-lhe uma cortesia com a espada, traça um círculo no ar, pronuncia a palavra Heloim e põe a ponta da espada na terra.

D. Dize-lhe respeitosamente que, como sabe, o seu amigo N. N. passou por aqui e manifestou a vontade de ver, quando por aqui voltasse, a nossa [], deixando tudo o mais à nossa dispo-



sição; e que, estando a [] de acôrdo em fazer-lhe a vontade e agradar-lhe por tôdas as formas, rogamos-lhe tenha a bem ordenar o que havemos de fazer sôbre êste assunto.

R. Vós outros podeis introduzi-los na [], fazer-lhe um discurso e depois mandareis trabalhar Alexandre.

D. Se nós outros devemos estar decorados na []?

R. Sim.

D. Que me toca presidir a próxima [] e que me considero muito feliz em ocupar êste posto, de que certamente me tem sempre advido glória, mas por esta vez lhe suplico me diga se não seria melhor que o nosso companheiro, o Ven. Mestre Ag.¹ a dirigisse.

R. Sim, será melhor por esta vez, e limitar-se há a fazer trabalhar Alexandre. O Gr. C. espera poder recebê-lo pessoalmente, e então lhe mostrará o mais.

D. Que nós outros nos conformamos com as suas ordens, e se devemos fazer trabalhar Alexandre, como é costume, com a redoma, ou fazê-lo entrar no tabernáculo.

R. Para introduzi-lo no tabernáculo seria necessário provar primeiro que êle estava apto para isso; portanto, é melhor fazê-lo trabalhar como até aqui; pois de outra forma poderia sair-se mal.

D. Que sendo o discurso o principal objecto, e os trabalhos de Alexandre sómente um accessório, o Mestre Ag.¹ pede particularmente sua assistência, afim de que neste trabalho nada falte.

R. Dará sua assistência para os trabalhos de



Alexandre e, sabendo que nos últimos que efectuou se saiu bem, não há razão para nestes haver falência.

D. Que à [] de hoje sómente assistiram os mestres, ficando de fora as irmãs N. N., e se quere que na próxima [] também seja assim, ou se estas irmãs devem entrar.

R. Elas devem estar presentes.

D. O Mestre Ag.¹ quere saber se podia contar ao Gr. C. aquilo que se passou esta noite, e que tu e Alexandre ouviram; se isto é justo ou contra sua intenção.

R. Que isso não quere dizer nada, e não erá propriamente contra sua intenção, visto que elle já tem trabalhado mais vezes.

D. Se tu e Alexandre estais seguros neste assunto.

R. Sim, que isto mesmo é simbólico e que neste momento está tendo um trabalho muito penoso.

D. Que toda a [] deseja que isto tenha saído à sua inteira satisfação.

R. Cortesia com a espada.

D. Que agora há aquí uma oração acabada, e que a inscrição está feita sobre todas; se permite que lha mostrem.

R. Sim, elle o leva a bem.

D. Diz que isto agrada muito ao irmão Eli... e pergunta se pode começar a dourar as três ou quatro que estão acabadas, ou se é preciso esperar que todas se concluam.

R. Tanto faz; vós outros podeis fazer acerca disto o que vos parecer.

D. Que sobre este assunto escrevemos ao ir-



mão N. conhecendo o seu zelo, parecendo-nos que não podíamos ter escolhido melhor.

R. Tudo está bem, e pergunta se todos os Mestres estarão com uniforme completo para a festa de três de maio.

D. Que todos nós assim faremos; enquanto ao irmão Elias, ausente, não julgamos o esteja, porém será obrigado a dar razões que mereçam aprovação.

R. Que será necessário ouvir as razões que há-de dar.

D. Que o laboratório está inteiramente acabado, e que pouco falta para estar também adornado.

R. Bom. Começar com pressa a trabalhar segundo a ordenança n.º 33.

O Ven. Alex. D. Nós outros podemos começar depois de ter tido de consulta; a prata da caixa comum não tem ainda legado; o irmão N. foi encarregado de receber a conta, e nós esperamos-lo, julgando que no fim da próxima semana poderemos começar, não sem pedirmos primeiramente sua assistência.

R. Bem; cortesia com a espada.

O Ven. Se tem ordens ou conselhos que dar?

R. Não.

D. Determinamos rogar-lhe nos dê sua direção.

R. Estende a mão e lha dá de todo o coração.

D. Dá-lhe graças; e vós, meus irmãos e irmãs, recebei-a; os anjos estão contigo?

R. Sim.



D. Põe-lhe de joelhos e fazê-lhe adoração, e encomenda-lhe seu cuidado pela .

Feita a adoração, encerra-se a .

Agora convém dar uma explicação, ainda que resumida, destes trabalhos, ao menos daqueles que Cagliostro pôde demonstrar. Quanto ao primeiro documento, ficará na mesma obscuridade, porque Cagliostro declarou que *nunca entendeu a sua construção*; pelo que toca ao segundo, disse que não deu crédito à sua aparição entre as nuvens; como nêle se afirma, nem tão pouco crêra na que lhe inculcaram os lioneses, entre Enoch e Elias. Se na realidade acreditou, ou não, ignorámo-lo, porque não possuímos o dom de penetrar no recesso dos corações. Sabemos, no entanto, porque a mulher o disse, que respondeu a seus filhos que, assim como naquela ocasião o tinham visto entre as nuvens, assim algum dia, depois da sua morte, o veriam glorioso no céu.

Porém, a prova mais luminosa que podemos dar, não diremos aos católicos, que seguramente não tem disso necessidade, senão aos herejes e aos mesmos séquazes de Cagliostro, sobre a maldade destes trabalhos em particular, como de todos os outros em geral, são as respostas que ditou às perguntas e contestações que lhe fizeram os juizes.

Certa vez, caiu em dizer que prevenira alguns de seus filhos para que, quando voltasse a Itália, não lhe escrevessem mais de Maçonaria, *porque desde a sua estada em Londres, ficou duvidando se era uma coisa boa ou má*. Perguntan-



do-se-lhe porque restringiu esta proibição à Itália, respondeu: *Porque sabia que na Itália dominava universalmente a religião católica, ao passo que nos outros países havia diversas religiões.*

Retrucando-se-lhe com o argumento de que ele de há muito sabia que a maçonaria egípciana era um sistema oposto à religião católica, replicou: *Com efeito assim o creio, especialmente na parte que se refere ao trabalho das pupilas.* Daqui adveiu a oportunidade da seguinte pergunta: Como era possível acreditar que no trabalho das pupilas ele estivesse assistido de um especial favor de Deus em proveito da religião católica? Respondeu: *Eu não compreendo este jôgo de palavras; não me entendo a mim mesmo; não sei o que hei-de dizer; tenho dó do meu infeliz estudo; limito-me somente a pedir socorro para a minha alma; estou imerso em milhares de erros de religião.*

Este arrependimento foi momentâneo, e com ele quis apenas ganhar tempo para pensar. Alacado por outras duas vezes sobre o mesmo assunto, disse que, por um especial favor de Deus, sempre se tinha saído bem em seus trabalhos; quando, porém, se viu assediado com perguntas, donde ressaltava a evidência de suas más obras, replicou: *É possível que tenha errado; perco o tempo, e não compreendo nada de tudo isto.* Admoestado para que respondesse categoricamente, disse: *Repito o mesmo; digam-me os xurs. o que devo dizer.* Exortado, por último, a manifestar espontaneamente a verdade, concluiu com estas significativas palavras: *Eu jámais meti o Diabo em meus*



trabalhos, ou usei coisas supersticiosas — e, dizendo isto, ficou num estado de agitação extraordinário.

Para não sairmos das regras inerentes a um compêndio, iremos percorrendo rapidamente a respeito de suas declarações. Necessitaríamos volumes se quisessemos inserir aqui, por inteiro, as perguntas e contestações com que o assediaram, afim de arrancar-lhe a verdade, porém em vão. Sempre que se via apertado pela força dos argumentos, ou rompia em injúrias contra os juizes, ou dava respostas de todo incoerentes. Assim succedeu quando, nos últimos interrogatórios, se tratou da matéria dos trabalhos.

Apresentando-se-lhe as provas que demonstravam a sua impiedade, quis justificar-se, respondendo: *Eu sou católico, e, se os surds. o não crêem, que hei-de fazer-lhes?* E mais isto: *Eu sou um malvado, porém católico romano, e se os surds. o não crêem, creio eu na visão beatificante.* Obrigado a dizer o que entendia pelo poder que recebera de Deus para obrar semelhantes trabalhos e como acreditara em lê-lo recebido, disse: *Que o poder é a ajuda que Deus dá a um bom católico, e que deriva do dom daquela visão beatificante que nos deixou Jesus antes da sua morte, com as palavras: Ego claritatem, quam dedisti, mihi, dedi eis; non pro eis, qui credituri sunt per Verbum eorum, me, ut omnes mecum sint.* Este poder podia ser comum a todos os católicos? Cagliostro replicou: *Sem dúvida que é comum a todos os católicos.* Como, pois, afirmava que sem o seu poder as operações não davam bom resultado?



Por que aqueles que eram incumbidos de as executar não criam em Deus; alguns a quem transmitir o poder saíram-se bem, outros não; a razão disto é que eu não sei.

Finalmente chegou-se a um diálogo mais precioso sobre a visão beatífica. Que entendia debaixo desta denominação? Uma existência espiritual, angélica e sobrenatural. A quem se concede? Deus tem-a dado, dá-a e a dará a quem for do seu agrado. De que modo se verifica? De três modos: o primeiro fazendo-se Deus visível, como se fez aos Patriarcas e aos homens, quando veio ao mundo; o segundo com a aparição dos anjos, fazendo-os visíveis aos homens; o terceiro, dando-lhes impulsos e inspirações internas. Porque meio chega o homem a obtê-la? Estando sempre reunido a Deus, com a santa igreja e com a fé católica, e tendo os vínculos da caridade e da fé. Com estas premissas basta pedi-la a Deus com fervor, que, se não é hoje, virá tempo em que lhe conceda. Alguém entre os vivos tem obtido semelhante visão? Que eu saiba ninguém, e somente eu, ainda que pecador, creio tê-la tido, mediante algumas internas pulsações como já expliquei. Sendo ele um pecador que confessara ter sempre violado os preceitos eclesiásticos com os seus trabalhos, e que, por outra parte, se julgava atascado em toda a espécie de iniquidades, como pudera obter aquela graça para a qual é necessário estar sempre reunido com Deus e com a religião católica? Eu não operei jamais com os diabos, e se sou um pecador, Deus, que é tão misericordioso, por certo me terá perdoado. Em muitos de seus sequazes



não estava seguramente verificada a reunião com Deus, nem a pureza da fé, nem o exercício das virtudes que lhe são inerentes, tendo-os elle mesmo classificado de incrédulos e de um péssimo teor de vida. Como chegaram então à visão beatifica? *Eu, como homem, não posso entrar nos julgos de Deus, e elle, que é senhor de dispensar suas graças a quem quer, pode-as, portanto, ter dispensado a elles.*

Pelo que fica exposto sobre os trabalhos com as pupilas, se decidirá, facilmente, que tudo era uma mera burla, mercê da qual, no entanto, conseguiu o que desejava, isto é, a cegueira de muitos. O successo de semelhantes trabalhos contribuiu enormemente para a fama e celebridade da sua pessoa, sendo tido como um ente sobrenatural caído do céu, respeitado como um oráculo, venerado como um símbolo de virtude, de sabedoria e de poder sem limites. Em outra parte deste livro já esmiuçamos com alguma precisão este fanatismo, reservando para aqui mostrar a prova, que não tem réplica, pois foi extraída das cartas de seus sectários que lhe foram encontradas. Os títulos que lhe tribulavam de *adorado pai* e *venerável mestre*, eram usuais; vulgares as expressões de admiração, subordinação e respeito; nunca interrompido o costume de beijar-lhe a mão, de ajoelharem a seus pés, de pedir-lhe a bênção; todos estavam suspensos da sua bôca, com tal contrição e respeito como não estariam perante um pai ou um soberano; ninguém ousava replicar-lhe. A mais prolixa descrição da nossa pena não daria uma noção exacta da verdade, e, para que ela res-



salle claramente, inserimos aqui três das muitas cartas de seus adeptos que foram encontradas em seu poder, e que representam ao vivo a cegueira de que estavam possuídos.

A primeira foi escrita por pessoa que havia pouco se tinha separado d'ele, e esperava tornar a vê-lo dentro de alguns meses. É assim concebida:

«Meu Mestre, depois do Eterno meu tudo. Parece que o mar se queria opôr à separação, que fui obrigado a fazer. Estivemos dezoito horas sobre a água, e arribamos às onze da manhã. Meu filho tem sofrido muito; mas, caro Mestre, vive a fortuna de vê-ros esta noite. O Eterno deu realização à bênção que de vós recebi! Ah! Mestre, depois de Deus, vós sois a minha única felicidade! Os nossos irmãos N. N. e N. N. recomendam-se à vossa bondade; são bons rapazes, e, por meio do vosso poder, algum dia serão dignos de se chamarem vossos filhos.

«Ah, Mestre, quanto desejo chegar ao mês de setembro! Só então serei feliz. Quando poderei ver-vos, ouvir-vos, dar-vos provas iniludíveis da minha fé e do meu respeito? Nós partimos amanhã: que prazer terão nossos irmãos!

«Não recebi a carta que N. N. me escreveu, porque ela partiu esta manhã às quatro e nós chegamos às onze horas.

«Será possível que eu não encontre mais em Paris aquele que era a minha única felicidade? Mas eu me resigno e humilho diante de vós.

«Escrevi ao sr. N. N. como me ordenaste. Ah! Mestre, como é duro não poder assegurar-



«vos, presentemente, todos os meus sentimentos
«esão por carta! Vem aí o mês de setembro, e
«então poderei, aos vossos pés e aos da Mestra,
«tributar-vos o preito da minha submissão, do
«meu respeito e da obediência que animarão sem-
«pre aquele que deseja com veemência pertencer
«inteiramente a seu Mestre. Bolonha, sobre o mar,
«aos 20 de junho de 1876, o mais indigno e o mais
«humilde de vossos filhos: N. N. N. Suplico-vos,
«Mestre, que me prostreis aos pés da Mestra.»

Na segunda, parece que outro sequaz lhe es-
creve em virtude de ter primeiro recebido noti-
cias dele. É do seguinte teor:

«Senhor e Mestre: N. e N. ensinaram-me o
«modo de manifestar-vos as homenagens do meu
«respeito. A primeira coisa que faço é prostrar-
«me a vossos pés, consignando-vos meu coração
«e rogando-vos que me ajudeis a levantar meu es-
«pírito ao Eterno. Não vos direi palavra, ó Mes-
«tre, de todos os desgostos que experimentei no
«momento em que as ondas do Oceano aparlaram
«de França o melhor dos Mestres e o mais pode-
«roso dos mortais. Vós o sabeis melhor do que
«eu. Minha alma e meu coração devem ser-vos
«patentes, e nêles sempre prestarei culto a vossas
«virtudes, à vossa moral e a vossos benefícios.
«Dignai-vos, ó soberano Mestre, lembrar-vos de
«mim, tendo presente que eu fiquei só no meio
«dos meus amigos, pois que vos perdi, e que o
«só desejo que nutro é o de reunir-me a Mestre
«tam bom e onnipotente, o único que pode comu-
«nicar a meu coração aquela força e energia que
«me tornem capaz de seguir sua vontade.



«Aguardarei respeitoso e submisso vossas soberanas ordens, ó Mestre, e onde quero que esteja as cumprirei com todo o zelo que deveis esperar dum súbdito que vos pertence, que vos jurou a sua fé e consagra a obediência mais cega. Dignai-vos sómente, senhór e Mestre, não abandonar-me, dar-me vossa bênção e unir-me com vosso espírito; então ficarei certo que serei tudo aquilo que vós quiserdes que eu seja.

«A pena entorpece-se a todos os impulsos da minha alma, porém meu coração está repleto dos mais respeitosos sentimentos; dispõe, pois, do meu destino, não me deixeis padecer demasiado a tempo longe de vós. Peço-vos a felicidade da minha vida. Vós fizeste-me sentir ansiedade ó Mestre, e só vós a podeis satisfazer.

«Com todos os sentimentos de um coração resignado e submetido, prostro-me a vossos pés e aos da Mestra. Sou vosso com o mais profundo respeito, Senhor e Mestre. Bolonha, 20 de junho de 1876. Vosso filho súbdito e devoto até à morte, N. N.»

A terceira não está firmada com o próprio nome de quem a escreveu, mas sim com aquele que representa o do mestre da loja. Nela se dá notícia da realizada consagração da loja de Lyon, expressando-se-lhe os mais ternos agradecimentos por ter autorizado tam augusta cerimónia. É do teor seguinte:

«Senhor e Mestre:— Nenhuma coisa iguala a vossos benefícios, e por isso vos tornais digno de todas as felicidades. Os vossos representantes, desempenhando-se da honrosa missão que



«nêles delegastes, descerraram a porta do Grande
«Templo, esforçando-se porque o vosso poder cres-
«ça mais e mais.

«Nunca a Europa assistiu a uma cerimônia
«tam augusta e sublime! Atrevemo-nos a dizer,
«senhor, que ela não podia dar testemunhos
«mais penetrantes da grandeza do Deus dos deu-
«ses nem provas mais frisantes da vossa suprema
«bondade!

«Nossos mestres tem desempenhado com ver-
«dadeiro zelo e espírito religioso os trabalhos in-
«teriores da loja, e os nossos companheiros mani-
«festam um tam grande fervor e uma tão nobre
«piedade que muito tem edificado os irmãos que
«de vós receberam a gloriosa honra de represen-
«tar-vos. A adoração e os exercícios duraram três
«dias e, por um concurso de felizes circunstâncias,
«estando juntos em número de 27, sustentamos
«cincoenta-e-quatro horas de adoração.

«O fim que hoje nos move é pôr a vossos pés
«a débil expressão do nosso reconhecimento. Não
«vos faremos a descrição da cerimônia divina de
«que fostes instrumento, porque brevemente vo-la
«fará de viva voz um dos nossos irmãos. No en-
«tanto dir-vos hemos que no momento em que pe-
«díamos ao Eterno um sinal que nos certificasse
«de que nossos votos e nosso templo eram aceites,
«vós, Mestre, sem nós vos termos chamado, di-
«gnastes-vos aparecer no meio do ar. O primeiro
«filósofo do novo testamento abençoou-nos depois
«de ajoelhar diante da nuvem turquina, da qual
«obtivemos a aparição, e sobre ela, cujo resplen-
«dor a nossa joven C. nunca pôde ofuscar desde



«o instante que desceu do céu à terra, se levantou, eréctil e majestoso.

«Os grandes profetas e o legislador dos legisladores de Israel deram-nos sinais sensíveis da sua bondade e da sua obediência às vossas ordens. Tudo concorreu para auxiliar nossas fracas forças, tornando a operação completa e perfeita.

«Felizes dos vossos filhos; se vos dignardes protegê-los sempre, cobrindo-os com vossas asas. Agora estão penetrados das palavras que do alto do ar dirigistes a C., a qual vos pedia por ela e por nós outros: *Dize-lhes que os amo e amarei sempre.*

«Todos áles vos juram respeito, amor e uma gratidão eterna, impetrando a vossa bênção, afim de que ela complete seus votos. Primeiro de agosto de 5556. De vossos súbditos respeitosos, filhos e sequazes. O filho maior, Alexandre Ter.»

As demais cartas conservam o estilo alambicado das que aí ficam, e são, na sua maior parte, escritas em francês, tendo-as Cagliostro, em suas declarações, traduzido para a língua italiana, exprimindo excelentemente os pensamentos dos originaes, *ex ungem Leonem*. Se seus filhos e sequazes, na sua ausência, lhe davam um tratamento desta natureza, imagine-se o que fariam quando estavam em sua presença e assistiam a seus trabalhos maçónicos! Ele próprio relatou que muitas vezes se prostravam ante si, permanecendo nesta postura por mais de uma hora; pela sua parte não os deínoia disso e, para não arrefecer



a scena, ao mesmo tempo que lhes cativava o animo e lhes lisonjeava venenosamente as paixões, mostrava para com elles uma presença grave, misteriosa e dominante. Em suma, tiranizava-os a seu bel-prazer. Do imo de nossa alma lastimamos todos aqueles que se deixaram reduzir a tam vil e afrontosa escravidão!

Após a leitura desta história, haverá ainda alguém que se deixe ludibriar pelas irrisórias doutrinas de tam emérito pantomineiro?

Não abundarão aqui matérias de sobra para se resgatarem e conhecerem a verdade? Ainda desejarão que se lhes diga mais alguma coisa sobre Cagliostro, seu rito e suas operações? A dizer a verdade, o que fica exposto deveria ser sufficiente para illuminá-los e poderem fugir de trevas tam espessas; não obstatante, apresentar-lhes hemos ainda o proceder, mais malicioso que louco, que Cagliostro adoptou em suas declarações, a fim de desculpar a enormidade de seus erros e livrar-se do castigo; e, então, ou se arrependem e declaram vencidos, ou, do contrario, concluiremos que perderam de todo a luz da razão e do senso comum.

Logo no primeiro interrogatório e após as perguntas iniciais, desatou em improperios contra a corte de França, a quem attribuiu todas as desventuras que soffera depois da sua prisão na Bastilha, dizendo que lhe corromperam a mulher afim de o comprometer, como se aquella corte, caso quisesse, não tivesse ao seu alcance outros mil meios mais efficazes para vingar-se e desfazer-se dele! O livro da maçonaria egipciana, os arnezes, os



papeis que constituem as provas da sua impiedade, excluem qualquer suspeita de fraude e de calúnia, em seu detrimento; elle via bem quanto lhe era útil espalhar a dâvida sobre as declarações da mulher, a única que podia aclarar os enigmas da sua iniquidade e descobrir aquillo que de mais ninguêem era conhecido. Este foi o motivo porque, logo de principio, pediu aos juizes a graça de deixarem junto de si e no mesmo cárcere sua mulher, *por quem sentia a maior ternura e amizade* — sem dâvida na intenção de instrui-la e pô-la de seu lado. Não foi atendido em semelhante petição, como em outras, qual era a de o installarem em cárcere melhor e ter papel e tinta para escrever, no intuito, que bem se adivinha, de entabular correspondência com os seus sequazes, a ver se lhe era tam útil como lôra em Paris.

Abortadas estas primeiras tentativas, tomou o partido de affectar sinceridade, confessando que efectivamente exercera a maçonaria egipciana, que sempre supôs um ótimo sistema para propagar a religião. Os juizes, tendo acordado em não o contradizer, deixaram-o falar a vontade. Renovou depois as instâncias antecedentes, porém com o nulo resultado das demais vezes, pelo que tentou outro meio, retratando-se da sua fé no rito egipciano e mostrando muito arrependimento e contrição.

Além das mencionadas petições, outras fez a respeito de vestuário, comida e alguns livros, que foram atendidas, dando-se-lhe, para lêr, o tratado do padre Nicolas Maria Palavicini em defesa do Pontificado romano e da Igreja católica. Passados



dias declarou espontaneamente que, pela leitura daquele livro, reconhecera e se persuadira que a maçonaria egípciana em nada tinha utilizado a igreja, mas sim ao diabo, pois era oposta à religião, ao bem das almas e a Deus.

Prosseguiu ainda, explicando-se assim:

«Pelo que, pezaroso e arrependido como estou de ter passado os quarenta e cinco anos da minha vida neste estado miserável de perdição da alma e abismado em tantos erros, estou pronto, para salvar-me e reparar os danos que occasionei à religião e às almas dos outros, a retratar-me, fazendo uma declaração nesse sentido. Mas antes, como tenho na Europa uma imensidade de sequazes e filhos que adoptaram o rito egípciano, talvez mais de um milhão, os quais estão firmes nesta crença e inteiramente dependentes do meu oráculo, e, se bem que sejam, em sua maior parte, pessoas de illustração e de mérito, parte herejes parte católicos, contudo não bastarão a persuadi-los contra o sistema por mim ensinado nem os argumentos, nem as persuasões dos teólogos, eruditos ou quaisquer outros, prontifico-me a fazer por escrito, divulgando-a, esta minha declaração, a única que poderá illuminá-los. Rogo, portanto, a vossa senhoria queira notificar estes sentimentos a meus juizes, para que dêes tenham conhecimento, fazendo o que lhes aprouver do meu corpo e castigando-me por meus delitos, pois me basta salvar a alma, para o que perdão a todos os meus inimigos, e a quem quere que tenha tido interferência no presente processo, o qual, reconheço-o, contribui para meu bem



«e para a salvação da minha alma; igualmente me recomendo a v. s.^a, que sempre me tem tratado caritativamente e interrogado com uma justiça e uma equidade que jamais encontrei em outra parte, concorrendo, além disso, para fazer-me conhecer os erros em que incorri e a miserável vida que arrastei.»

Durante esta confissão chorou continuamente; depois continuou:

«Eu não desejo outra coisa mais que a salvação da alma; estou pronto para receber a mais severa punição, e quisera remediar o mal que causei a tantas pessoas, especialmente a minha mulher que ainda vive no erro, visto que foi por mim iniciada no exercício da maçonaria egípciana.»

Repetiu muitas vezes esta palinódia, mas ninguém acreditou que falasse com sinceridade e verdadeiramente arrependido; supunha poder reconquistar por este meio a sua antiga liberdade, mas, qualquer que fosse seu pensamento, o certo é que se enganou, pois continuou retido na prisão. Decorrido algum tempo sem ser interrogado, pediu com instância para que novamente o ouvissem, e, não havendo nisso inconveniente, os juizes fizeram-lhe a vontade. A primeira pergunta que lhe dirigiram respondeu que queria falar-lhes sobre dois filhos, um primogénito e outro segundo. Retrucando-se-lhe que neste acto não havia lugar para parábolas e que manifestasse imediatamente o motivo porque desejara ser novamente ouvido, resolveu-se a citar vários textos da Sagrada Escritura extraídos do livro que se lhe dera para ler, mas



tam estropiados que não se entendiam nem se sabia qual o fim a que, citando-os, visava.

Admoestado para que se limitasse a falar sobre a sua causa, respondeu: «Eu entendo que assim como aqueles que honram os pais e as mães e veneram o sumo Pontífice são abençoados de Deus, assim tudo quanto tenho feito o fiz por ordem de Deus, pelo poder que me comunicou, e em serviço de Deus e da igreja; e, cumprindo-me apresentar as provas de tudo quanto tenho feito e dito, não só moralmente, senão também fisicamente, farei ver que assim como servi a Deus por Deus, e pelo poder de Deus, assim ele me deu o contra-veneno para confundir e combater o inferno, visto que outros inimigos não tenho que os do mesmo inferno; e se, porventura, delinqui, o Santo Padre me castigará, ou perdoará se me assiste razão; persuado-me que, se ele me ouvisse, amanhã estaria em liberdade.»

Obrigado a apresentar as provas prometidas acima, respondeu: «Para provar-lhes que fui eleito por Deus como apostólico para defender a religião e propagá-la, digo-lhes que assim como a igreja instituiu os pastores para ensinar a todos qual seja a verdadeira fé católica, assim eu sempre obrei com conselho e aprovação de dois pastores, N. N. e N. N., os quais me asseveraram que, sendo a ordem egípciana de origem divina, merecia ser aprovada pelo santo padre.»

Convém esclarecer que dos dois citados pastores um era morto, e não desmentira, enquanto vivo, tal asserção, e o outro, depois de fanatizado por Cagliostro, fôra por ele ludibriado com várias



imposturas. É também pura mentira a disposição atribuída a seus sequazes de pretenderem erigir o sistema egípciano em uma ordem religiosa, pedindo à Santa Sé a sua aprovação. No que pensaram foi, segundo disse a mulher, em fazer com que Cagliostro vivesse em companhia deles, comprando para o efeito uma casa que seria como uma espécie de convento maçónico no qual pudessem habitar com suas mulheres, que ficariam sendo pertença de todos.

Os menos perspicazes verão claramente que a aprovação dada ao seu rito egípciano pelos dois enunciados pastores não passou dum subterfúgio de que Cagliostro lançou mão para desculpar a sua iníqua credulidade passada e presente. Em primeiro lugar, ele detalhou prolixamente a instituição da sua maçonaria, a criação de várias lojas, o exercício dos trabalhos com as pupilas; e tudo quanto com a mesma se prende, e fê-lo em um tempo muito anterior àquele em que se relacionou com os referidos pastores, depois do que continuou a propagar o seu rito do mesmo modo como o fizera anteriormente; logo, se persistiu na credulidade, a ele tão só a devia, e não aos conselhos de outrem.

As suas contradições, nesta parte, são de tal monta, que insuperavelmente demonstram e justificam a sua declarada iniquidade na alegada boa-fé, assim precedente como actual. Já vimos como, confessando em suas primitivas declarações o conhecimento dos próprios erros, o agravo feito à religião com a maçonaria egípciana e o severo castigo que por esse motivo merecia, pretendeu



depois fazer-se passar por um apóstolo zeloso da religião, tendo feito os máximos esforços para propagar um sistema que sempre crêra e cria famosíssimo e conforme com os ditames da fé. Na mesma ocasião em que assim se expressava, confirmou mais: a) que seu sistema admitia, como base fundamental, a indiferença das religiões; b) que sempre se conduziu segundo as idéas do mesmo sistema nos países em que residira, atacando e combatendo a religião ali dominante; c) que indiferentemente admitiu a seu rito herejes e católicos; d) que desde o início da sua maçonaria nunca acreditou na regeneração física e moral, sobre a qual um dos padres o vituperára, declarando-lhe sua ridicularia e erro; e) que na realidade sentira por várias vezes escrúpulos sobre a importância do seu sistema, e que sabia que na Itália, onde universalmente domina a religião católica, não era admitida a maçonaria; f) que em Trento prestára inteira fé aos conselhos do confessor, que o aconselhou a abandoná-la, porque estava condenada por duas belas pontifícias, e que em Roma, para absolver sua consciência de algum mau acto que tivesse praticado, se lançára também aos pés dum confessor para obter, como obteve, a absolvição, determinando, voluntariamente, denunciar-se ao Santo-Offício, o que não chegou a efectuar. Depois de tudo isto, será fácil a cada um decidir se a sua alegada boa-fé ou credulidade seria ou não um manifesto subterfúgio destinado a encobrir a impiedade de que sempre esteve animado no exercício da maçonaria.

Qual é, então, a sua fé, a sua crença, a sua



religião? A bem dizer, nenhuma. Parece que o seu sistema egipciano o impelia para o deísmo. Ele, que tudo submetia ao interesse da sua bolsa, cingia-se às ocasiões, aos tempos, aos lugares e às pessoas, e daqui, segundo a oportunidade, foi *deísta, ateuista, materialista, calvinista, luterano e protestante*, mas nunca *católico*. Jámais se adaptou, mentirosamente que fôsse, os usos desta religião, nem dela tirou qualquer proveito, porque residiu por espaço de muitos anos em países em que não estava de todo reconhecida ou se limitava a um escasso número de crentes.

Em quarenta e sete anos, ou mais, de sua vida, nunca se lhe viu fazer um sinal da cruz ou qualquer outro acto externo de religião; apenas três vezes, em todo este lapso de tempo, se chegou à mesa da comunhão, e melhor seria que o não tivesse feito, porque foi lá levado por um motivo de interesse ou de temor. Em Milão também o fez, com o intuito de obter uma licença para a fingida peregrinação a S. Tiago, em Espanha pelo temor do Santo-Officio e em Trento para affectar, perante o príncipe-bispo, uma religião que não tinha. Nunca guardou os preceitos eclesiásticos de ouvir missa nos domingos e dias santificados, jejuar e abster-se de carne nos dias prescritos, e não contente de tê-los constantemente quebrantado, violentou muitos outros a fazer o mesmo.

No decorrer desta história temos tido frequentes ocasiões de ver com quanto atrevimento pregou sobre os bons costumes, o adultério, a perfeição e outros pontos cardiais da religião. O continuo teor da sua vida, tão impia e escandalosa,



dá-nos exacta idéa das máximas de que se revestia.

Viria aqui a preceito uma larga resenha das criminosas proposições a que se abalançou durante a sua última residência em Roma, porém a pena recusar-se-ia a exprimi-las e não é justo escandalizar o leitor sem proveito com a descripção de lamenhas bestialidades. Bastará que toquemos em três pontos.

O primeiro é que Cagliostro, com suas máximas e proposições, manifestou um ódio e desprezo decisivos a todo o sistema da religião católica, aos seus mistérios e às suas práticas, repudiando de preferença a majestade e perfeição de Deus, a divindade de Jesus-Cristo, a sua morte, a grande obra da redenção, a virgindade de Maria, a efficácia dos sacramentos, a adoração dos santos, a existência do Purgatório, a dignidade das gerarquias ecclesiásticas; em suma, quanto há de grande no céu e na terra.

O segundo, que numerosas testemunhas, em parte singulares e na maior parte contestantes, declararam e provaram que muitas pessoas que por elle tinham tido grande admiração, pois lhe teciam em em público rasgados elogios, mais tarde, desenganadas, desataram a descrevê-lo como um homem sem religião, ateiista, impostor, furioso, velhaco, charlatão, hereje, deísta e tudo quanto há de mau.

O terceiro é que, apesar de ter querido sustentar-se em pertinaz negativa, confessou, não obstante, os seus crimes. A maneira como pretendu defender-se das testemunhas, entre as quais



se encontravam pessoas de trato distinto e de bons costumes, bem demonstra a verdade de suas proposições. Pelo que vai lêr-se se avaliara do mais. Perguntando-se-lhe se sabia que alguém tivesse proferido alguma proposição contra a divindade de Jesus-Cristo ou contra os sacramentos ou coisas semelhantes, negou sabê-lo, ajuntando, porém, *se minha mulher disse isso contra mim, é uma malvada.*

Concluído finalmente o processo, disseram-lhe que nomeasse os defensores, deixando à sua inteira liberdade o servir-se dos defensores ordinários dos réus ou escolher outros à sua vontade, optando, porém, pelos primeiros. A conhecida actividade, a sciência do snr. conde Caitano Bernardini, advogado dos réus da Inquisição, teria podido, por si só, arcar com tal encargo, mas, afim de evitar que o réu exteriorizasse alguma caluniosa queixa como tinha feito em outros processos que contra elle se instauraram em paizes estrangeiros, classificando de injustos e prepotentes os tribunais e os juizes, reputou-se de conveniência dar-lhe por companheiro o snr. Carlos Constantino, advogado dos pobres para todos os tribunais de Roma. É bem conhecida no mundo a caridade, o zelo, a prontidão, e, sobretudo, os grandes talentos e engenho com que sempre desempenhou tam nobre mister.

Mas Cagliostro não encontrou nêles os defensores que apeteçia, porque, bem longe de segui-lo nas suas imposturas e visões, falaram-lhe a verdade, pondo a nu o triste estado da sua causa e da sua consciência. Vendo a que infauso fim o



tinha conduzido a perseverança no erro e a impenitência em que permanecera até ao encerramento do processo, pediu-lhes ajuda e instruções espirituais, que lhe foram imediatamente concedidas por meio dum douto e piedoso religioso. Desde as primeiras palavras que com ele trocou, mostrou arrependimento e contrição, continuando a persistir exteriormente nos mesmos sentimentos.

Apresentada em juízo a defesa, esta correspondeu à sciência dos advogados e, ao mesmo tempo, à condição de uma causa verdadeiramente deplorável. Chegou por fim o dia do julgamento, que foi precedido, talqualmente como em nosso foro criminal ordinário, das mais rigorosas formalidades inerentes à administração da justiça, de modo a assegurar ao réu o não ser injustamente gravado. A causa foi proposta em plena consulta do Santo-Officio no dia 21 de março de 1791, e sucessivamente, segundo o estilo, ante o Romano Pontífice no dia 7 do seguinte mês de abril. O julgamento não dava margem a uma grande discussão, porque Cagliostro confessára, e as provas mais concludentes demonstravam a evidência que ele propagára e restaurára numa grande parte do mundo, inclusivamente em Roma, a maçonaria egipciãna.

Ainda que se tivesse querido perdoar a vida dum hereje e dogmatizante de tal jaez, porque demonstrara contrição e arrependimento, applicando-lhe, tão sómente, a pena da penitência que o tribunal dera em sua última reunião, era inevitável aquela sentença da secretaria de Estado, de que fizemos menção no capitulo segundo. A pena



de morte, ali determinada, merecia-a bem o homem que não só delinquira em matérias de fé, como se envolvera em toda a espécie de maldades, devendo justamente considerar-se um dos mais perniciosos membros da sociedade.

O tribunal a quem foi cometido o encargo de resolver sobre seu destino era composto de pessoas cheias de caridade e suavidade eclesiástica, quais os inquisidores do Santo-Officio; a resolução definitiva, porém, estava reservado ao grande Pio VI, que em todo o tempo do seu glorioso pontificado soube reunir em si os predicados de um príncipe tão justo, quanto clemente. Ele não quis a morte do pecador, estimando mais deixar-lhe ulterior campo para um verdadeiro arrependimento. Vejamos, pois, a resolução que tomou o supremo oráculo sobre a pessoa de José Balsamo, e que corresponde plenamente a todos os ditames da justiça, da equidade, da prudência, da religião e da tranquillidade pública, não menos para o estado Pontifício, que para o mundo inteiro:

«José Balsamo, réu confesso e convencido de
«muitos delitos, e incurso nas censuras e penas
«publicadas contra os herejes formais, dogmatizantes, heresiarcas, mestres e sequazes da magia supersticiosa, e igualmente nas censuras e penas estabelecidas tanto nas constituições apostólicas de Clemente XI e de Benedicto XIV contra aqueles que de qualquer modo favoreçam e promovam a sociedade e conventículos dos franc-mações, como no édito da secretaria de Estado contra os que em Roma ou outro qualquer lugar do domínio Pontifício tiveram nela parte usando



«de graça especial, comuta-se-lhe a pena de re-
«laxá-lo ao braço secular (pena de morte) em car-
«cere perpétuo em uma fortaleza, onde deverá fi-
«car estrettamente retido, sem esperança de obter
«mais graça; mas, tendo abjurado de todos os
«erros na prisão em que actualmente se encon-
«tra, determino que seja absolvido das censuras,
«impondo-se-lhe as devidas e saúdaveis penitên-
«cias.

«Quanto ao livro manuscrito, que tem por ti-
«tulo *Maçonaria Egipciana*, solenemente o conde-
«no, porque contém ritos, proposições, doutrinas
«e sistemas que conduzem à sedição e à destrui-
«ção da religião cristã, e é supersticioso, blas-
«phemo, impio e herético, pelo que deve ser públic-
«amente queimado pelo ministro da justiça, junta-
«mente com os instrumentos pertencentes à mes-
«ma seita. Com uma nova constituição apostólica
«se confirmarão e renovarão, não só as consti-
«tuições dos Pontífices predecessores, mas também
«o referido édito da secretaria de Estado, que pro-
«ibem a sociedade e conventículos dos franc-ma-
«ções, mencionando em especial a seita egipciana
«e a outra vulgarmente chamada dos iluminados;
«estabelecendo-se contra lódas as pessoas que ne-
«das se ajuntem, ou por qualquer modo as auxi-
«liem, as mais graves penas corporais.»





CAPITULO IV

Expõe-se o estado de uma loja de franc-mações descoberta em Roma

Dissemos alhures que, exercendo o governo de Roma certa vigilância sobre a pessoa de Cagliostro, veio a descobrir-se uma loja de franc-mações intitulada *Roma*, que tinha seu apoio numa casa situada no bairro denominado a *Trindade do Monte*. Na mesma tarde em que Cagliostro foi preso, os agentes da autoridade fizeram, de surpresa, uma busca na citada casa, mas os sectários que lá se reuniam, tendo suscitado, puseram-se a salvo, levando consigo todos os instrumentos maçônicos e uma grande parte dos papeis e livros relativos à seita, que deviam ser de muita importância. Porém, o pouco que deixaram ficar, em particular um livro de registo e vários outros papeis, foi o bastante para se conhecer a origem, fins e ramificações da loja.

Pela conexão da matéria, deveríamos ter in-



tercalado tudo quanto a este assunto se refere no capítulo II, onde demos uma breve noção da maçoneria em geral; julgámos, porém, mais conveniente reservá-lo para aqui, a fim de não tornar mais larga a interrupção da história pessoal de Cagliostro. Será, pois, oportuno que o leitor resuma agora quanto sobre este tema se expôs no referido capítulo II.

Sete foram os fundadores da loja: cinco franceses, um americano e um polaco, agregados já a diversas lojas, os quais todos, como se indica no livro da sociedade, «gemendo ao ver-se no meio das trevas, e não podendo fazer novos progressos na arte real, decidiram procurar um lugar «luminosíssimo e sagrado, separado de todos os «profanos, dos quais seria inteiramente occulto e «impenetrável, e em que reinasse eternamente a «união, a harmonia e a paz.» Este lugar tam agradável, que teve depois o título de *respeitável loja da reunião dos amigos sinceros ao oriente de Roma*, veio a ser aquele onde se effectuou a primeira junta ou assembleia no dia 6 de novembro de 1787, succedendo-se a esta outras reuniões, uma ou duas vezes por semana.

Tratou-se, na primeira assembleia, de angariar prosélitos, admitindo-se alguns que ainda não estavam aditos a loja alguma e também os que, já agremiados em lojas estrangeiras, ali tinham ido na qualidade de visitantes. Nenhuma distinção se fez quanto à qualidade dos indivíduos, nem tam pouco de origem, de idade e de condição; foram recebidos moços, velhos, solteiros, casados, italianos, franceses, russos, polacos, holandeses,



ingleses, genebreses, etc., todos ôles alistados já em diversas lojas chamadas variamente da *perfeita igualdade de leis*, do *patriotismo de Lyon*, do *segrêdo e harmonia de Malta*, do *conselho dos eleitos de Carcassona*, da *concórdia de Milau*, da *perfeita união de Nápoles*, de *Varsóvia*, de *Albi*, de *Paris*, etc. Aponta-se, nos documentos apreendidos, o ingresso e a filiação de muitos indivíduos, com omissão, porém, do nome, apelidos e outras qualidades pessoais, indicando-os apenas com frases misteriosas e várias particularidades equívocas, sem dúvida para não desvendar nos protocolos secretos a explicação e descrição daquilo que queriam conservar no mais estreito sigilo.

Para instituir a loja com a regularidade precisa, desde o princípio se julgou necessário fazê-la aprovar e filiar na *loja-madre de Paris*, solicitando-se desta as *constituições*, *catecismos* e *regras* para a conduta interior e exterior da loja e seus membros. Depois, todos os seis meses se enviava à dita loja-madre um extenso e autêntico registro, não só de todos os sócios e seus respectivos graus e officios, mas também uma minuciosa resenha de tudo quanto se tinha feito e resolvido em cada assembleia. Em Paris havia um delegado da loja, por intermédio do qual se mantinha correspondência com o *grande oriente* daquela cidade. Não se serviam do correio para a remessa de cartas, mas sim de mensageiros especiaes encarregados da sua condução. Todos os annos ou semestres se enviava um *dom gratuito* à loja-madre como contribuição devido ao centro comum da maçonaria.



A loja-madre relacionara esta de Roma com as de Lyon, Malta, Londres, Nápoles, Messina, Palermo, etc. Os registos mencionam, frequentemente, a leitura, feita na loja, pelo venerável ou pelo secretário, das cartas recebidas das citadas lojas e a minuta das respectivas respostas, não fazendo, no entanto, indicação do objecto preciso desta reciproca correspondência. Propôs-se, na primeira assembleia, adquirir o catálogo de todas as lojas aderentes à de Paris, mandar imprimir as regras e as constituições e fazer agregar à loja senhoras. Da primeira proposição não apparece resultado; quanto à segunda, foi aprovada mas ficou sem effecto *pelas difficuldades que á sua execução oferece este pais*, como textualmente se refere nos registos. Quanto a serem ou não aceites as senhoras, ficou para ulterior resolução, a fim de se poder reflexionar sobre as difficuldades que ellas poderiam causar aos diferentes trabalhos da loja. Em outra parte fala-se do registo do *Arquivo das três chaves*, dentro do qual se guardavam as *constituições*, os cadernos chamados *dos grandes segredos* e dos *graus simbólicos*, vindos de Paris e comunicados à loja, e finalmente dos discursos mais interessantes recitados pelo *veneravel* ou pelo *orador*, um dos quaes tinha o titulo de Remo ou Rômulo.

Nesta loja não havia prescriçãõ alguma sobre as relações dos graus, officios, cerimônias, ritos e recebimentos, mas tam só vários sinais das práticas e ritos já conhecidos pelos maçônicos das lojas ordinárias. São diversos, como já se disse, os graus dos maçônicos: primeiro, é-se aprendiz



ou noviço; segundo, companheiro; terceiro, mestre; quarto, mestre eleito; quinto, mestre escocês. Não consta que nesta loja se tivessem conferido mais que os três graus, ninguém era iniciado sem antes serem conhecidas suas qualidades, e a aprovação só era válida com dois escrutínios unânimes.

O aprendiz, antes de subir a companheiro, e o companheiro antes de subir a mestre, deviam ter trabalhado por espaço de três meses, dando provas de respeito e zelo pela ordem. Estes categorizados pagavam uma quantia correspondente ao grau que recebiam, a qual variava segundo a sua qualidade social. Os franc-maçõs das outras lojas, que queriam agregar-se a esta, pagavam igualmente determinada quantia pelo grau de mestre. Todos os membros da loja concorriam, de três em três meses, com a cota de 400 réis, mais 80 réis para as necessidades ordinárias da loja e ainda mais 400 réis para as refeições maçônicas que todos os meses se efectuavam em lugar previamente escolhido. Quando algum dêles queria obter patente, pagava por ela 400 réis. O que faltasse à reunião sem mandar aviso, pagava 100 réis de multa, 40 réis o que faltava tendo avisado e 30 réis o que comparecesse um quarto de hora mais tarde. Terminada a reunião, um dos irmãos presentes, de bandeja na mão, pedia esmola, dando cada um aquilo que licesse na vontade.

Os officios e cargos da sociedade eram os seguintes: primeiro, venerável; segundo, vigilante, ou primeiro e segundo superintendente; terceiro, irmão terrível; quarto, mestre de cerimônias; quin-



to, tesoureiro; sexto, esmoler; sétimo, secretário; oitavo, grande esperto.

Ao irmão terrível vinha-lhe este qualificativo por ser ele o encarregado de aterrorizar os iniciandos; o mestre de cerimônias instruía os novíços e fazia girar a caixa dos pobres; os superintendentes anunciavam os que desejavam ser recebidos, acompanhando-os da porta até ao grau em que iam ser investidos; o grande esperto ou orador perorava na ocasião das iniciações ou no dia de S. João, protector dos maçóicos, recordando-lhes os seus deveres; o tesoureiro recebia tôdas as pensões e o esmoler repartia as esmolas, sendo o primeiro obrigado a dar conta dos gastos, mas não o segundo, que as distribuía a seu arbítrio aos necessitados; finalmente, o secretário autorizava as patentes e registava as resoluções da assembleia.

A loja compunha-se de duas salas: a primeira chamava-se a *câmara das reflexões* e estava armada de preto, tendo ao fundo uma caveira sobre uma mesa; a segunda chamava-se *templo* e decorava-se de diferentes maneiras, conforme a função a realizar; havia ali, porém, um trono, ladeado por algumas colunas, onde se sentava o venerável. Nas paredes ostentavam-se várias pinturas maçónicas simbolizando o sol, a alva e as estrelas. Os irmãos sentavam-se, conforme a sua categoria, aos lados do trono, tendo no peito o costumado *mandil de pele branca*, o tiracolo uma *bandeira de seda branca*, as *luvas*, a *espada nua*, o *compasso* e o *martelo* ou *esquadria*, segundo as praxes prescritas no seu rito.

O aprendiz era admitido com as seguintes for-



malidades: um dos irmãos, *não casado*, recebia-o à porta e introduzia-o na *câmara das reflexões*, alumiada por uma vela de cera amarela, onde o *irmão terrível* o admoestava a que meditasse atentamente em tudo quanto ali havia e respondesse por escrito à pergunta que por escrito se lhe formulava, e que nem sempre era a mesma: *Que deve o homem a Deus, à sociedade e a si mesmo?* Cada um respondia como lhe parecia, ou meditava na resposta a dar no curto espaço em que o deixavam a sós. Quando o *irmão terrível* voltava para levar a resposta ao *templo* e apresentá-la ao *venerável*, ordenava-lhe que se desfizesse de todas as jóias, descalçasse a perna esquerda e pusesse a espádua e o braço direito nus.

Em tal posição, com os olhos vendados, conduziam-no ao *templo*, onde se prostrava diante do *venerável*; depois de diversas perguntas sobre seu nome, pátria e quais as intenções que o levavam a querer agregar-se à loja, faziam-lhe dar muitas voltas ao redor do *templo*, ouvindo-se, entretanto, diversos rumores e estrépitos espantosos. Voltando à presença do *venerável*, lançava-se outra vez de joelhos diante d'ele, tocando os *Santos Evangelhos* ou a *espada de honra* e prestando o juramento de inviolável segredo e cega obediência, palavra por palavra, conforme lhe ia ditando o *irmão* que tinha junto de si. Neste juramento fazia-se-lhe ver *que seria despedaçado vivo, e suas entranhas arrojadas ao ar, e o coração trespassado*, logo que violasse o *segredo* e traísse a sociedade. Depois, quando o desvendavam, via-se no meio de muitos irmãos revestidos de suas insi-



guias com as espadas nuas viradas contra elle; o venerável, que tinha a sua sobre a cabeça, batendo três vezes com o martelo, declarava-o aprendiz livre-mação, e que todas as espadas que via eram em sua defesa se fosse fiel à loja, e contra se fosse infiel. Era seguida abraçava todos os irmãos, recebia os attributos maçônicos e dois pares de luvas, ouvia um discurso instrutivo e aprendia os sinais, toques e palavras para mutuamente se conhecerem os do mesmo grau, concluindo-se a solenidade com vivas e um banquete.

Para o grau de companheiro a cerimônia era a mesma que fica descrita; para o grau de mestre, porém, a coisa era mais séria.

O iniciando entrava no templo, todo farrado de negro e alumiado por uma vela, sem os olhos vendados, e dava três voltas ao redor, conduzido pelo irmão terrível, que levava a espada nua sobre o peito também nu daquele, mas sem tocar-lhe, dizendo-lhe que meditasse no que via no templo, que nada mais era do que três caveiras, sob cada uma os ossos das pernas em cruz e as palavras: *Memento mori*.

No meio do templo estava um colchão e, deitado por debaixo, um dos irmãos que se fingia morto; quando, a certa altura, impeliam o neófito para cima do morto fingido, este levantava-se, caindo aquelle sobre o colchão; cobriam-no então com um pano negro e realizavam em volta d'elle diversas cerimônias, fazendo-lhe crer que estava em cima do morto. Por fim levantava-se, prestava ao venerável o costumado juramento do segredo e da obediência, aprendia os sinais, toques e palavras



inerentes ao grau, abraçava os irmãos e ficava collocado entre os mestres.

Este método de receber é quasi geral em todas as lojas, mas algumas vezes faz sua differença. Sabe-se que a um lhe dirigiram a seguinte pergunta antes de prestar o juramento: *Se estava disposto a obedecer a tudo quanto lhe fôsse mandado pela loja, ainda que fôsse contrario á razão e á soberania?* e, em face da resistência do interpellado, o venerável instruiu-lhe: *que isto não passava de uma simples pergunta, porque, de facto, na loja não se tratava nem de religião, nem de soberania.* Sabe-se também que em outra loja obrigaram um candidato a fazer testamento, capacitando-o de que ia morrer, e dizendo-lhe o venerável, entre outras particularidades, esta: *Polite et accipietis; querite et invenietis; pulsate, etc. aperiatur vobis.* Finalmente um outro foi obrigado a confessar-se, numa loja estrangeira, a um maçónico que para o effeito se revestira do hábito de uma ordem regular, estando o confissionário collocado na *câmara das reflexões.*

Não podemos dar uma descripção precisa das palavras e loques com que os maçónicos se reconhecem reciprocamente, porque estas se alteram de tempos a tempos, conforme as instruções recebidas da *loja-mãe*. Podemos, porém, assegurar com fundamento que as palavras *Tubal, Tubal-kain, Booz, Mak, Benak, Seibolet, Jakin, Boas e Adoniram* são uma allegoria á arte mecânica e á fábrica do templo de Salomão. Enquanto aos sinais, consistem, geralmente, no apêto das mãos e em bagatelas de igual jaez.



É tudo quanto podemos dizer sobre a loja maçônica instituída em Roma, porquanto do seu segredo, mistério e principal fim nada mais nos foi possível averiguar, em virtude de seus membros, temerosos das indagações policiais, terem não só occultado os livros e os documentos mais importantes, mas até os nomes dos principais prosélitos, os quais talvez, como nós, não tivessem conhecimento do enigma. Dissemos *talvez*, porque é natural que, contando esta loja uma existência relativamente pequena, estivesse muito longe ainda do conhecimento do *segredo*, do *mistério* e do *objecto*. Por outro lado, reunindo as noções que dos maçônicos, suas funções, ritos, cerimônias, operações e máximas expusemos no decurso desta história, bastará ter um pouco de raciocínio para chegar-se à conclusão da impiedade e do delírio de que estes desgraçados estavam possuídos.

Congratulemos-nos, pois, por Deus nos ter dado meios para destruir as primeiras tentativas que visavam a introduzir e propagar este delírio e esta impiedade na angusta cidade de Roma. A indefectível palavra de um Deus feito homem, que prometeu aniquilar todas as astúcias do inferno e a eficaz protecção dos Apóstolos que a propagou, sustentou e defendeu à custa dum doloroso martírio, assim como nos livraram no passado, nos tranquilizarão no futuro contra as empresas destes loucos. Oxalá que o resto do mundo, convencido, como deve estar, da imoralidade de tais sistemas, se livre para sempre de contágio tam mortal.

FIM



326

MATA-A

SCENAS DA VIDA CONJUGAL

(REPRESENTADAS PELA PRIMEIRA VEZ EM PARIS
NO THEATRO DO PALAIS-ROYAL, EM 17 DE AGOSTO DE 1872)



A-TAM

THE NEW YORK PUBLIC LIBRARY

ASTOR LENOX AND TILDEN FOUNDATIONS
455 N. 5TH ST. NEW YORK 17, N.Y.



MATA-A
OU ELA TE MATARÁ
OU HOMEM-MULHER OU MULHER-HOMEM
OU NEM HOMEM NEM MULHER
OU ALEXANDRE BESTIALIZADO POR EMILIO
OU EMILIO BESTIALIZADO POR ALEXANDRE

ESTUDO SUCINTO E CONCEITUOSO, LARDEADO DE CANTORIA
COMBATES DE ESPADA E BALA
TERMINANDO POR UMA CANÇONETA ENTUSIASTICA
COM MÚSICA JÁ CONHECIDA

N. B. Quem quiser entrar no miúdo da obra, não se esqueça
de lêr e relêr a brochura (*Homem-Mulher*, por Dumas, filho)

SCENAS DA VIDA CONJUGAL POR***

COM UM PREFÁCIO INÉDITO

TRADUÇÃO APRIMORADA

DE

GERVÁSIO LOPES CANAVARRO

MESTRE DA FILARMÓNICA DE AFIFE
EX-SACRISTÃO DA IRMANDADE DO CORDÃO E CHAGAS
E CONFRADE DO JOAQUIM DOS MÚSICOS
(PSEUDÓNIMO DE CAMILO)



MATA-A

OU ELA TE MATARÁ

OU HOMEM-NOWEN OU WOMEN-NOWEN

OU NEW HOMEM NEW WOMEN

OU ALEXANDRE DESTINADO FOR AMIGO

OU ENLHO DESTINADO FOR ALEXANDRE

segundo o social - a comunidade - a família de pessoas

compreende as pessoas e suas

relações com as pessoas e instituições

com o grupo de pessoas

N. D. O grupo social é o grupo de pessoas que se relacionam entre si e com o grupo social. O grupo social é o grupo de pessoas que se relacionam entre si e com o grupo social.

SCENAS DA VIDA CONJUGAL POR...

COM UM INTERESSE INTENTO

TRADUÇÃO AFRICADEADA

DE

GEORGE LEOUIN CAVALIERE

INTERESSE DA TRANSMISSÃO DE VIDA

DE INTERESSE DA TRANSMISSÃO DE VIDA

E INTERESSE DA TRANSMISSÃO DE VIDA

(TRANSMISSÃO DE VIDA)



AO SENHOR

HENRIQUE D'IDEVILLE

ANTIGAMENTE DIPLOMATA E ACTUALMENTE MORALISTA

CAUSA INOCENTE DE TODOS ESTES DISPARATES



TO SENIOR
HENRIQUE D'IDEVILLE

GRAND HOTEL DE LA VILLE DE PARIS
PARIS, FRANCE





PREFÁCIO

Os desconhecidos autores do *Mata-a* teem sido severamente tratados pela crítica.

Esta peça dura um quarto de hora, escreve Oswald; são quinze minutos superfluos ¹.

A imprensa barata afinou por este diapasão.

A de formato grande manteve-se num silêncio ainda mais cruel.

Janin não logrou encontrar um hemistiquio.

Saint-Victor calou-se.

Sarcey não disse nada.

Sarcey !!!

Todavia, na primeira representação, uma frase sua já nos devia fazer esperar uma derrota:

— Quando a gente se lembra — exclamou êle na escada — que para nos fazerem ver uma tor-

1 *Gaulês*, de 19 de agosto de 1872.



peza desta ordem nos eslorvaram de aplaudir Du-
guérei na *Andromacha* em Déjazet!

Torpeza parece-nos forte!

Um só homem nos compreendeu e amparou
de entre todos os que enfuriados nos agrediam.

Quem era?

No momento em que estávamos em risco de
nos deixarmos render ao desespero e quebrar a
pena, uma só mão amiga se estendeu para nós.

Quem era esse homem, e essa mão?

Enviaram-nos pelo correio e com certo misté-
rio uma carta que nos confortou.

Quem era esse homem? essa mão? qual era
essa carta?

O homem, era mr. Gagne.

A mão, a de mr. Gagne.

A carta, do punho de mr. Gagne e dirigida
aos numerosos e hábeis directores do Palais-Royal.

Dizia assim:

**FORÇA PARA OS ADULTÉRIOS ERGUIDA EM TODOS
OS PALCOS**

*Único meio de salvar o amor e o matrimónio
ameaçados*

Que nos vossos teatros, directores,
Pendam, por entre sombras, os espartos
Sinistros, com que só salvar é dado
Himenou e amor, de noite e dia
Pela devassidão prostituídos.

«Senhores directores:

«Em nome da salvação do amor e do matri-
mónio, que mortalmente ameaçam a República con-

servadora¹, ouso suplicar-vos, bem como aos espirituosos² autores da peça intitulada *Mata-a*, que intercaleis na vossa obra um quadro em que os maridos, esposos e amantes adúlteros sejam condenados pela justiça e enforcados no teatro³. Garanto-vos o mais surpreendente successo. Ofereço-vos o meu generoso auxilio no sentido de levantar-se a força de salvação!

«Tenho a honra de ser, senhores, vosso muito humilde e muito respeitoso servo.

«Assinado: GAGNE,

advogado, cidadão do povo universal, inventor da corda estranguladora dos adúlteros e redentor do amor crucificado.

«Paris, 26 de agosto de 1872, rua Taranne, 6.»

Vamos responder em poucas palavras, e, para o fazer, pedimos licença a mr. Gagne para o tomarmos como modelo.

Nada mais.

Cinco versos no principio:

Dumas aconselhou: *Mata-a o elo,*
E Gagne: *Estrangula!* Não atinamos
Com o que Girardin dizer pretende.
Girardin! Dumas! Gagne! É o triângulo
Que deve triangular o adultério.

Para mr. Gagne, basta. Agora para o público.

1 Neste ponto, por exemplo, concordamos.

2 Obrigado! Ninguém mais o diz.

3 Foi proposto a mr. Lassouche, mas elle recusou.



Porque publicamos nós esta obra, apesar da sua inaudita derrota?

Vamos dizê-lo.

Não é para obsequiarmos os colleccionadores do futuro, conquanto esta razão dispensasse outra.

Não é para responder aos pedidos dos directores da provincia. Não recebemos nenhum, e até lhes aconselhamos que não ponham em scena esta peça muito desvergonhada para os departamentos.

— Mas então porque se publica?

— Porque?

— Sim, porque?

Porque nos pareceu assaz tôla para ter honrosa memória entre as outras brochuras publicadas sôbre o assunto.

Encruellhada de Courbevoie

(à sombra duma das árvores que lá estão)

1872, nove horas e um quarto.





PERSONAGENS

Castagnol, moralista inconveniente.

Eduardo, seu sobrinho, talvez filho, em todo o caso
— o noivo.

O visconde Léchiné de Hautefeuille, amante.
(Na ofensiva).

Madame Dorlotin, sogra. (Na defensiva).

Laura, noiva, negra-branca, muito branca. (Veja-se
a brochura).

Rosette, criada de quarto, aditamento às mulheres
do templo, às mulheres do lar e às mulheres da...
(Veja-se a brochura).

Paulina }
Gabriela } Peles-Vermelhas com unhas côr de rosa.

1.º marido }
2.º marido } Macacos dos países do Norte.

Para ser exacta a *mise-en-scène*, dirijam-se
a mr. L. Valaire, director geral, e pelo que respeita à
música a mr. J. Barillet, regente da orquestra
do teatro de Palais-Royal.





MATA-A

O teatro representa uma câmara nupcial. Ao subir do pano, está deserta. Ouve-se, ao longe, uma quadrilha. Rumor de vazes. Risadas. Entra o visconde, embriagado.

SCENA I

O Visconde só; depois Madame Dorlotin, Laura, Eduardo, Paulina, OS CONVIDADOS

O VISCONDE

A câmara nupcial! estou numa câmara nupcial! Dança-se a última quadrilha e dentro em pouco, quando terminar, madame Dorlotin conduzirá aqui a menina Laura Dorlotin... com Eduardo... Eduardo é o marido... e deixá-los há juntos, a eles, os noivos... Uma noite de núpcias... Que novidade para mim!... Isto deve ser curioso. Se eu pudesse... ocultando-me. E sabem a quem devo esta idéa? O Champagne... sim... o Champagne



não deixa de ser mau para estas cousas... Não bebi mal à ceia... mas o que mais me provoca é uma ruma de brochuras morais que tenho fido há quinze dias: *Homem-Mulher... Mulher-Homem... Homem-Mulher... Nem homem nem mulher!* etc... Isto provoca, porque estas brochuras... por um lado... são morais... muito morais... mas por outro... são engraçadas como o diabo. (*Ouve-se um rir-nelo.*) Os convidados! Ah vem os convidados!

(*Entram os convidados.*)

CÓRO

Chapéu de palha de Itália

São a hora misteriosa
Que do prazer rasga o véu.
Possa, noiva, ser ditosa
Nos laços do himenheu.

LAURA, muito comovida:

Ah! mamã!

MAD. DORLOTIN

Ah! minha filha! (*Abraçam-se.*)

AS MULHERES

Querida Laura!

OS HOMENS:

Querido Eduardo!



PAULINA

Seu tio, mr. Castagnol, sentirá inabitavelmente não ter assistido ao casamento.

EDUARDO

Não compreendo a sua ausência. Depois da carta que me escreveu, devia chegar aqui ontem à noite ou hoje pela manhã.

MAD. DORLOTIN

Nessa carta não lhe falava dum bonito presente que desejava fazer-lhe?

EDUARDO

Falava.

MAD. DORLOTIN, *com azedume*:

Foi talvez o que o impediu de vir... receou de certo ser forçado a cumprir o que prometeu.

EDUARDO

Oh! mamã, e pode acreditar isso?

OS HOMENS

Querido Eduardo!

AS MULHERES

Querida Laura!



O VISCONDE, *aproximando-se para abraçar Laura:*

Minha querida Laura!

EDUARDO, *afastando-o:*

Olhe lá! senhor visconde, olhe lá! (*A parte.*)
E um pouco atrevido, o visconde!

O VISCONDE

Uma noite de núpcias! Sabem o que isto seja,
vv. exc.^{as}, as meninas que fazem cortejo à noiva?

AS MENINAS

Oh! senhor visconde!

O VISCONDE

Ah! sim! Riam à vontade... Foi uma idéia
que eu tive... E que eu queria ver...

EDUARDO

E todavia, meus amigos...

MAD. DORLOTIN

Todavia, se vv. exc.^{as} nos fizessem o obséquio
de retirar-se...

EDUARDO

Espero que...



MAD. DORLOTIN

E o senhor meu genro também fará o obsequio...

EDUARDO

Eu ?

MAD. DORLOTIN

Sim.

EDUARDO

Mas, mamã, penso que se engana... eu devo ficar.

MAD. DORLOTIN

Não pode ser... preciso de ficar só com minha filha.

EDUARDO

Para que ?

MAD. DORLOTIN

Tenho que lhe dizer.

EDUARDO, com vivacidade:

Ainda ?

MAD. DORLOTIN

Como ainda ?

EDUARDO

Eu sei os costumes... Sei que no dia em que



a mãe casa uma filha deve, a certa hora, chamá-la à pureza e segredar-lhe... Mas, sem ofensa, mamã, não fez outra coisa todo o dia, chamou-a a todos os cantos e falou-lhe baixinho mais de dez vezes...

MAD. DORLOTIN

Ainda lhe não disse o mais importante... vou dizer-lho.

EDUARDO

Em poucas palavras, não é assim, em poucas palavras? Volto dentro em cinco minutos...

MAD. DORLOTIN

Pois em cinco minutos, seja.

EDUARDO

Saiamos, já que é preciso, minhas senhoras.

(Oferece o drago e volta-se até sair para atrair beijos à noiva).

REPETIÇÃO DO CÔRO

São a hora misteriosa, etc.

(Saem todos. Só o visconde fica escondido atrás do bastidor).



SCENA II

Laura, Mad. Dorlotin e o Visconde, escondido

LAURA

Mamã !

MAD. DORLOTIN

Que é ?

LAURA

Os meus sapatos incomodam-me...

MAD. DORLOTIN

Pois tira-os. Põe-te à tua vontade... ouvir-me
hás melhor... tira o véu também.

LAURA

E o que eu quero.

MAD. DORLOTIN

Onde estão os chinelos ?

LAURA

Não sei... (*Muito assustada*). Ah ! mamã !
mamã !

MAD. DORLOTIN

Que é ?



LAURA

Ali... ali...

MAD. DORLOTIN

Os chinelos ?

LAURA

Não; botas.

MAD. DORLOTIN

Botas ? (*Vai ao bastidor que lhe indica a filha*). Senhor visconde...

O VISCONDE, *saído do esconderijo*:

Estou pálido !

MAD. DORLOTIN

O que fazia aí ?

O VISCONDE

Espreitava...

LAURA, *cruzando as mãos sobre o peito*:

Oh !

O VISCONDE

Nunca vi uma noite de núpcias... por isso, disse cá com os meus botões que escondendo-me podia espreitar...



MAD. DORLOTIN, *severamente*:

Snr. visconde...

O VISCONDE

Minha senhora...

MAD. DORLOTIN, *com delicadeza*:

Desculpo-o, porque à ceia conheceu-se perfeitamente que o senhor bebia de mais... (*Ligeiramente*). E depois, snr. visconde, o senhor é daqueles a quem as mulheres perdoam sempre; não é verdade, filha?...

LAURA

E, mamã.

MAD. DORLOTIN

Todavia, queira sair...

O VISCONDE, *cantando*:

São a hora misteriosa, etc.

Falando:

Quando soar de novo eu voltarei...



SCENA III

Laura e Mad. Dorlotin

LAURA

O mamã, isso que tem aí escondido é um jornal?

MAD. DORLOTIN

Tu vais saber...

LAURA

Uma pistola?

MAD. DORLOTIN

Uma pistola... e está carregada.

LAURA, *afastando-se*:

Ui!

MAD. DORLOTIN

Mas não está engatilhada, (*Laura aproxima-se*). Para engatilhá-la, só tens a fazer assim... tic! Para disparar é assim... tac... outra vez... tac... terceira... tac... numa palavra, seis vezes. Podes expedir seis balas para princípio de jogo... Aqui está também uma boceta com cartuchos... estão cento e cinquenta, podes contar... Guarda a pistola, guarda os cartuchos... é tudo para ti... sou eu que tos dou...



LAURA

Para que ?

MAD. DORLOTIN, *com energia*:

Para que, meu anjo ?

LAURA

Sim, mamã, para que ?

MAD. DORLOTIN

Vou-lo dizer, eu, que sou tua mãe. Casei-te com este homem... Pensas que eu fiz isto de leve ou que seria discreta ? Vê-lo hemos mais tarde; por enquanto ninguém o sabe... Fez-me o efeito dum pobre diabo, e tanto me bastou. Pensei que te não não custaria muito levá-lo para onde quiseses pela ponta do nariz.

LAURA

Ó mamã, diz isso para me...

MAD. DORLOTIN

Cuidas tu que eu estaria a gracejar numa conjuntura tam solene ? Não posso estar mais preocupada, filha. Examina a situação em que te vais encontrar, como eu a examino — lialmente, exclusivamente, gravemente, francamente, honestamente...



LAURA

Sim, mamã.

MAD. DORLOTIN

Ou teu marido será o que deve ser ou não será. Se fôr, está tudo bem, e não terás necessidade de recorrer ao objecto em questão. Mas se a coisa sair ao envés, se teu marido tentar revoltar-se, se se mostrar ciumento ou simplesmente curioso; se, quando tu saíres, se permitir perguntar-te onde vais; se, quando voltares, se permitir perguntar-te donde vens; se te contrariar nas tuas funções de mulher, que é ser bonita e agradar a quantos encontres; se se opuser ao teu luxo e limitar as tuas despesas; se te coarctar nos teus direitos e escravizar na tua liberdade... oh! então, minha filha, oh! então... não te dirijas à lei, que é feita pelos homens... sim... pelos homens... em proveito dos homens... e por consequência mal feita... Não te dirijas à lei... dirige-te a ti mesma... declara-te pessoalmente juiz e executor dêsse homem... que não será homem... mas animal. Empunha a pistola de tua mãe e tic... tac... mata-o. Mata-o como um cão. (Com convicção). É um macaco.

LAURA

Matá-lo, mamã?

MAD. DORLOTIN

Sim, filha.



LAURA

E já ?...

MAD. DORLOTIN

Quanto antes, melhor. No casamento tudo depende do primeiro quarto de hora; e se, durante ele, hesitares em mostrar-te enérgica... Ai voltam eles... Embrulha tudo isso no jornal e dissimula-te...

LAURA

Está bem, mamã.

SCENA IV

Os MESMOS, Eduardo, o Visconde, PARENTES,

CONVIDADOS

Entram com o noivo. Eduardo veste um magnifico robe-de-chambre de ramagens e um bonet com borla vistosa.

CÔRO

São a hora misteriosa, etc.

EDUARDO

Já disse, mamã ?

MAD. DORLOTIN

Já, meu genro... e agora posso deixá-los sós.



EDUARDO

JÁ não é sem tempo, mamã.

O VISCONDE, *à parte*:

Aqui estou eu outra vez, e desta vez com uma
idéa fixa...

EDUARDO

Meus amigos, meus caros amigos...

LAURA

Ah ! mamã...

MAD. DORLOTIN

Minha filha ! *(Baixo)*. Tic... tac... não te es-
queças...

*(Abraça a filha pela última vez e preparam-se
todos para sair. — Entra Rosette).*

ROSETTE

Esperem, esperem !

MAD. DORLOTIN

Santo Deus, Rosette ! Que aconteceu ?

ROSETTE

É um homem que se apeia da carruagem...
e que diz que não comecem sem ele...

Um homem que se apeia... E quem será?
(*Castagnol aparece ao fundo*). Ah! sim, é meu
tio...

SCENA V

Os Mesmos e Castagnol

CASTAGNOL

Meu caro Eduardo! Chego a tempo, pois não
chego?

EDUARDO

Chega muito tarde: estamos casados desde pela
manhã.

CASTAGNOL

Entendo, mas a luta ainda não começou?

MAD. DORLOTIN

Que luta, senhor?

CASTAGNOL

Ora essa! A grande luta, a eterna luta do
masculino contra o feminino.

(*Movimento de surpresa nas damas*).

MAD. DORLOTIN

Senhor...



EDUARDO

Ah ! meu tio, isso não se diz !

CASTAGNOL

Como eu sou moralista... (*Tirando a brochura e esmurraçando-a*). Se tu tivesses lido isto, saberias que o que eu acabo de dizer é moral e alta moral.

MAD. DORLOTIN

E porque nos não deu o prazer de vir mais cedo ?

CASTAGNOL

Aconteceu-me um caso, minha senhora...

MAD. DORLOTIN

Um caso ! -

CASTAGNOL

Sim, ontem... Atravessando o jardim das Tuilherias, encontrei um colégio de meninas... algumas grandes e bonitas, que o juro eu. Então não me pude conter e lembrei-me do que dizia o mestre a pag. 11: «A natureza... a sociedade» e querendo imitar a natureza... a sociedade... meti-me entre elas, fiz espalhafato, e comecei a perseguir as raparigas no jardim, exclamando: «ao homem, meninas, ao homem !!!» O resultado foi prenderem-me.



O VISCONDE

E possível !

CASTAGNOL

Prenderam-me e levaram-me à policia. Expliquei ao chefe de esquadra que tudo aquilo era moral, e moral de costa arriba... O chefe de esquadra desfez-se em desculpas, porque tinha suposto uma inconveniência... Desfez-se em desculpas, e restituiu-me a liberdade ao cabo de vinte e quatro horas, porque, a final de contas, no grito que eu tinha dado não havia nada de politica...

O VISCONDE

Sim, senhor, gosto d'êste homem !

CASTAGNOL

Logo que tive liberdade, tomei o trem... (*Olhando em roda*) e chego a tempo para ver tua mulher, para analisá-la, discuti-la, compará-la e para te dizer o que nós pensamos, a brochura e eu.

EDUARDO

Está bem, meu tio, vou-lha apresentar.

CASTAGNOL

Oh ! é inútil... a intuição... Viva, minha sobrinha.



GABRIELA

Não, senhor. Eu já estou casada há dous anos.

CASTAGNOL

Casada... Ah! ah! casada!

(Examina-a, tira uma brochura da algibeira e continua a examinar Gabriela como se estivesse a tirar-lhe o horóscopo).

GABRIELA

Sim, senhor, casada... aqui está meu marido.

CASTAGNOL

Ah! é o* senhor! Os meus cumprimentos, os meus cumprimentos, senhor... *(Baixo)*. Eu tinha que lhe dizer.

PRIMEIRO MARIDO

A mim?

CASTAGNOL

Sim! Tenho que lhe dizer e hei-de-lhe dar... *(Alto, a Paulina)*. É então a v. exc.* que eu devo...

(Aguarda os braços para cingí-la).

PAULINA

*Não, senhor... Eu sou madame Cornillet.



CASTAGNOL

Ah ! é... ? *(Novo exame. Castagnol reprime-se para não se rir)*. Onde está o snr. Cornillet, pergunto eu ? onde está o snr. Cornillet ?

PAULINA

Aqui.

CASTAGNOL

Parabens muito sinceros. *(Baixo)*. Logo tenho que lhe dizer e hei-de-lhe dar... Sim ! Ora esta ! já me enganei duas vezes !...

(Eduardo, vendo que o tio se vai enganar terceira vez, toma a mão da mulher e apresenta-a).

EDUARDO

Aqui está minha mulher, meu tio !

CASTAGNOL

Tua mulher !

EDUARDO

Sim.

CASTAGNOL

E esta menina, que... ?



EDUARDO

E...

(Durante estas réplicas, fôgo de scena. Castagnol examina vagarosamente Laura, consulta a brochura, analisa os olhos de Laura, consulta outra vez a brochura, anda em redor de Laura, etc.).

CASTAGNOL, fechando a brochura e metendo-a ao bolso:

E preciso absolutamente que te fale, meu sobrinho.

EDUARDO

Pois sim, meu tio, amanhã. Todo o dia... às três horas... ou às quatro...

CASTAGNOL

Amanhã, não. Hoje mesmo...

EDUARDO

Ora essa, tio!

CASTAGNOL

E preciso. Trata-se da tua felicidade.

MAD. DORLOTIN

* Vá, ouça seu tio, meu genro. Nós, graças a



Deus, temos tempo. O filha, custa-te esperares um instante ?

LAURA

Não custa nada, mamã.

MAD. DORLOTIN

Ouça seu tio. Entretanto, vai-se-lhe preparar o quarto.

EDUARDO

Mas, mamã...

MAD. DORLOTIN

Escute seu tio, já se lhe disse, e não se esqueça de perguntar-lhe onde está o presente que lhe prometeu.

(Repete-se o câro. Saem todos, acompanhando Laura).

SCENA VI

Castagnol e Eduardo

EDUARDO

Depressa, sim, meu tio ?

CASTAGNOL

Não me comprometo. Há três ordens de mu-



lheres: as vestais que estão em cima, as matronas
que estão no meio e as hetaïres que estão em baixo.

EDUARDO

As hetaïres, meu tejo?

CASTAGNOL

Gostas talvez mais das *cocottes*?

EDUARDO

Gosto mais de minha mulher.

CASTAGNOL

Tua mulher está seguramente compreendida
numa destas* três categorias... em qual? É o que
é importante saber; tentemos... Tua mulher?...
Queres tu que te diga o que é tua mulher?...

EDUARDO

Se quero I...

CASTAGNOL

E uma Negra...

EDUARDO

Oh!

CASTAGNOL

*Não é outra coisa.



EDUARDO

É que não a viu bem, meu tio.

CASTAGNOL

Se vi... e uma Negra ou uma Pele-Vermelha... é melhor que vejas a pag. 69: «Nós acolovelamos todos os dias Peles-Vermelhas de tez rosada, negras de mãos brancas e polpudas, verdadeiras antropófagas que, na impossibilidade de comerem o homem crû, se dispõem e preparam a saborear o homem vivo». (Ouve-se um ronco sonoro). Hein, tu roncas ?...

EDUARDO

Não sou eu, meu tio...

CASTAGNOL

Não ! Foi aqui...

(Vai à chaminé e faz sair o visconde)

EDUARDO

Que é isto ?

O VISCONDE

Não faça caso.

CASTAGNOL

Ah ! é o amante... pag. 82... o amante... fazendo boquinha e aflambrando a perna.



O VISCONDE, *esfregando os olhos*:

Tornaram-me a pilhar!

EDUARDO

O visconde! (*Com severidade*). O senhor no quarto de minha mulher!

O VISCONDE

Eu não estou no quarto, estou na chaminé.

CASTAGNOL

Sim, é isso, ele devia ser visconde... há cem anos, seria um gentil-homem, com espada embainhada; há sessenta anos seria... há trinta anos haveria sido; hoje aqui está o que é!...

EDUARDO

Oh! aqui está o que é.

CASTAGNOL

Deixa-me falar.

EDUARDO

O tio fale; eu procederei.

CASTAGNOL, lendo a brochura:

«Tipo formidoso e encantador, há muito tem-



po, há muito, longe que eu ansiava defrontar-me contigo... Tentador eterno que tens revestido todas as formas, que alternadamente te has chamado D. Juan e Lovelace, Childe-Harold, e, como te chamas tu ?

O VISCONDE

Chamo-me Léchiné.

CASTAGNOL

Não sou eu que pergunto. *(Ao visconde)*. Por ora, sái, estou satisfeito.

EDUARDO

Sim, sái.

CASTAGNOL

E no caso que te demores, meu sobrinho será capaz de passar a vias de facto...

EDUARDO, *com violência*:

Oh ! sim...

O VISCONDE

Ah ! ah !

CASTAGNOL, *metendo-se entre ambos*:

Sái... digo-lo eu... vou provar que não há razão para castigar-te... vou provar que tu estás



no teu direito porque a tua missão é atacar... mas,
sai depressa.

O VISCONDE

Espere, que já vou. *(A parte)*. Hei-de meler a
cabeça e voltar.

(Sai).

EDUARDO

Então, meu tio, não quere que eu o desanque ?!

CASTAGNOL

Não... Não é êle que deves castigar.

EDUARDO

Então quem ?

CASTAGNOL

E ela... pag. 175, filho...

EDUARDO

Meu tio...

CASTAGNOL

Santo Deus ! como é aborrecido só poder dizer
a um sobrinho estas cousas, que mais são para um
filho... Finalmente, já que apesar das tuas precau-
ções, dos teus apontamentos, do teu conhecimento



dos homens e das cousas; apesar da tua virtude, da tua paciência e da tua bondade, porque tu és bom; já que, apesar de tudo isso, associaste a tua existência a uma mulher da terceira classe; já que, na mesma noite das núpcias, encontraste um homem no seu quarto... não hesites... pega lá...

(Entrega-lhe um facalhão, embrulhado num jornal).

EDUARDO

Que é isso ?

CASTAGNOL, *desembrulhando o jornal:*

É o presente que teu bom tio te prometeu.

EDUARDO, *trejeitando:*

Ah !

CASTAGNOL

Que tens tu ?...

EDUARDO

Eu não levava isso tam longe...

CASTAGNOL

Pega lá, escuta, e, já que estás em face do górdio, corta-o à maneira de Alexandre. Mata-a... filho.



EDUARDO

Dumas filho, é o que quiere dizer?

CASTAGNOL

Mata-a... filho; isto significa: Mata-a, meu sobrinho, pag. 27.

(*Entram todos*).

SCENA VII

Todos

ROSETTE, *entrando*:

O quarto de v. s.^a está pronto.

CASTAGNOL

Quem é esta menina?

ROSETTE

Chamo-me Rosette.

EDUARDO

E criada de quarto.

CASTAGNOL, *abrindo a brochura*:

Ah! sim... mulheres do templo... mulheres do lar... mulheres da... As criadas não estão classificadas... É uma lacuna.

ROSETTE

Então, senhor ?

CASTAGNOL

Que dizias, Rosette ?

ROSETTE

Meu senhor ?

CASTAGNOL

Es tu a mulher que sabe, Rosette ?

ROSETTE

Eu não sei nada, senhor.

CASTAGNOL

Eu, eu é que sei. Tu és a forma, Rosette. (*Pre-
cipitando-se para ela*). E eu, sou o movimento !...

(*Abraça-a*).

Todos, com indignação:

Oh ! senhor !

CASTAGNOL

Na minha qualidade de moralista...

MAD. DORLOTIN

Embora...

LAURA

Ah ! mamã !

MAD. DORLOTIN

Não te esqueceste... Tio... tãc... com fôrça...
Mata-o...

LAURA

Sim, mamã.

CASTAGNOL, a Eduardo:

Lembra-te do que te disse: se julgares que ela
te engana... Mata-a.

EDUARDO

Sim, meu tio...

O VISCONDE

Desta vez não me hei-de sair mal.

(Odeco: Sdem).

EDUARDO

SCENA VIII

Eduardo, *ocultando o facathão*, Laura, *ocultando a pistola*

EDUARDO *Entrando pela porta*

Laura, minha querida Laura, finalmente estamos sós!

LAURA *Entrando pela porta*

E verdade, meu amigo.

EDUARDO *Entrando pela porta*

Vem sentar-te ao pé de mim.

LAURA *Entrando pela porta*

Assentar-me aí?

EDUARDO

Sim. Não queres?

LAURA

Então não hei-de querer?

(Ela engatilha a pistola sem a mostrar, bem entendido).

EDUARDO

Eh! Que foi isto?...

LAURA

O que ?

EDUARDO

Não ouviste ?

LAURA

Não ouvi nada.

(Sentam-se um ao pé do outro).

EDUARDO

Laura, minha querida Laura !

LAURA

Meu bom Eduardo !

EDUARDO, depois de ter passado o facalhão duma
mão para outra:

Dá-me a tua mão... a outra.

LAURA, passando duma para outra mão a pistola:

Pois sim...

EDUARDO

Mas que é que tu tens ?

LAURA

Eu não tenho nada... mas tu parece que tens
alguma coisa que te inquieta...

EDUARDO, *com violência, levantando-se:*

Sim... tenho... é...

LAURA, *levantando-se e colocando-se em defesa de trás do canapé:*

Senhor...

EDUARDO

Fiz-te medo?

LAURA

Fizeste algum...

EDUARDO

Fui imprudente... Torna a sentar-te ao pé de mim...

(Sentam-se de novo, mas Eduardo, que ao princípio se sentára à esquerda de Laura, senta-se agora à direita. Naturalmente, o facão, e a pistola, em razão deste movimento, passaram duma para outra mão).

EDUARDO

Ora queres tu saber o que me inquieta? E que há pouco, neste quarto, vi um homem...

LAURA, *ingenuamente:*

Um homem?

EDUARDO

O visconde!



LAURA

Dás uma importância a isso!

EDUARDO

Como! Dou importância a isso!

LAURA

Não acabaste!

EDUARDO, *serenando*:

Não... não tenhas medo.

LAURA

Agora sou eu que quero a tua mão, a outra...

EDUARDO

Aqui está.

LAURA

Que é isso? Parece que escondes alguma coisa...

EDUARDO

Eu!... não. Não escondo nada... mas o visconde...

LAURA

Tu não farias mais dêle, se por acaso me estimasses mais... Eu sei o que é... teu tio falou-te de mim...



EDUARDO

Talvez.

LAURA

Que te disse ele? Quero saber...

EDUARDO

Disse-me que tu eras... negra.

LAURA

Negra l...

EDUARDO

Eu... não acreditei.

LAURA

Nunca pensei que na noite do meu casamento
me chamassem negra...

EDUARDO

Mas se eu descobrir mais tarde que..

LAURA

Que?

EDUARDO

Oh! então...

LAURA

Então, que, senhor! Então que? Se teu tio
te falou de mim, minha mãe falou-me de ti..



EDUARDO

E que te disse a senhora tua mãe ?

LAURA

Disse-me que tu eras um pobre diabo... mas vejo que se enganou... e que tu, ao contrário, és um diabo mau...

EDUARDO, *esquecendo-se, e deixando ver o facalhão:*

Um diabo mau ?

LAURA

Ah ! é isso o que escondias... Já sei... Mas se pensas que te será fácil vencer-me, enganas-te, porque eu me defenderei...

EDUARDO

Defender-te hás ! E como ?

LAURA

Com isto...

(Dispara dois ou três tiros. O visconde sai detrás do bastidor, gritando).

O VISCONDE

Ai ! ui ! ai ! ui !

LAURA

O visconde !



O VISCONDE

Pois é isto uma noite de núpcias? Ah! que se eu soubesse!...

*(Ouçam-se muitos tiros entre scenas, e gritos.
Entra Castagnol, e na placada Rosette).*

SCENA IX

Todos

CASTAGNOL

Socorro! socorro! o feminino revolta-se!

MAD. DORLOTIN

Horror! levantar a mão para uma pobre mulher!

EDUARDO

O presente que v. ex.^a fez a sua filha e a estes senhores correu parelhas com o que meu tio fez a estes senhores e a mim. O melhor é que não há mortos nem feridos. *(Ao visconde).* O senhor não está ferido?

O VISCONDE

Não.

EDUARDO

Sinto muito... O melhor é perdoarmos uns aos outros, e sairmos todos de braço dado.

O VISCONDE

Depois de tudo isto, podem-se escrever carra-
das de lólices num sentido ou noutro... Não é
verdade, mamã?

MAD. DORLOTIN

É escrever brochuras pró e contra.

CASTAGNOL

Acabo de receber uma... *O marido livre, a mu-
lher livre, e o amante livre no casamento...* Para
que se há-de então chamar casamento? Final-
mente... ele é livre...

LAURA

Há-de sempre cantar-se a velha canção que diz:

ÁRIA DA *Perichole*:

A mulher! sempre a mulher!
Enquanto o mundo durar,
A mulher! sempre a mulher!
Gire a terra o que girar.

TODOS

A mulher! sempre a mulher!

CASTAGNOL

Sempre a mulher!
Venham livros pró e contra,
Podem dizer
O que lhes apetece,
Que se perdão ou se mate;
Sempre há-de vir disparate.
A respeito da mulher.



ROSETTE

Eu perdôo o que ôles dizem...
Dizem mal? deixar dizer...
Quanto mais os homens ralhão,
Mais amor teem à mulher.

EDUARDO

Folga a gente enquanto é novo,
Mal começa a envelhecer,
Trata de matar o tempo
A praguejar da mulher.

CASTAGNOL

Uma faxia-se grave
E eu sempre a arrastar-lhe a asa!
Dei-lhe a lêr este livresco,
Logo m'apar'ceu em casa.

MAD. DORLOTIN

O Cláudio mata a Cláudia,
Diz o nosso verrineiro...
Se eu fôsse a mulher de Cláudio,
La-o matando primeiro.

TODOS

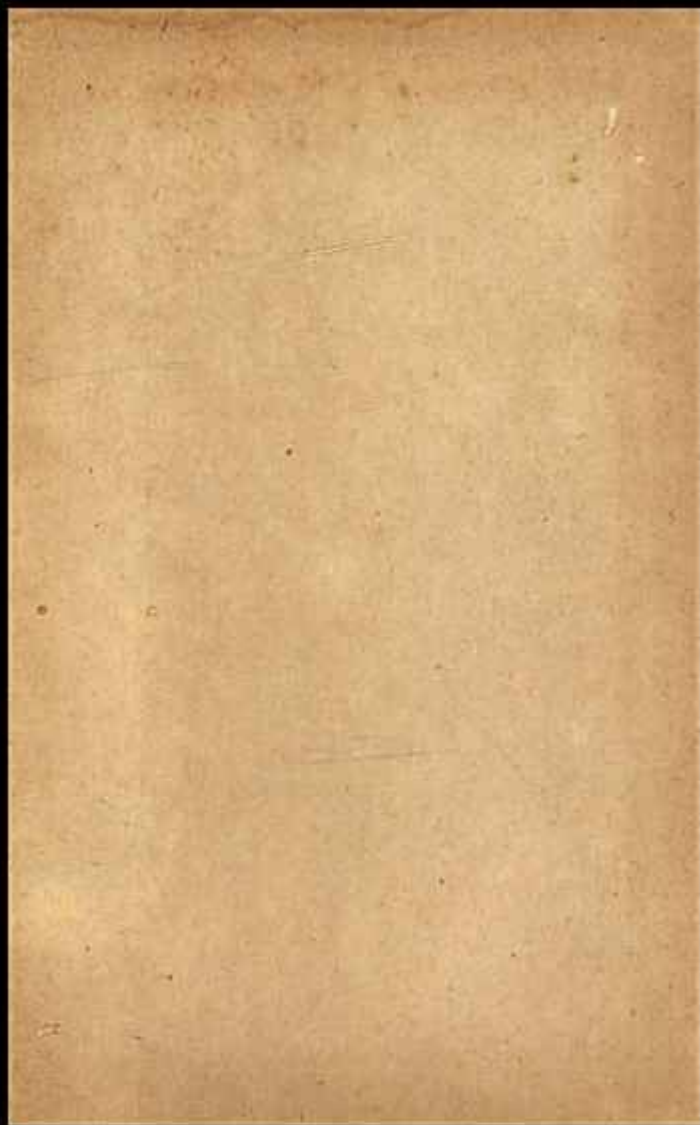
A mulher! sempre a mulher!

Atribuímos a tradução do *Mata-a, ou ela te matará*, a Camillo, quando, de facto, ella foi feita pelo sr. Alberto Pimentel, como se pode ver do n.º 93 do *Diário Illustrado*, de 1 de outubro de 1872; do que só tivemos conhecimento quando a impressão d'este livro estava quasi concluida. Por intermédio de pessoa das relações do sr. Alberto Pimentel, obtivemos a confirmação do facto.

Porto, 26 de julho de 1919.

Os editores.





Esta publicação deve ser devolvida na última data marcada

[illegible]

Mod. 105 - 03 - B

FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE ASSIS
BIBLIOTECA CENTRAL
REGISTRO DE EMPRÉSTIMO DE LIVRO
CTA-458

Tomos 2.693

Autor Branco, Camilo Castelo
Título Confissão de um homem 2 tomos
Classificação 859.08
881.60

TOMBO: 2.693

FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS
E LETRAS DE ASSIS

BIBLIOTECA CENTRAL

Se este livro não for devolvido dentro
do prazo, o leitor perderá o direito a novos
empréstimos.

O prazo poderá ser prorrogado se não
houver pedido para este livro.

MOD. 88 63 - B - 15.000

